



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ENFERMAGEM

ANDIARA RODRIGUES BARROS

SENTIDOS DA EXPERIÊNCIA DA SEXUALIDADE NO DISCURSO DE MULHERES

SALVADOR

2020

ANDIARA RODRIGUES BARROS

SENTIDOS DA EXPERIÊNCIA DA SEXUALIDADE NO DISCURSO DE MULHERES

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia como requisito de aprovação para obtenção do grau de doutora em Enfermagem e Saúde na Área de concentração “Enfermagem, Cuidado e Saúde”, na Linha de Pesquisa Cuidado à Saúde das Mulheres, Relações de Gênero e Etnicorraciais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Edméia de Almeida Cardoso Coelho.

SALVADOR

2020

B277

Barros, Andiara Rodrigues.

Sentidos da experiência da sexualidade no discurso
de mulheres/Andiara Rodrigues Barros. – Salvador, 2020.
175 f. : il.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Edméia de Almeida Cardoso Coelho.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia,
Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Saúde, 2020.
Inclui referências e anexos.

1. Sexualidade. 2. Corpo e Sexualidade. 3. Identidade de Gênero.
4. Saúde da Mulher. 5. Enfermagem – Bahia – Brasil.
I. Universidade Federal da Bahia. II. Título.

CDU 159.938.363.2

ANDIARA RODRIGUES BARROS

SENTIDOS DA EXPERIÊNCIA DA SEXUALIDADE NO DISCURSO DE MULHERES

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia como requisito de aprovação para obtenção do grau de doutora em Enfermagem e Saúde na Área de concentração “Enfermagem, Cuidado e Saúde”, na Linha de Pesquisa Cuidado à Saúde das Mulheres, Relações de Gênero e Etnicorraciais.

Aprovada em 28 de agosto de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Edméia de Almeida Cardoso Coelho



Doutora em Enfermagem. Professora da Universidade Federal da Bahia.

Prof.^a Dr.^a Cecília Maria Bacellar Sardemberg



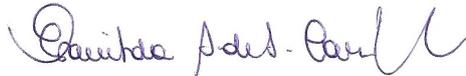
Doutora em Antropologia. Professora da Universidade Federal da Bahia.

Prof.^a Dr.^a Cleuma Sueli Santos Suto



Doutora em Enfermagem. Professora da Universidade Estadual da Bahia.

Prof.^a Dr.^a Evanilda Souza de Santana



Doutora em Enfermagem. Professora da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Prof.^a Dr.^a Mirian Santos Paiva



Doutora em Enfermagem. Professora da Universidade Federal da Bahia.

Prof.^a Dr.^a Rosália Teixeira Luz



Doutora em Enfermagem. Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Prof.^a Dr.^a Mariza Silva Almeida



Doutora em Enfermagem. Professora da Universidade Federal da Bahia.

DEDICATÓRIA

A todas as mulheres para que reconheçam e exerçam seus
poderes no âmbito da sexualidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus pela vida, saúde e pelas bênçãos diárias que me levaram a alcançar este objetivo.

À minha mãe Norma Barros, fonte de amor e apoio incondicional, pelas palavras de incentivo e por sempre acreditar na minha vitória.

Ao meu pai José Ferreira, por sempre me dizer que a educação é o caminho para a liberdade feminina.

A todos/as da minha família, pela atenção e carinho a mim dispensados, sempre confiando na minha capacidade de enfrentar os desafios.

Ao companheiro Danilo, que esteve ao meu lado compreendendo as ausências com paciência e estímulo.

À minha orientadora Prof.^a Dr.^a Edméia de Almeida Cardoso Coelho, por compartilhar conhecimentos e ser exemplo de dedicação, responsabilidade e ética no fazer ciência. Obrigada pelo seu tempo, atenção, paciência, carinho e exigências firmes quando necessário, que me auxiliaram nessa grande realização.

A todas/os professoras/es do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da UFBA, pela troca de saberes e experiências tão necessárias para construção desta tese.

Às mulheres participantes desse estudo, pela disponibilidade, cooperação em todas as fases de construção dos resultados e pela relação de confiança estabelecida.

Às professoras da banca examinadora de qualificação e defesa, pela disponibilidade, leitura minuciosa e pelas valiosas contribuições para o aprimoramento desta pesquisa.

Às colegas integrantes do Grupo de Pesquisa Gênero e Integralidade do Cuidado, pela relação de companheirismo e colaboração durante todo esse percurso acadêmico. Agradeço em especial à Fátima e à Rosália que, apesar da distância, se mantiveram próximas com conselhos e amizade.

Às/Aos colegas do curso de doutorado, pelas histórias vividas e pela cooperação em todo o período do curso.

Às bolsistas PIBIC Aline e Raquel, que colaboraram na coleta de dados com muita dedicação.

Às minhas coordenadoras de enfermagem do serviço Marisa Reis e Olga Santos, pelo apoio e incentivo para conclusão desta tese.

Às/Aos colegas do trabalho, que favoreceram a realização do curso com trocas de turnos para meu comparecimento às atividades acadêmicas.

A todos/as amigos/as que seguiram junto comigo torcendo pelo meu sucesso e crescimento.

Obrigada a todos/as. Amo cada um/a de modo especial.

Todo dia ele faz diferente
Não sei se ele volta da rua
Não sei se me traz um presente
Não sei se ele fica na sua
Talvez ele chegue sentido
Quem sabe me cobre de beijos
Ou nem me desmancha o vestido
Ou nem me adivinha os desejos

Dia ímpar tem chocolate
Dia par eu vivo de brisa
Dia útil ele me bate
Dia santo ele me alisa
Longe dele eu tremo de amor
Na presença dele me calo
Eu de dia sou sua flor
Eu de noite sou seu cavalo

A cerveja dele é sagrada
A vontade dele é a mais justa
A minha paixão é piada
Sua risada me assusta
Sua boca é um cadeado
E meu corpo é uma fogueira
Enquanto ele dorme pesado
Eu rolo sozinha na esteira

(Sem açúcar, Chico Buarque de Holanda, 1975).

RESUMO

BARROS, Andiara Rodrigues. **Sentidos da experiência da sexualidade no discurso de mulheres.** 2020. 175.f. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

A sexualidade é inerente ao ser humano, se apresenta em múltiplos aspectos da vida e no modo como as pessoas estabelecem relação consigo mesmas e com o mundo. Em relação à saúde das mulheres, a sexualidade é demandante de ações de cuidado oriundas de experiências com os parceiros, envolvem o seu corpo e são afetadas pelas relações de gênero. Esta pesquisa teve como objetivos conhecer a experiência da sexualidade no discurso de mulheres no âmbito da relação com parceiros e analisar sentidos da experiência da sexualidade expressos no discurso de mulheres. Trata-se de estudo de abordagem qualitativa, tendo gênero como categoria analítica, desenvolvida no Distrito Sanitário do Subúrbio Ferroviário de Salvador, Bahia. Participaram 14 mulheres cadastradas em uma Unidade da Estratégia Saúde da Família. O material empírico foi produzido no ano de 2019 por meio de três oficinas de reflexão e entrevista semiestruturada. A análise do material empírico foi realizada por meio da técnica de análise de discurso com base em Fiorin. Foram respeitados os aspectos éticos dispostos na Resolução 466/2012. Os resultados convergiram para quatro categorias empíricas: relacionamento abusivo na vivência da sexualidade feminina; prazer compartilhado como fator de proteção da relação afetivo-sexual; sujeição da mulher a uma supremacia masculina imposta no âmbito da sexualidade; e naturalização da subserviência das mulheres no âmbito da sexualidade. Os temas centrais abstraídos dos discursos revelam experiência de relacionamento abusivo com a objetificação da mulher e incorporação da subserviência como papel feminino pela obrigação de dar prazer, pelo temor de ser traída, de atrito e de agressão; a violência física, psicológica e sexual como experiência concreta que humilha e destrói relacionamentos, agravada pelo uso de álcool; imposições à sensualidade como poder do homem sobre o corpo da mulher; sexualização do corpo pela mulher como condição para manter o relacionamento; traição como experiência que afeta vínculos e fragiliza relações; prazer compartilhado como mobilizador de boas emoções e fator de proteção da relação afetivo-sexual. Desse modo, a experiência de mulheres no campo da sexualidade revelou a incorporação de valores da cultura patriarcal que as submete aos desejos do parceiro e ao domínio masculino sobre seu corpo e sua vida e reflete a hierarquia de gênero construída e solidificada historicamente pelas instituições sociais. Essas posições reveladas pelos discursos das mulheres estão estruturadas com base na internalização da cultura androcêntrica que reafirma e legitima a manutenção de desigualdades para o universo feminino. Assim, são perpetuadas desvantagens que limitam a autonomia e a liberdade de mulheres como direito sexual no desempenho da sexualidade. Diante disso, os resultados são ponto de partida para novas pesquisas e reorganização de propostas para formação profissional na temática, oferecendo subsídios para mudanças no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão. Nesse sentido, faz-se necessário ampliar perspectivas para as práticas de cuidado à saúde da mulher. Nessa, as relações que os serviços estabelecem com as mulheres precisam exercitar a escuta e o acolhimento das experiências com parceiros como prioridade no rastreamento de suas demandas, exercendo o seu papel no processo de empoderamento feminino.

Palavras-chave: Sexualidade. Corpo e Sexualidade. Identidade de Gênero. Saúde da Mulher. Enfermagem.

ABSTRACT

BARROS, Andiara Rodrigues. **Meanings of the experience of sexuality in women's discourse.** 2020. 175.f. Thesis (Doctorate degree) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

Sexuality is inherent to the human being; it presents itself in multiple aspects of life and in the manner in which people establish relationships with themselves and with the world. With reference to women's health, sexuality demands caring actions resulting from experiences with partners, involving their body, and are affected by gender relations. This research aimed to know the experience of sexuality in the speech of women in the context of the relationship with partners and to analyze the meanings of the experience of sexuality expressed in the speech of women. This is a study of a qualitative approach, having gender as the analytical category, it was developed in the Health District of Subúrbio Ferroviário, Salvador, Bahia. 14 women participated, all registered in a Family Health Strategy unit. The empirical data was produced in 2019 through three reflection workshops and semi-structured interviews. Analysis of the empirical data was performed based on the Fiorin discourse analysis technique. Ethical aspects, provisioned under Resolution 466/2012, were respected. The results converged to four empirical categories: abusive relationship in the experience of female sexuality; shared pleasure as a protective factor of the affective-sexual relationship; subjection of women to a masculine supremacy imposed in the sphere of sexuality; and naturalization of women's subservience in the area of sexuality. The central themes abstracted from the discourses reveal the experiences of abusive relationships with the objectivation of women and incorporation of subservience as a female role through the obligation of giving pleasure, due to the fear of being cheated, conflict and aggression; physical, psychological and sexual violence as a concrete experience that humiliates and destroys relationships, aggravated by the use of alcohol; impositions to sensuality as a power of the man over the woman's body; sexualization of the body by the woman as a means of maintaining the relationship; infidelity as an experience that affects bonds and weakens relationships; shared pleasure as a mobilization of good emotions and protection factor of affective-sexual relations. In this way, the experience of women in the field of sexuality revealed the incorporation of values from the patriarchal culture that submits them to the partner's desires and male dominance over their body and life and reflects the gender hierarchy constructed and solidified historically by social institutions. Such positions, revealed by the discourses of women, are structured based on the internalization of the androcentric culture which reaffirms and legitimizes the maintenance of inequalities for the female universe. Thus, disadvantages are perpetuated that limit the autonomy and freedom of women as a sexual right in the performance of sexuality. Accordingly, the results are a starting point for new research and reorganization of proposals for professional formation in this matter, offering subsidies for changes in the scope of education, research and extension. In this sense, it is necessary to expand perspectives for women's healthcare practices. In this, the relationships that services establish with women need to exercise listening and welcoming experiences with partners as a priority in tracking their demands, exercising their role in the process of empowering women.

Keywords: Sexuality. Body and Sexuality. Gender Identity. Women's Health. Nursing.

RESUMEN

BARROS, Andiara Rodrigues. **Sentidos de la experiencia de la sexualidad en el discurso de mujeres.** 2020. 175.f. Tesis (Doctorado) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

La sexualidad es inherente al ser humano, presentándose en múltiples aspectos de la vida y en el modo como las personas establecen relación consigo mismo y con el mundo. En relación a la salud de las mujeres, la sexualidad demanda acciones de cuidado oriundas de experiencias con parejas, involucran su cuerpo y afectadas por las relaciones de género. La investigación tuvo como objetivo conocer la experiencia de la sexualidad en el discurso de mujeres en el ámbito de la relación con sus parejas y analizar sentidos de la experiencia de la sexualidad expresos en el discurso de mujeres. Se trata de un abordaje cualitativo, teniendo género como categoría analítica. Fue desarrollada en el Distrito Sanitario de Suburbio Ferroviario, en Salvador, Bahia. Participaron 14 mujeres registradas en una Unidad de la Estrategia Salud de la Familia. El material empírico fue producido en el año 2019 por medio de tres talleres de reflexión y entrevista semiestructurada. El análisis del material empírico fue realizado por medio de la técnica de análisis de discurso con base en Fiorin. Fueron respectados los aspectos éticos dispuestos en la Resolución 466/2012. Los resultados se convergieron a cuatro categorías empíricas: relacionamiento abusivo en la vivencia de la sexualidad femenina; placer compartido como factor de protección de la relación afectiva-sexual, sujeción de la mujer a la supremacía masculina impuesta en el ámbito de la sexualidad y naturalización de la subordinación de las mujeres en el ámbito de la sexualidad. Los temas centrales abstraídos de los discursos revelan experiencia de relacionamiento abusivo con la objetivación de la mujer e incorporación de la subordinación como rol femenino por la obligación de dar placer, por el temor de ser traicionada, de atrito y de agresión; la violencia física, psicológica y sexual como experiencia concreta que humilla y destruye relacionamientos, agravada por el uso de alcohol; imposiciones a la sensualidad como poder del hombre sobre el cuerpo de la mujer; sexualización del cuerpo por la mujer como condición para mantener el relacionamiento; traición, como experiencia que afecta vínculos y fragiliza relaciones; placer compartido como movilizador de buenas emociones y factor de protección de la relación afectiva-sexual. Por consiguiente, la experiencia de mujeres en el campo de la sexualidad reveló la incorporación de la cultura patriarcal que las somete a los deseos de la pareja y al dominio masculino sobre su cuerpo y su vida y refleja la jerarquía de género construida y solidificada históricamente por las instituciones sociales. Esas posiciones reveladas por los discursos de las mujeres están estructuradas con base en la internalización de la cultura androcéntrica que reafirma y legitima la mantención de desigualdades para el universo femenino. Por lo tanto, son perpetuadas desventajas que limitan la autonomía y la libertad de mujeres como el derecho sexual en el desempeño de la sexualidad. Frente a esto, los resultados son puntos de partida para nuevas investigaciones y reorganización de propuestas para formación profesional en la temática, ofreciendo subsidios para cambios en el ámbito de la enseñanza, de la investigación y de la extensión. Así, se hace necesario ampliar perspectivas para las prácticas del cuidado a la salud de la mujer. En la salud de la mujer, las relaciones que los servicios establecen con las mujeres necesitan ejercitar la escucha y el acogimiento de las experiencias con parejas como prioridad en el rastreo de sus demandas, ejerciendo su rol en el proceso de empoderamiento de las mujeres.

Palabras-clave: Sexualidad. Cuerpo y Sexualidad. Identidad de Género. Salud de la Mujer. Enfermería.

LISTA DE ABREVIATURAS

ACS – Agentes Comunitárias de Saúde

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

CAAE – Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

ESF – Estratégia Saúde da Família

GEM – Centro de Estudos sobre Saúde da Mulher

HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ISTs – Infecções Sexualmente Transmissíveis

NASF – Núcleos de Apoio à Saúde da Família

PAISM – Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNAISM – Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

USF – Unidade Saúde da Família

UFBA – Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1	DIMENSÕES SOCIAL E CULTURAL DA SEXUALIDADE	18
2.1.1	Sexualidade e a perspectiva foucaultiana de poder	21
2.1.2	Sexualidade e o corpo da mulher	25
2.1.2	Sexualidade e direitos sexuais	29
3	GÊNERO COMO CATEGORIA ANALÍTICA	33
4	MÉTODO	38
4.1	TIPO DE ESTUDO	38
4.2	LOCAL DA PESQUISA	38
4.3	PARTICIPANTES DA PESQUISA	39
4.4	ASPECTOS ÉTICOS	40
4.5	TÉCNICAS PARA PRODUÇÃO DO MATERIAL EMPÍRICO	41
4.6	PRODUÇÃO DO MATERIAL EMPÍRICO	44
4.7	TÉCNICA DE ANÁLISE DO MATERIAL EMPÍRICO	53
5	RESULTADOS	54
5.1	CARACTERIZAÇÃO DAS PARTICIPANTES	54
5.2	RELACIONAMENTO ABUSIVO NA VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE FEMININA	56
5.3	PRAZER COMPARTILHADO COMO FATOR DE PROTEÇÃO DA RELAÇÃO AFETIVO-SEXUAL	75
5.4	SUJEIÇÃO DA MULHER A UMA SUPREMACIA MASCULINA IMPOSTA NO ÂMBITO DA SEXUALIDADE	80
5.5	NATURALIZAÇÃO DA SUBSERVIÊNCIA DAS MULHERES NO ÂMBITO DA SEXUALIDADE	103
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
	REFERÊNCIAS	124
	APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de usuárias	154
	APÊNDICE B - Ficha de identificação de Usuárias da ESF	156
	APÊNDICE C - Roteiro da 1ª oficina de reflexão/ Usuárias da ESF	157
	APÊNDICE D - Roteiro da 2ª oficina de reflexão/ Usuárias da ESF	160
	APÊNDICE E - Roteiro da 3ª oficina de reflexão/ Usuárias da ESF	163
	ANEXO A - Termo de Confidencialidade	165
	ANEXO B - Termo de Compromisso da Pesquisadora	166
	ANEXO C - Declaração de Concordância da Orientadora	167
	ANEXO D - Termo de Autorização Institucional da Proponente	168
	ANEXO E - Parecer Secretaria Municipal da Saúde/Salvador	169
	ANEXO F - Carta de Anuência Secretaria da Saúde/Salvador	171
	ANEXO G - Parecer de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa	172

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade se apresenta como a busca por satisfação plena, em desenvolvimento contínuo, e envolve questões biológicas, psicológicas e sociais, não se limitando a definição de sexo biológico e reprodução (CAMARGO; SAMPAIO NETO, 2017). É inerente ao ser humano e se apresenta em todos os aspectos da vida, influenciando modos de sentir, de se expressar e de se comunicar das pessoas, revelando a forma como o indivíduo estabelece sua relação consigo mesmo e com o mundo. Compõe a personalidade das pessoas e se desenvolve como uma necessidade pelo desejo de contato, intimidade, expressão emocional, prazer, amor e cuidado (MORAES et al., 2011).

Portanto, a sexualidade é uma questão social e política, construída e aprendida de diferentes modos pelas pessoas durante a vida. A maneira como a sexualidade é vivenciada pode interferir em aspectos relacionais, na aprendizagem e na saúde física e mental das pessoas (COSTA et al., 2014). Historicamente, a compreensão da sexualidade se baseou em mitos e tabus que influenciam e impõem obstáculos para a liberdade sexual, criando interdições que acompanham a construção social das mulheres.

A discussão sobre o sexo nas esferas política, econômica e técnica é guiada por discursos morais, em que o sexo deve ser regulado para o bem de todos, com controle de fenômenos como natalidade, morbidade, expectativa de vida, precocidade e frequência das relações sexuais e/ou incidência de doenças e ao estado de saúde de uma forma geral (YAMADA et al., 2015).

Nesse sentido, a sexualidade faz relação com "o que fazemos, o que estamos obrigados a fazer, o que nos está permitido fazer, o que nos está proibido fazer no campo da sexualidade; e o que está proibido, permitido ou é obrigatório dizer sobre nosso comportamento sexual" (FOUCAULT, 2020, p. 9). O sexo existe também nas relações entre saber e poder nas quais se encadeiam "a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências" (FOUCAULT, 2017).

No enfoque feminista, a sexualidade é discutida na relação com as especificidades de gênero com vistas a abrir espaços ao empoderamento, tendo a pedagogia feminista o objetivo de propiciar meios para que mulheres se libertem de processos ideológicos que historicamente legitimam desigualdades (SARDENBERG, 2011). Nessa perspectiva, a autonomia é

sustentada por práticas coletivas baseadas no empoderamento e na libertação das mulheres das situações de desigualdade de poder a que estão submetidas (SALDANHA MARINHO; GONCALVES, 2016). O empoderamento feminino, por sua vez, é resultado da autonomia sobre o corpo, da luta pela participação nas decisões, pela melhoria do bem-estar social e pelos direitos (MOREIRA, 2012).

Em se tratando da sexualidade, o feminismo busca repensá-la e recriá-la sem hierarquizações e considera que desejos e prazeres são possíveis com liberdade e autonomia (ALVES; PITANGUY, 2017). Também defende os direitos sexuais e reprodutivos como necessários para a conquista da liberdade sexual das mulheres. Os direitos reprodutivos estão relacionados aos direitos das mulheres de regular a sua própria sexualidade e capacidade reprodutiva, pela liberdade de escolha para definir sobre ter ou não filhos/as, o modo, a quantidade e a possibilidade de estabelecer matrimônio de maneira livre. Em consonância, os direitos sexuais se referem ao direito de viver a sexualidade com prazer, considerando a liberdade individual e o respeito mútuo nas relações para o bem-estar sexual (HERA, 1999; CORREA; ALVES; JANNUZZI, 2006). Sob esses aspectos, a perspectiva feminista está direcionada à problematização da realidade de mulheres rumo à libertação e melhoria da situação de vida e saúde.

Assim, a sexualidade é demandante de ações de cuidado oriundas das relações de gênero. Nesse âmbito, legitimam-se papéis socialmente instituídos com supremacia dos homens na satisfação de seus desejos e com negação de poder e autonomia às mulheres para o exercício de uma sexualidade plena.

No campo da saúde, a predominância do modelo biomédico fortalece a compreensão de sexualidade como fenômeno biológico, e sua abordagem centrada no diagnóstico e tratamento de problemas de saúde favorece o atendimento individual a partir da demanda de cada mulher. Resultados de pesquisa mostram que mulheres se responsabilizam por problemas na relação sexual e identificam a necessidade dessas em dialogar com seus parceiros sobre problemas, desejos e preferências (TRINDADE; FERREIRA, 2008).

É necessário, portanto, considerar que no exercício da sexualidade interagem fenômenos de prazer, emoção, afetividade e comunicação; as experiências vivenciadas geram demandas de saúde e necessitam de cuidado interdisciplinar (SOUTO; SOUZA, 2004).

Na saúde da mulher, a atenção e o respeito à vivência da sexualidade com liberdade e autonomia compõe a proposta do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), criado em 1984. Para tanto, o PAISM valoriza as demandas de cuidado às mulheres para além das especificidades reprodutivas, rompe com a perspectiva materno-infantil e defende que atividades educativas se desenvolvam sob bases participativas e reflexivas que facilitem a troca de experiências entre as mulheres, alinhada com o que defende o movimento feminista (COELHO et al., 2009).

Na atualidade, a orientação para esse fim é dada pela Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM), que, criada em 2004, visa ampliar os cuidados específicos às mulheres na rede de atenção para melhoria das condições de vida e saúde, redução da morbimortalidade feminina e qualificação e humanização do cuidado a esse grupo populacional (BRASIL, 2011).

Ações cuidadoras são de domínio de profissionais de saúde, usuários/as e de suas famílias, de modo que todos/as podem produzi-la por meio do acolhimento, escuta, interesse, construção de relações de confiança e conforto. Como essas ações mobilizam saberes específicos adquiridos a partir de vivências individuais, o compartilhamento das experiências amplia e favorece as possibilidades de compreensão e comunicação com os/as usuários/as dos serviços de saúde (FEUERWERKER, 2014).

Demandas no âmbito da sexualidade nem sempre são reconhecidas pelo serviço de saúde em razão do modelo de atenção em que se apoiam, com supervalorização de atividades clínicas em detrimento das atividades de cunho emancipatório. Duas pesquisas, uma realizada na Suécia e na África do Sul, sobre a relação da enfermagem e o campo da sexualidade demonstraram que a maioria dos/as participantes referiram desconhecimento sobre a temática sexualidade e formas de abordá-la, incluindo-se as atitudes marcadamente conservadoras (SAUNAMAKI; ANDERSSON; ENGSTRÖM, 2010; MACLEOD; NHAMO-MURIRE, 2016). Assim, embora o cuidado constitua uma prática social e o corpo seja objeto de manifestação da sexualidade, falar da sexualidade, seja nas escolas de formação profissional ou nos serviços de atenção à saúde, abarca a condição de tabu, com sentido velado e, de certo modo, proibido (COSTA; COELHO, 2013).

Na atenção à saúde da mulher, problematizar a realidade em que se inserem suas demandas abre caminhos ao empoderamento feminino, reconhecendo que as relações de gênero acompanham suas experiências e que as desigualdades que estruturam tais relações

retardam o domínio da mulher sobre o seu corpo e sua sexualidade. A superação possível requer, dentre outros aspectos, mudanças de visão de mundo com efeitos nas relações interpessoais e no cuidado à saúde.

Concretizar tal perspectiva implica em vencer múltiplos desafios, entre eles a superação do modelo biomédico, que orienta formação profissional, práticas e organização dos serviços. Tal modelo tem matriz ideológica centrada na racionalidade técnica e nos seus padrões de normalidade, reduzindo seres humanos a corpos biológicos, descontextualizados socioculturalmente. Sob esse paradigma, a atenção é dirigida a sujeitos individuais, impedindo a síntese entre o individual e o coletivo.

Estudo voltado a mulheres em situação de violência identifica que o cuidado fragmentado à saúde da mulher, e pautado nas questões biológicas, pode dificultar o diálogo e o relato de mulheres em situação de violência por não entenderem ser essa uma demanda para o serviço de saúde, comprometendo o desenvolvimento de projetos assistenciais. Em contrapartida, o acolhimento, a criação de vínculo e visitas domiciliares são potencializadoras da prática assistencial (SILVA; PADOIN; VIANNA, 2013). Mulheres muitas vezes recorrem estrategicamente a rede de apoio social e afetiva para o enfrentamento da violência. No entanto, as relações estabelecidas entre a mulher e sua rede são complexas e podem tanto facilitar quanto dificultar no enfrentamento das situações de violência doméstica (ROCHA; GALELI; ANTONI, 2019).

Em pesquisas realizadas em áreas de cobertura da Estratégia Saúde da Família (ESF), no estado da Bahia, Brasil, constatou-se distanciamento das mulheres das unidades de saúde por não se sentirem acolhidas em suas demandas, pelo desequilíbrio entre oferta e demanda e por terem acesso limitado a informações e a ações resolutivas. No mesmo espaço, há superficialidade nas relações entre profissionais e usuárias que as afasta da busca de atenção nesses serviços da rede básica de saúde (SOUSA, 2011; BARROS, 2013). Embora haja o reconhecimento das demandas de saúde apresentadas pelas usuárias do serviço de atenção primária, as práticas profissionais permanecem direcionadas às ações técnicas (BARROS, 2013).

Outro estudo evidenciou ações de saúde voltadas a mulheres em idade reprodutiva, vivendo em vulnerabilidade social e econômica, com histórico de problemas afetivos, submissão aos parceiros e sobrecarga pelo acúmulo de atividades. As equipes desempenham atividades pautadas no acolhimento, escuta sensível, construção de vínculo e que ressaltem a

importância de educação em saúde, porém barreiras estruturais geram descontinuidade da atenção e direcionam o saber de modo verticalizado, sem a devida valorização das experiências de vida das mulheres. Assim, participantes consideram necessário o acolhimento pela escuta, uma educação em saúde que contribua para a autonomia feminina, e propõem mudanças por meio da problematização da realidade para subsidiar práticas, oferecendo suporte para aprofundamento de pesquisas voltadas à saúde da mulher na ESF (OLIVEIRA, 2016).

Pesquisa em cidade de Pernambuco, Brasil, revelou fundamentos hegemônicos na organização do serviço e práticas educativas orientadas pelo olhar tecnicista que não abrem caminhos à liberdade e à autonomia das mulheres. No entanto, as equipes reconhecem a necessidade de mudança e se dispõem a participar de trabalhos grupais que problematizem a realidade e busquem transformar as práticas de cuidado. Para sua efetivação em ações concretas, exige-se que profissionais de saúde também tenham a oportunidade de rever suas práticas de cuidado, o que sugere um trabalho a partir do diálogo problematizador da realidade (FALCÃO, 2015).

Resultados das pesquisas supracitadas, algumas delas desenvolvidas pelo Grupo de estudos Gênero e Integralidade do Cuidado, do qual sou integrante, se somam as minhas observações empíricas no âmbito da atenção à saúde das mulheres desde o período da graduação em que fui bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) pelo Centro de Estudos sobre Saúde da Mulher – GEM da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Assim, minhas experiências como enfermeira e no desenvolvimento de pesquisas na área da saúde da mulher me permitiram perceber as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no cotidiano dos serviços de saúde para atendimentos às suas necessidades, as estratégias adotadas por elas para acessarem os serviços estando inseridas em contextos socialmente desfavoráveis, como também a não percepção de problemas de ordem emocional e relacional como questões de saúde, tanto pelas usuárias como por parte dos serviços que muitas vezes mantêm o olhar tecnicista.

Diante dos obstáculos que se conformam frente a sexualidade de mulheres, sejam em decorrência das desigualdades de gênero ou relacionadas às dificuldades dos serviços em reconhecer demandas nesse âmbito, decidimos pela realização de uma pesquisa tendo como pressuposto que uma vez inseridas em sociedade de base patriarcal, a experiência das

mulheres no âmbito da sexualidade dá-se atrelada a valores que as mantêm sob os limites do poder masculino sobre seu corpo e sua vida. Reproduzem-se assim desigualdades que distanciam suas experiências da perspectiva de autonomia e da liberdade no exercício da sexualidade como direito sexual.

Diante do pressuposto, buscamos responder à seguinte **questão de pesquisa:**

- Quais os sentidos da sexualidade expressos no discurso de mulheres a partir da experiência com parceiros?

Para respondê-la, o estudo teve como **objetivos:**

- Conhecer a experiência da sexualidade no discurso de mulheres no âmbito da relação com parceiros.
- Analisar sentidos da experiência da sexualidade expressos no discurso de mulheres.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 DIMENSÕES SOCIAL E CULTURAL DA SEXUALIDADE

A sexualidade é uma invenção do século XVIII a partir da qual se difunde discursos sobre o sexo das pessoas e, no ocidente, passa a expressar a natureza íntima do sujeito. Diante disso, a sexualidade e o corpo estão interligados e são socializados pela cultura que constrói e reproduz entre as pessoas valores morais baseados em normas preestabelecidas sobre sexo (HEILBORN, 2002). A construção da sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos e convenções, que são processos culturais (LOURO, 2011).

A conceituação de sexualidade depende do momento histórico e social no qual a pessoa constrói sua compreensão, ressaltando-se que a representação é particular a uma determinada cultura. Os significados atribuídos à sexualidade são decorrentes de valores e evidenciam as diferentes experiências de pessoas em relação à família, escola, acesso a meios de comunicação, redes de amizade e vizinhança. Além disso, é uma atividade aprendida culturalmente, em que as pessoas são socializadas para a entrada na vida sexual (HEILBORN et al., 2006). Essas socializações geram diferentes formas de interpretar e vivenciar a sexualidade. Nessa perspectiva, o corpo e a sexualidade devem ser compreendidos a partir de um contexto sociocultural imbuído de significados e que são continuamente reelaborados na vida de cada pessoa e na história das sociedades (ARAUJO et al., 2012).

A sexualidade é uma dimensão humana que se relaciona à vida, ao amor, à autonomia e à beleza da pessoa. Os sentidos atribuídos à sexualidade baseiam-se nos desejos pessoais e escolhas afetivas, bem como sua significação existencial, social, estética, erótica, ética e moral (MENEGON; SILVA, 2015). Seu sentido é reforçado como simbólico e histórico, pois é parte da constituição da identidade de uma pessoa, envolvendo o modo como vive sua intimidade e considera questões morais e éticas da sociedade na qual se insere (KAHHALE, 2015).

Desse modo, a sexualidade não se restringe a componentes naturais, devendo ser compreendida como decorrente de processos inconscientes e culturais, uma vez que está relacionada com a subjetividade das palavras, imagens, rituais e expressão do corpo (WEEKS, 1993). Diante disso, pode ser entendida como uma invenção social, pois parte de múltiplos discursos que regulamentam, normatizam e produzem verdades (FOUCAULT, 2017). Além

de ser uma questão pessoal, é também social e política, construída ao longo da vida, de muitos modos.

Por ser condição humana, a sexualidade transforma-se durante a vida de acordo com as experiências individuais e coletivas. Desse modo, a percepção corporal, a forma de ser com outras pessoas e de ser no mundo se relaciona à formação da sexualidade (OLIVEIRA; JESUS; MERIGHI, 2008).

O termo sexualidade pode ser abordado como uma busca contínua por satisfação plena, que envolve as questões biológicas, psicológicas e sociais (CAMARGO; SAMPAIO NETO, 2017). É inata à pessoa e apresenta especificidades inerentes a cada fase do ciclo vital, porém transcende o cunho biológico, superando o instinto relacionado à reprodução e constituindo-se em fonte de excitação e prazer (FERNANDEZ; GIR; HAYASHIDA, 2005). Assim, a vivência da sexualidade é uma experiência humana que envolve emoção, prazer, comunicação, afetividade e apresenta simbologia do desejo, permeando todos os momentos da vida com significados complexos, multifacetados e singulares (PAULA; TAKAHASHI; PAULA, 2009).

A subjetividade em que se firmam as relações pessoais e interpessoais também abrange a sexualidade, podendo ser compreendida como uma expressão de aspectos da personalidade (OLIVEIRA; JESUS; MERIGHI, 2008). Pela sua influência nos pensamentos, sentimentos e ações das pessoas, a sexualidade repercute na saúde física e mental. De modo complementar, significa motivação para buscar amor, ternura e intimidade integrada ao modo de sentir, mover, tocar e ser tocada/o, ser sensual e, ao mesmo tempo, sexual (WHO, 2017).

Na antiguidade, a sexualidade era vivenciada com liberdade, sem interferência de noções de pecado ou moral. O sexo era vivido com fins de reprodução e como busca de amor, prazer sexual e sensualidade (PEREIRA, 2008). Com o advento do cristianismo, a moralidade adentra a sexualidade, favorecendo a castidade e o casamento com práticas sexuais de recusa ao prazer sexual e fins exclusivos de reprodução. Argumentos, proibições e normas para o controle do erotismo foram criados pela religião, pela medicina e pela psicanálise, por meio de um discurso ético ou normativo embasado no pensamento de que a sexualidade e o ato sexual devem ser vividos na lógica de amor a Deus, à família e com fins de procriação (MENEGON; SILVA, 2015). Desse modo, o cristianismo atribuiu valor

moral e espiritual à abstinência sexual, à castidade e à virgindade e associou o sexo ao pecado, ao mal e à morte (FOUCAULT, 2020).

Desse modo, poder, saber e sexualidade se ligam ideologicamente e favorecem a dominação, a opressão e a domesticação de mulheres pela Igreja, medicina e discursos jurídicos fortalecidos pelo Estado com o poder repressivo (FOUCAULT, 2020). Diante disso, limitar o papel feminino, reprimir a sexualidade e a liberdade do próprio corpo são fenômenos perpetuados historicamente e legitimados pelo discurso estruturado nas sociedades, que criaram no imaginário social a figura de uma mulher submissa, frágil e limitada ao espaço privado (MIRANDA, 2016).

Heilborn (1997, p. 4) afirma que “a sexualidade é uma forma moderna de arranjo e construção de representações e atitudes acerca do que seria uma orientação erótica espontânea, traduzindo uma dimensão interna dos sujeitos, ordenada pelo desejo”. Coaduna-se com uma grande rede “em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros” (FOUCAULT, 2020, p. 100).

A sexualidade extrapola a ideia de sexo e se refere às relações afetivas entre as pessoas, bem como seus costumes, práticas e prazeres sexuais (BASTOS; ANDRADE, 2016). O sexo é entendido pelo misto de prazer e culpa, que desperta curiosidade e ao mesmo tempo a impossibilidade de falar sobre o tema. A relação entre sexo e poder estabelece rejeição, uma vez que o poder dita a lei do permitido e proibido e gera o ciclo da interdição, sujeitando a pessoa à submissão nas relações sexuais. Historicamente, as relações de sexo deram lugar a um dispositivo de aliança, que se caracteriza pelo matrimônio, desenvolvimento de parentescos, transmissão de bens, valorização da reprodução e hereditariedade. Tal dispositivo foi suprimido posteriormente pelo da sexualidade, que valoriza as sensações do corpo, os prazeres e o que o corpo produz e consome (FOUCAULT, 2020).

Nesse contexto, a sexualidade se refere à intimidade e aos efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos e nas relações sociais por influência de um dispositivo relacionado à política vigente. Desperta o interesse do público, pois a conduta sexual envolve saúde pública e natalidade, o que impacta nas relações de produção de riquezas e capacidade de trabalho. Assim, interdições na sexualidade, por meio do controle dos corpos e ajustamento da população aos processos econômicos, participam da afirmação do capitalismo (FOUCAULT, 2017).

A sexualidade feminina foi objeto de interdição em vários campos, e a mulher, pela sua condição desigual em relação ao homem, por muitos anos viveu sob a sua tutela — em primeira instância do pai e em segunda do marido —, com sua sexualidade normatizada pelos padrões cristãos, legitimada pela instituição do casamento e pelo cumprimento da função reprodutora (FOUCAULT, 2020).

O poder exercido sobre a sexualidade feminina é fortemente dirigido pelo patriarcado. De acordo com Heleieth Saffioti, o patriarcado é um sistema que exerce sobre as mulheres poder de ordem material e ideológica, abrangendo a relação da classe, raça/etnia e gênero num processo de dominação e exploração (SAFFIOTI, 2015).

É consenso o entendimento de que o patriarcado se trata de uma instituição social dominada por homens e que mantém mulheres em posição de desvantagem e submissas ao poder masculino, tanto nas esferas políticas, como nas sociais e/ou econômicas. Mesmo que as diversas formas de dominação e suas instituições venham se transformando com os anos, a dominação masculina continua presente (BIROLI; MIGUEL, 2014).

Todavia, diante de diferentes possibilidades de compreensão sobre o patriarcado e as divergências de conceito nos estudos feministas, muitas teóricas não o utilizam, mas se aplica a diferentes momentos históricos em que mulheres estiveram sob o domínio de um patriarca, não compatível com a organização das sociedades contemporâneas (AZEVEDO, 2019).

Nos estudos feministas, o conceito de patriarcado perde espaço com o advento da categoria de análise gênero. No entanto, autoras feministas defendem a necessidade de aprofundar-se na teoria social do patriarcado para compreender sua força sobre a opressão feminina, que inclui interdições sobre a sexualidade ainda na contemporaneidade.

Assim, uma vez inseridas em uma sociedade hegemonicamente patriarcal, sempre incidiu sobre as mulheres poderes sobre a sua sexualidade, regulando sua vida, seu corpo e seus desejos. Na medida em que tais controles são impostos, as mulheres não constroem autonomia nem liberdade, o que as coloca em franca desvantagem na relação com os homens.

2.1.1 Sexualidade e a perspectiva foucaultiana de poder

Debates sobre sexualidade incluem a discussão acerca das relações de poder, pautados na ideia de que não há centralidade desse e que deve ser analisado como algo que funciona e

se exerce em rede, com pessoas circulando por suas malhas e o poder transpassando pelas pessoas, de modo que possam tanto exercê-lo quanto sofrer com sua ação. Assim, os primeiros efeitos de poder recaem sobre indivíduos, e se constituem em corpos, gestos, discursos e desejos, de modo que o indivíduo é simultaneamente um efeito do poder e seu centro de transmissão (FOUCAULT, 2016).

Michel Foucault defende que as relações de poder são exercidas a partir de diferentes pontos da sociedade, funcionando como uma rede de dispositivos com ampla abrangência e influência e sob as quais as resistências se configuram. Destaca-se que o poder transcende a instância repressiva, negativa, e se caracteriza também como ação produtiva e transformadora (ALVES, 2009).

Nesse contexto, Foucault considera que todas as relações humanas são atravessadas por relações de poder e dispõe que o poder não se exerce através de conflitos ou enfrentamentos, mas por meio de uma ação que direciona outras ações geralmente influenciadas pelo aconselhamento, indução, sedução ou pelo facilitar ou dificultar, constituindo-se assim jogos de poder. Ademais, delibera sobre a importância da liberdade na constituição de relações de poder, distinguindo e associando o fato de uma pessoa estar inteiramente disponível a outra à relação de violência ilimitada e não ao exercício de poder (SANTOS, 2016).

Não se concebe o poder localizado em apenas um lado, e se defende que seu exercício se dá sempre entre sujeitos que são capazes de resistir, do contrário se estabelece uma relação de violência. Foucault (2017, p. 91) defende a liberdade e o potencial de revolta como fatores intrínsecos ao poder quando afirma que "lá onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder".

Nesse sentido, o poder deve ser entendido como estratégia, e não privilégio de poucos passíveis de transmissão ou apropriação, conforme se lê a seguir:

não se aplica pura e simplesmente como uma obrigação ou uma proibição, aos que "não têm"; ele os investe, passa por eles e através deles; apóia-se neles, do mesmo modo que eles, em sua luta contra esse poder, apóiam-se por sua vez nos pontos em que ele os alcança [...] não são unívocas; definem inúmeros pontos de luta, focos de instabilidade comportando cada um seus riscos de conflito, de lutas e de inversão pelo menos transitória da relação de forças (FOUCAULT, 2017, p. 29).

Foucault sistematiza o exercício de poder sobre a sexualidade por meio de quatro regras essenciais, quais sejam: exigências proibitivas do poder, de origem econômica ou

ideológica, instituindo a sexualidade enquanto domínio; distribuição ou apropriação da correlação de força em momentos distintos da relação da sexualidade entre homens e mulheres; duplo condicionamento e relação de interdependência entre foco local e estratégia global; e a multiplicidade de elementos discursivos podendo-se refletir como estratégia tanto do dominante como do dominado, a depender da situação (FOUCAULT, 2017).

Desse modo, os dispositivos de poder buscam regular a sexualidade, normatizando suas práticas a padrões estabelecidos socialmente, naturalizando ideias e construindo verdades ilusórias para atuar sobre o corpo feminino, domesticando-o em nome de adequação social e moral (FOUCAULT, 2017).

As relações de poder relacionadas à subordinação feminina e à dominação masculina se constituem como a principal linha divisória de poder na ordenação dos gêneros nas sociedades ocidentais. Essa estrutura de desigualdade persiste apesar das resistências, como o feminismo, e das conquistas femininas por liberdade e ocupação de espaços antes exclusivos do homem (SILVA, 2006).

Assim, se incorpora aos estudos sobre mulheres a ideia de panóptico: trata-se de um mecanismo com estrutura física favorável para regular prisioneiros que permite que um único guarda localizado ao centro vigie todas as celas simultaneamente, sem que seja possível identificar o momento exato da observação. Essa imagem se relaciona à vigilância exercida sobre as mulheres ou categorias sociais discriminadas em que a sociedade opera como panóptico de vigilância contínua sobre suas condutas sem que percebam (FOUCAULT, 2014).

A essa ideia também se enquadra o corpo da mulher, ocupando espaço de corpo submetido ao controle social em decorrência da domesticação e disciplinarização desse corpo voltado ao sexo por obrigação para bel-prazer masculino. Foucault, ao discursar sobre poder disciplinar, defende que esse é

Um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo [...] A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício [...] O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame (FOUCAULT, 2014, p. 143).

O corpo da mulher tem sido regulado por dispositivo específico de saber e poder, que o qualifica e desqualifica-o como corpo saturado de sexualidade, já tendo decorrido inclusive na sua patologização e integração ao núcleo das práticas médicas. A esse corpo também é assinalado a função de corpo social, com regulação da fecundidade, e dirigido ao espaço familiar e ao cuidado das crianças, com desempenho de atividades domiciliares, cuidado do cônjuge e responsabilidade biológico-moral com filhos/as (FOUCAULT, 2017). Diante disso, muito da conformação do corpo se dá pelo efeito histórico, resultado de discursos e de práticas sociais, com poucas características individuais. Tal percurso histórico perpetua a ideia de subordinação da mulher em detrimento da supremacia masculina e estabelece também o ideal masculino de esposa obediente, fiel e serviçal, visão replicada de modo que alcança a elaboração de códigos e constituições do ocidente (COLLING, 2015).

A repressão sobre a sexualidade das mulheres, com valores e regras morais, historicamente impediu relações sexuais livres e com respeito aos próprios desejos. A teoria da repressão resgata a lógica de interdição generalizada, com características autoritárias e coercitivas, de submissão à lei e diferenciação por classe. Contudo, também positivou sua crítica histórico-política ao vinculá-la a mecanismos gerais de dominação e de exploração, contribuindo para conquistas no âmbito da liberdade sexual, ainda que enquadrado ao dispositivo da sexualidade (FOUCAULT, 2017).

Diante disso, os controles das instituições familiares e sociais sobre os corpos impõem a regulação dos corpos e a castração dos prazeres, por serem consideradas sexualidades errantes. No entanto, essa ação de interdição desperta “o prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza [...] e, por outro lado, prazer que se abrasa por ter que escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travesti-lo” (FOUCAULT, 2017, p. 44). Esse poder exercido sobre o corpo e o sexo “não fixa fronteiras para a sexualidade, provoca suas diversas formas, seguindo-as através de linhas de penetração infinitas”. Em vista disso, os controles sociais que monitoram a sexualidade e interditam discursos promovem o efeito contrário, despertando atenção para o sexo e incitando a discussão sobre ele (FOUCAULT, 2017, p. 46).

Destarte, se faz necessário a desconstrução da materialidade dos corpos, visto que o sexo impõe uma uniformidade sobre esses para manter a sexualidade reprodutiva como finalidade. Essa ordenação dos corpos é um princípio de produção, inteligibilidade e regulação que impõe uma violência material, pois estabelece significações e define o que deve ser permitido ou não (BUTLER, 2009).

Soma-se ao poder dos mecanismos reguladores a influência que a mídia exerce ao reforçar aspectos de conservadorismo, funcionando como replicadora das formas simbólicas de informação e conhecimento. Assim, apresenta posições duais sobre a dinâmica sexual contemporânea e ocidental, e, embora traga concepções emancipatórias, demonstra resquícios de um moralismo que se mantém nas práticas femininas e reafirma o lugar da mulher na sociedade (ZUCCO; MINAYO, 2009).

Nesse contexto, a ampla e silenciosa vigilância exercida pela sociedade sobre as mulheres as impele a realizar somente condutas que estejam de acordo com a moral apreendida desde o nascimento e replicada historicamente para os gêneros.

Diante do exposto, o feminismo aparece como um movimento libertário que luta diante da dominação do homem sobre a mulher, em busca da autonomia feminina em diferentes espaços, bem como para decidir sobre sua vida e seu corpo. Desse modo, trata-se de um movimento político global que confronta a autoridade exercida por grupos de homens sobre mulheres. Proporciona mudanças de paradigmas sociais ao defender a liberdade sexual, questionar a família tradicional e seus papéis na sociedade, afirmar a própria personalidade feminina e buscar desconstruir uma cultura predominantemente masculina. Diante disso, o feminismo se estabelece como uma contracultura à cultura do machismo e busca a liberdade das mulheres frente aos padrões sociais estabelecidos e naturalizados (MENDONÇA; LANGNER; ZULIANI, 2017).

2.1.2 Sexualidade e o corpo da mulher

Tendo em vista a sexualidade não ser apenas uma questão pessoal, mas social e política, construída durante a vida de diferentes formas por todas as pessoas, envolve processos culturais como rituais, linguagens, representações, convenções e é afetada pelas transformações que passamos ao longo da vida. Desse modo, a cultura assimila nos corpos sentido social com a inscrição dos gêneros e as possibilidades de expressão da sexualidade por meio dos desejos e prazeres. Os corpos são modificados pelo passar do tempo ou por mudanças de hábitos de vida, mas é pela cultura que são impostos padrões estéticos, higiênicos e morais ao corpo, que inscreve as identidades e classifica pessoas pela apresentação do seu corpo, gestos e comportamentos. Isso se relaciona às redes de poder que

circulam na sociedade, gera desigualdades e atribui rótulos que definem e discriminam (LOURO, 2018).

Os comportamentos sexuais das pessoas, suas práticas, relacionamentos e seus significados se relacionam às experiências sociais imbricadas nos cenários culturais da sexualidade. Dentre os fatores que contribuem para a modelação de experiências no âmbito da sexualidade estão a religiosidade, condições de vida, redes sociais, padrões de relação entre os sexos, memórias de vivências, modos de uso do corpo e a posição ocupada na estrutura social (BOZON, 2004).

Portanto, o corpo humano é meio de expressão da sexualidade e envolve história individual e coletiva, valores construídos socialmente e forte relação com valores, crenças, culturas, tabus e religiões, tratando-se de assunto extremamente presente no cotidiano (HEILBORN, 2006).

Pelo destaque social do tema sexualidade, papéis sexuais específicos para homens e mulheres são definidos, influenciando no comportamento da sexualidade e nas transformações expressas pelo corpo. Com isso, a construção social do corpo tem significados culturais que se relacionam a questões de gênero e sexualidade e expressam a orientação sexual e identidade de gênero (SÁ, 2016).

No final do século XX e início do XXI, se iniciam pesquisas científicas para discutir a singularidade do corpo e da construção do gênero na cultura brasileira. O interesse pela temática coincide com o momento em que o culto ao corpo se transformou em um estilo de vida entre mulheres das camadas médias urbanas. Atualmente, mulheres de sucesso são atrizes e modelos pelo favorecimento da associação de corpo e prestígio como elementos essenciais da cultura (GOLDENBERG, 2005).

Assim, o corpo se constitui como um capital físico, simbólico, econômico e social e geralmente assume que deve ser magro, jovem e sexualmente atraente. Para isso demanda grande sacrifício físico e financeiro, especialmente em um país tropical como o Brasil, que o clima favorece o desnudamento e provoca a centralidade na aparência física. Essa cultura de investimento na forma física também gera insatisfação com a própria aparência, colocando as mulheres brasileiras dentre as maiores consumidoras de cirurgia plástica estética e levando o Brasil a ter o terceiro mercado de cosméticos no panorama mundial. Na cultura brasileira, o corpo é muito mais importante do que a roupa, podendo ser entendido como a verdadeira roupa, o que deve ser exibido, enfeitado e escolhido (GOLDENBERG, 2011a).

A vigilância sobre o corpo e a cobrança pelo corpo perfeito inicia-se para a mulher durante a infância a partir da padronização de modelos de beleza, obrigando mulheres a adquirir corpos e cabelos ideais para se enquadrar socialmente, o que pode gerar desconforto com a própria imagem e ocasionar problemas de ordem física e psicológica. Quando adultas, mulheres permanecem em sofrimento ao buscarem manter-se sempre jovens, magras, com cabelos e maquiagens perfeitas, o que somado ao uso de produtos ou dietas restritivas leva a deterioração da saúde. Além disso, a mídia também tem influência sobre os papéis sociais ao explorar a sexualidade pela hipersensualização do corpo da mulher, perpetuando a imagem da mulher reduzida a um corpo como objeto, que usa roupas curtas, justas e que se expõe para ser apreciado e mexer com o imaginário masculino. Assim, lucram com a insegurança introjetada nas mulheres, incentivando a disputa entre o sexo feminino e a excessiva preocupação com a beleza, contribuindo para a dominação masculina e o enfraquecimento da luta feminista (SOUSA; SIRELLI, 2018).

A dominação masculina constitui as mulheres como objetos simbólicos e produz estado de insegurança corporal, fazendo com que existam como objetos receptivos, atraentes e disponíveis para o olhar do homem. Assim, é esperado que mulheres possuam características femininas e sejam simpáticas, atenciosas, submissas e discretas. Além disso, ser magra se inclui a essa concepção de corpo feminino, que sob vigilância as mulheres são obrigadas a conviver com os extremos entre o corpo real, ao qual estão presas, e o corpo ideal, a ser alcançado (BOURDIEU, 2015).

Para Foucault, o poder é exercido sobre o corpo por meio de diferentes mecanismos, como o olhar ou diagnósticos, por exemplo. Ele é instaurado sobre o corpo, marcando, dirigindo e submetendo esse a trabalhos e obrigações (FOUCAULT, 2017). Assim, o corpo não é fixo, pode ser modificado, aperfeiçoado, com necessidades produzidas e organizadas de diversos modos. Nele estão inscritos acontecimentos e conflitos, erros e desejos (FOUCAULT, 2016).

Ademais, o conceito de corpo se relaciona aos significados e sentidos das interações sociais, assimilados a partir das experiências vividas, da aprendizagem, do afeto e do desejo sentidos. Nesse contexto, a imagem corporal se desenvolve como um produto da relação consigo e com outras pessoas, percebido pelas ideias e pelos sentimentos sobre o próprio corpo. Assim, a imagem corporal trata-se da representação mental sobre o corpo, e alterações corporais provocam mudanças na imagem corporal (TALAMONI, 2007).

A socialização do corpo, usos e formas geralmente são aprendidos, carregados de sentidos e socialmente regulados, refletindo no modo como se expressa corporalmente, pautando o que nos é permitido e o que é proibido. O corpo é o primeiro fator observado na interação social, sendo instrumento de contato entre pessoas. Tem por característica ser concomitantemente privado/individual e público/coletivo. Instituições como Igreja, escola e família educam corpos e sexualidades, por meio de aceitação ou censura, dominando suas experiências e maneiras de se expressar, replicando comportamentos de consenso social. Mecanismos sutis incidem sobre os corpos o cumprimento de normas, fazendo com que esses se expressem como resultado de códigos aprendidos e assumidos (MONTES; LOPEZ, 2019).

A Igreja Católica sempre reconheceu que homens e mulheres estavam expostos às tentações e prazeres dos corpos, e por isso sempre buscou controlar moralmente a vida das pessoas a fim de evitar sexo fora do casamento e limitar a relação sexual à função meramente reprodutiva. Em relação ao adultério, a regulação mais severa se voltou às mulheres. O conhecimento limitado sobre a anatomia feminina levava a simplificações obscuras que relegou o corpo feminino a uma posição hierarquicamente de inferioridade, sendo considerado local sagrado de fertilização e frutificação (BOZON, 2004).

No cenário brasileiro durante os séculos XVI e XVIII, ciência e culpa se misturavam, e o corpo feminino era visto, tanto pela religião como pela medicina, como local obscuro que contém Deus e Diabo. Assim, o corpo feminino era associado à procriação e ao divino, e a coerção ocorria pelo discurso médico e religioso de que a doença e a cura se acumulavam na proporção dos pecados cometidos. O desconhecimento anatomofisiológico associado às fantasias sobre o corpo da mulher levaram à construção de um saber masculino de desconfiança em relação à mulher e de controle do corpo feminino pelos homens (PRIORI, 2006).

Assim, na história brasileira a sexualidade da mulher é representada pela visão de erotização e devassidão. Carrega culturalmente um estigma em torno da sexualidade feminina, de modo que pensar uma sexualidade assumidamente como erótica e devassa, sem gerar violência, é um desafio (RAGO, 1997). A Marcha das Vadias, movimento que ocorre em várias cidades do mundo, é uma das expressões do feminismo na contemporaneidade. A reivindicação é realizada pelo uso do corpo tanto como objeto reivindicatório, como também instrumento de protesto, servindo como cartaz para a luta das mulheres pela autonomia sobre seus corpos. Além disso, ao usar como nome da marcha a expressão discriminatória “vadia”,

ressignifica o termo e desloca o estigma da erotização feminina para o de mulher que tem direitos, reconhece desejos e manifesta liberdade, empoderando todo o grupo envolvido no movimento (GOMES; SORJ, 2014).

As redes de saber-poder sobre a imagem dependem das experiências pessoais e constroem corpos em meio ao campo das relações. O corpo é lugar de onde o poder emerge, e as imagens se apresentam como pedagogias culturais, participando do processo de sujeição das pessoas às normas de gênero e sexualidade hegemônicas (BALTHAZAR; MARCELLO, 2018).

Pesquisa que narra as experiências sobre sexualidade e vida emocional de mulheres maias no México observa a materialização da cultura patriarcal e presença de subjetividades, papéis e identidades que se configuram no corpo feminino. Experiências das mulheres exprimem um corpo negado, silenciado, pouco compreendido em suas demandas, que sofre pressão social sobre como se comportar e se enquadrar em um contexto que não reconhece a sexualidade ligada ao prazer e desejo. Nessa realidade, todas reconhecem a importância de evitar relações sexuais, carícias e beijos antes da formalização do relacionamento (MONTES; LOPEZ, 2019).

2.1.3 Sexualidade e direitos sexuais

Até meados do século XX, a vida da mulher era dirigida exclusivamente aos interesses masculinos, mantendo condutas de castidade e resignação com dever de reprodução e obediência às ordens do pai ou marido. A associação das lutas feministas e o surgimento do capitalismo fez com que a mulher passasse a desempenhar atividades produtoras e garantisse o voto. As concepções acerca da subjetividade e do corpo feminino também acompanharam as modificações políticas, econômicas, históricas e socioculturais, e a mulher passou a ter tarefas produtoras de força de trabalho como resultado do maior espaço conquistado na sociedade (ALVES; PITANGUY, 1991; BORIS; CESIDIO, 2007).

Assim, historicamente, mulheres sempre sofreram opressão e exclusão, porém nas últimas décadas do século XX passaram a reconhecer os condicionamentos impostos pelas ideologias de gênero e a reagir perante sua condição subordinada, conquistando novos espaços. No entanto, inseridas em uma sociedade de base patriarcal, ainda há resistências à luta das mulheres por direitos, com predominância de relações assimétricas e hierárquicas

entre os sexos, inclusive atribuindo às mulheres exclusividade nas atividades domésticas e situação de dependente. Soma-se a isso, o fato de muitas mulheres continuarem a viver como cidadãs que pouco se beneficiam ou desconhecem os direitos conquistados devido à interiorização dos valores patriarcais, sexistas, materializados nas instituições sociais, resultando em baixa autoestima, falta de iniciativa e pouca autonomia (SARDENBERG, 2011).

Na atualidade, mulheres ocupam espaços na política, economia e ciência. Todavia, estão em menor número e com desvantagens, mantendo-se as estruturas da dominação e atribuindo ônus diferenciado de acordo com o gênero, mesmo que parte das mulheres tenha acesso a posições privilegiadas (MIGUEL, 2017).

Gênero e sexualidade são aprendidos pela cultura, por meio de discursos repetidos da mídia, da igreja, da ciência, também pelos discursos dos movimentos sociais e dos diferentes dispositivos tecnológicos. As múltiplas formas de experimentar prazeres e desejos, trocar afeto e amor se distinguem entre culturas, épocas e gerações. Na contemporaneidade, as possibilidades de viver identidades de gênero e as sexualidades ampliaram-se, tornando-se um desafio fascinante, rico e desestabilizador, visto a multiplicidade de culturas e gêneros. O único modo de lidar com essa sexualidade é a não recusa em vivê-la (LOURO, 2008).

Nesse sentido, a inscrição dos gêneros nos corpos é feita no contexto de uma determinada cultura, e as possibilidades de expressar os desejos e prazeres também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são compostas e definidas por relações sociais e moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (LOURO, 2018). Assim, fica claro que não é a diferença sexual que institui relações hierárquicas de modo assimétrico entre homens e mulheres, mas a maneira como cada sociedade valoriza e significa tais diferenças biológicas. Disso, decorrem representações sobre o que se espera do feminino e do masculino, de seus comportamentos e de suas atitudes, inclusive no âmbito sexual (ZUCCO; MINAYO, 2009).

O feminismo insere ideias que historicamente vão servir de base para a construção de direitos sexuais para mulheres, o que significa romper com a heteronomia a que sempre estiveram submetidas, em relação ao uso de seu próprio corpo, ao controle de vivências corporais na sexualidade e na reprodução, com regras e tabus impostas pelo patriarcado. Todavia, a persistente desigualdade entre homens e mulheres é um limitador para a liberdade reprodutiva e sexual das mulheres (ÁVILA, 2003).

A sexualidade e a reprodução devem ser tratadas como dimensões da cidadania, garantindo a liberdade sexual das mulheres como diretamente relacionada à sua decisão na vida reprodutiva. Os direitos sexuais e reprodutivos representam uma conquista histórica da prática política e do pensamento feminista e marcam o rompimento com a moral conservadora que prescrevia para as mulheres a submissão da sexualidade à reprodução. Desse modo, direitos reprodutivos dizem respeito à igualdade e à liberdade na esfera da vida reprodutiva, e direitos sexuais dizem respeito à igualdade e à liberdade no exercício da sexualidade (ÁVILA, 2003). Vale salientar que as desigualdades sociais são permeadas por uma sucessão de outras em esferas diversas, sendo necessário refletir sobre as desigualdades no cotidiano das mulheres, uma vez que as relações sociais que envolvem os direitos são fortemente influenciadas pelos contextos reais das mulheres (ÁVILA, 2001).

Os direitos sexuais devem ser cumpridos para garantir às pessoas que possam expressar sua sexualidade e desfrutar de saúde sexual. A saúde sexual faz relação com o bem-estar físico, emocional, mental e social na vivência da sexualidade e requer uma abordagem respeitosa, que possibilite ter prazer e experiências sexuais seguras, sem discriminação e violência (WHO, 2017).

Os direitos reprodutivos são essenciais para que as mulheres exerçam seus direitos de autonomia e tenham acesso à saúde, com serviços integrais e de boa qualidade, privacidade, informação, livre escolha, confidencialidade e respeito. Na concepção dos direitos reprodutivos, homens devem ser incluídos em suas responsabilidades e capacidades de decisão no âmbito da reprodução e de regulação da fecundidade, proporcionando decisões reprodutivas como resultado de consentimento mútuo. Entretanto, controle da autonomia reprodutiva das mulheres continua a ser um traço marcante das desigualdades de gênero (CORREA; ALVES; JANUZZI, 2006).

O reconhecimento da saúde sexual e reprodutiva enquanto direito, com foco em seu caráter universal, foi fundamental para a criação e qualificação de políticas públicas que contemplassem as necessidades das mulheres para além do caráter biológico, valorizando também o âmbito político e social. Nesse sentido, documentos sobre a saúde no Brasil reiteram que a prática sexual e a maternidade/paternidade são direitos previstos na constituição e cabe ao Estado a sua garantia, por meio de ações e estratégias, fomentando o compromisso da população com seu exercício de modo responsável e mediante condições saudáveis (BRASIL, 2010).

A sexualidade deve se caracterizar como espaço de construção dos direitos sexuais e como espaço de liberdade, e de não subserviência da mulher. Nesse contexto, sua concepção precisa ser desenvolvida dentro dos serviços de saúde e demais espaços sociais de promoção da saúde, de modo que o cuidado nesse âmbito ultrapasse a medicalização e alcance dimensões mais subjetivas da mulher, promovendo e incentivando o conhecimento de seu próprio corpo, de seus valores e o modo de vivenciar as relações. Ao discutir questões da sexualidade com mulheres, se oportuniza o reconhecimento do poder exercido pelos parceiros nos relacionamentos afetivo-sexuais e suas repercussões à liberdade feminina, com vistas a melhorar a qualidade de vida e saúde sexual e reprodutiva das mulheres.

3 GÊNERO COMO CATEGORIA ANALÍTICA

A noção de gênero surge nos anos 70, no interior do movimento feminista. É um conceito das ciências sociais que se refere à construção social do sexo, em que sexo designa a caracterização anatomofisiológica e a atividade sexual. O conceito de gênero distingue a dimensão biológica da social, diferenciando machos e fêmeas na espécie humana, possibilitada pela cultura de ser homem e ser mulher (HEILBORN, 1997). Assim, o conceito de gênero deve ser entendido no contexto histórico e social, podendo alterar o significado em variações de local e tempo. As relações de gênero refletem aquilo que as pessoas interiorizaram por meio do que aprenderam no convívio social (COSTA; SARDENBERG; PASSOS, 2000).

A construção de gênero dá-se continuamente ao longo de toda a vida de modo minucioso, sutil, inacabado, e o significado do ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura, família, escola, igreja, instituições legais e médicas (LOURO, 2008). Simone de Beauvoir, filósofa francesa, contesta o determinismo biológico em sua obra *O Segundo Sexo*, escrita em 1949, e expõe a sua célebre ideia de que não se nasce mulher, mas se torna mulher, com sentido de que o sexo (biológico) não define a mulher nem o homem, e que esses são seres construídos socialmente (BEAUVOIR, 2019).

Uma importante contribuição teórica para compreensão de gênero é apresentada pela historiadora americana Joan Scott (1995) que conceitua e constrói gênero como categoria analítica. A autora considera que gênero é uma produção cultural socialmente elaborada, que detém variadas representações sociais de homens e de mulheres construídas no cotidiano e apreendidas por meio de discursos amplamente difundidos (SCOTT, 1995).

Para Joan Scott, o conceito de gênero é o que alcança mais adequação ao ideal feminista na compreensão de desigualdades entre os sexos no contexto social, tendo em vista que propõe desconstrução da oposição binária entre homem e mulher na lógica de dominação-submissão e possibilita pensar alternativas para resolver os problemas relacionados (SCOTT, 1995). Desse modo, o uso de gênero deixa aberta a possibilidade do vetor da dominação-exploração, que pode se deslocar entre pessoas, daí por que seu conceito é mais abrangente que o do patriarcado (SAFFIOTI, 2015).

Nesse sentido, gênero é entendido como construção social das identidades subjetivas de homens e mulheres baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, podendo perpassar

por contextos distintos quanto a aspectos temporais, sociais e culturais (SCOTT, 1995). Além disso, se configura como processo de formação das feminilidades e masculinidades, momento em que o sexo social é percebido como elemento constitutivo das relações, nas quais as diferenças genéticas do sexo natural não são preponderantes (FERNANDES; NARCHI, 2013).

A ideia de gênero valoriza a construção de significados culturais para as diferenças sexuais, posicionando-as dentro de relações hierárquicas. Desse modo, indica a construção social de ideias que define papéis a homens e a mulheres e se refere às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas desses. É constituído pela correlação entre os símbolos; os conceitos que definem como devemos interpretar esses símbolos, impostos por influências e doutrinas; o reconhecimento de que o sexo influencia na sexualidade humana; e a identidade subjetiva ligada às discussões sobre os termos gênero e sexo (SCOTT, 1999).

Há relação entre sexualidade e gênero, pois se existem “características distintas entre os homens e as mulheres no tocante à vida sexual e na interface desta com a esfera reprodutiva, elas se devem a uma combinação de fenômenos que reverberam nos corpos como efeito de processos complexos de socialização dos gêneros” (HEILBORN et al., 2006, p. 35).

Gênero compreende as diferenças construídas entre homens e mulheres, os papéis assumidos na sociedade e as relações hierárquicas, de opressão, submissão, subordinação e poder. A abordagem de gênero não é um conceito fixo, tampouco unânime, está em constante mutação de acordo com as regras de convívio social de cada cultura (CRUZ, 2012). Essas diferenças existentes entre os sexos gera a hierarquia nas relações de gênero, ganhando significados sociais a partir de vivências particulares, símbolos e representações. A reprodução de padrões de comportamento é influenciada e ensinada pela sociedade, definindo as características que se espera para pessoas do sexo masculino, devendo ser expressivos, desinibidos, corajosos, e as do sexo feminino ser afetuosas, delicadas e submissas, geralmente. Essas determinações revelam relações de poder ao impor às pessoas os padrões e papéis sexuais (COSTA; SARDENBERG; PASSOS, 2000).

Assim, a construção de gênero em nossa sociedade ainda atribui valores que reforçam a submissão feminina, a postura recatada, cautelosa, tímida, além do controle sobre o corpo das mulheres, em contraste à representação da masculinidade que destaca a força, virilidade, rigidez, controle, privilegiando a ousadia e a liberdade (BAGGIO et al., 2009). Existe uma

barreira cultural à socialização vinculada ao gênero e a associação da identidade de mulheres à maternidade, além da tentativa de controle da sua sexualidade e da reprodução por outrem, o que limita a autonomia da mulher para decidir sobre essas questões. A reprodução, o ideal de liberdade e a autodecisão serão possíveis se a mulher reunir condições adequadas de vida, com oportunidade e qualidade de vida (JELIN, 1994).

Diante disso, vê-se que as relações de gênero estabelecem normas arbitrárias para homens e mulheres na definição de seus comportamentos, no modo de relacionar-se, de demonstrar afetividade e liberdade sexual, de se vestir, se relacionar e viver a sexualidade (LOURO, 2011).

O conceito de gênero, como categoria ontológica, considera as diferenças e as desigualdades atribuídas ao homem e à mulher, que ganham sentido por meio de sistemas simbólicos culturais que designam masculinidade e feminilidade como um conjunto de qualidades opostas e hierárquicas no marco do androcentrismo, visão do homem como o centro, e do patriarcado enquanto sexismo sistêmico institucionalizado (CARVALHO; ANDRADE; MENEZES, 2010; HOOKS, 2000).

Como categoria analítica, gênero considera a construção histórica, cultural e política das relações sociais entre sexos — que expressam relações de poder —, o que possibilita utilizá-la em termos de diferentes sistemas de gênero e na relação desses com outras categorias, como raça, classe ou etnia, e, também, levar em conta a possibilidade da mudança (SCOTT, 1992).

Foucault (2017) considera que o poder deve ser analisado como algo que se exerce em rede e não está apropriado, podendo uma pessoa tanto exercer o poder, como sofrer sua ação. A intersecção das relações de poder com as de gênero são discutidas por feministas que consideram que a posição de subalternidade das mulheres não significa exclusivamente ausência de poder, e que a disputa ocorre para que homens preservem sua supremacia e mulheres tornem menos incompleta sua cidadania (SAFFIOTI, 1992).

O núcleo essencial da definição de gênero repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e mais, o gênero é uma forma primeira de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1994).

Gênero se refere a um composto de ações que podem sofrer mudanças, que pode ter diversas identidades e que não se relaciona exclusivamente às prevalências sexuais. A

identidade de gênero é uma categoria da identidade social, construída pelo próprio ser humano, que se refere à identificação da pessoa como homem ou mulher, ou ainda com alguma outra categoria (CAMARGO; SAMPAIO NETO, 2017).

Para construção da identidade de gênero atuam quatro elementos interdependentes: o primeiro, os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas; o segundo, os conceitos normativos que põem em evidência as interpretações do sentido dos símbolos, que se esforçam para limitar e conter suas possibilidades metafóricas; o terceiro, o gênero é construído por meio do parentesco, mas também na economia e na organização política; o quarto aspecto de gênero é a identidade subjetiva. Ao compreender que gênero é construído na relação, para analisá-lo é importante reconhecer o processo histórico que envolve a produção da oposição binária masculino/feminino, e no campo político, o simbólico e a linguagem operam no modo como são estruturadas as relações sociais (SCOTT, 1995).

Diante disso, a análise de gênero, segundo Scott, não corresponde ao gênero em si, mas à representação discursiva sobre a representação masculino/feminino. A operacionalização da categoria gênero contribui para questionar a oposição binária masculino/feminino e investigar como as percepções implícitas do gênero são reativadas nas diferentes relações sociais (BITENCOURT, 2013).

Nos anos 1970-1980, os estudos de gênero surgem no Brasil em torno da problemática da “condição feminina”. Acreditava-se, inicialmente, que havia um problema específico da mulher, o qual devia ser pensado unicamente por elas, já que os homens as haviam silenciado e reprimido durante longo período. Segundo Grossi (2000), a discussão de gênero determina tudo que é social, cultural e historicamente definido e está em constante processo de ressignificação, em virtude das interações concretas entre indivíduos do sexo feminino e masculino. Nesse sentido, a sexualidade é apenas uma das variáveis que configura a identidade de gênero, como os papéis de gênero e o significado social da reprodução.

Feminismo e gênero vêm contribuir para o entendimento de que não deve haver condutas predeterminadas para homens e mulheres e que é preciso repensar normas e atitudes, sobretudo no que se refere às representações sexuais acerca do feminino e masculino quando o tema for igualdade de direitos (ALÓS, 2011). Neste intuito, o movimento feminista visa a transformação das relações de gênero atrelada à luta por justiça social, igualdade, liberdade em busca de assegurar os seus direitos, requerendo da sociedade civil organizada uma reformulação de estruturas materiais e simbólicas (ÁVILA, 2001).

Vale destacar que a maneira como as relações de gênero se desenvolveu na sociedade traduziu-se em desvantagens à vida das mulheres, pela responsabilização do trabalho doméstico e pela restrição à participação política. O rompimento com os mecanismos opressores passa por investimentos públicos e legislações emancipatórias para garantir igualdade de direitos e de participação política (BIROLI, 2018).

Na atenção à saúde das mulheres, faz-se importante entender que as práticas em saúde devem garantir o encontro entre o cuidar e as perspectivas de classe, geração, cor, raça, gênero e orientação sexual de forma a fortalecer e proporcionar um cuidado individualizado e integral (FERREIRA et al., 2012).

4 MÉTODO

4.1 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de pesquisa de abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa consiste em um conjunto de práticas investigativas que dão visibilidade ao mundo e qualidade aos processos e aos significados das experiências. Envolve a coleta de uma variedade de materiais empíricos que descrevem a vida das pessoas em investigações direcionadas para a práxis e a mudança social (DENZIN; LINCOLN, 2006). Leva em consideração subjetividades, interações, fenômenos culturais e práticas sociais (FLICK, 2009).

Esse tipo de pesquisa envolve uma abordagem interpretativa de fenômenos sociais em seus cenários, na tentativa de entender ou interpretar seus significados. Seus achados podem orientar ações de cuidado, organização de práticas em saúde, implementar processos, recriar modos de cuidado e de olhar o mundo sob uma perspectiva multifocal e complexa (SOUSA; ERDMANN; MAGALHÃES; 2016). Além disso, possibilita analisar o comportamento humano e seus significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações (MINAYO, 2013).

4.2 LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida em área de cobertura da ESF, Distrito Sanitário do Subúrbio Ferroviário em Salvador, Bahia.

O Subúrbio Ferroviário é uma região da cidade de Salvador constituída por diversos bairros, com uma população de 345.130 habitantes. A atenção primária à saúde é oferecida por 38 Unidades de Saúde da Família, onde atuam 42 equipes de saúde; cinco Unidades Básicas de Saúde; um Hospital Estadual e um Pronto-Atendimento Municipal. A área é uma das mais carentes do município, com maior dificuldade de acesso a bens e serviços por questões sociais, econômicas e geográficas (SALVADOR, 2010).

A produção dos dados empíricos ocorreu na área adscrita a uma Unidade de Saúde da Família (USF), que constitui campo de prática da graduação e da pós-graduação da Escola de Enfermagem da UFBA.

As equipes da ESF da área referida são constituídas por enfermeiras, médicos/as, técnicos/as de enfermagem, dentista, auxiliar e/ou técnico/a em Saúde Bucal e Agentes Comunitárias de Saúde (ACS).

A escolha do lócus da pesquisa teve como base a minha aproximação com a realidade do lugar por meio de estudos do Grupo de Pesquisa Saúde da Mulher, Gênero e Integralidade do Cuidado da Escola de Enfermagem da UFBA, desde 2011, do qual sou integrante. São pesquisas desenvolvidas em conjunto com estudantes de graduação e pós-graduação, incluindo-se o desenvolvimento da minha dissertação. Resultados de tais pesquisas se encontram registrados na problematização deste estudo e apontam a necessidade de ampliar o olhar sobre as demandas das mulheres por cuidado, sendo aquelas oriundas da vivência da sexualidade campo prioritário de pesquisas e futuras ações.

4.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Participaram da pesquisa 14 mulheres usuárias de uma USF. Essas foram escolhidas por terem cadastro na ESF e estarem frequentando o serviço. Prevemos um limite no intervalo entre 10 a 15 mulheres, número compatível para o desenvolvimento efetivo de oficinas, que constituiriam a principal técnica de produção do material empírico.

As mulheres foram contatadas por meio de visitas domiciliares e no momento em que algumas estavam na USF aguardando atendimento do serviço. Para a escolha das participantes, contamos com o apoio dos/as ACS da USF selecionada. Constituiu critério de inclusão estar cadastrada no serviço, independentemente do tempo e do tipo de atendimento que busca na unidade. O critério de exclusão foi possuir idade inferior a 18 anos, o que implicaria na necessidade de liberação de responsáveis para participar da pesquisa.

- **Aproximação com o campo**

A aproximação com o campo deu-se por contato inicial com a gerência da USF, logo após a aprovação do projeto pelo CEP. Em momento posterior, o projeto de pesquisa foi apresentado e discutido com representantes da ESF, de modo a compartilhar a proposta e obter a colaboração da equipe. Para convidar as usuárias, primeiramente foram realizadas visitas domiciliares pela pesquisadora com acompanhamento de ACS, explicando sobre o

desenvolvimento do trabalho e seus objetivos. Nesse momento, foram ouvidos também os interesses e as considerações das mulheres. Em um segundo momento, mulheres foram convidadas a participar do estudo diretamente pela pesquisadora, enquanto aguardavam atendimento na USF. Esse segundo momento foi adotado como forma de ampliar o número de participantes.

A pesquisa contou com a participação de duas integrantes do grupo de pesquisa Saúde da Mulher, Gênero e Integralidade do Cuidado, bolsistas do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), das quais fui tutora. As estudantes participaram de reuniões para construção das oficinas, discussão sobre o objeto de estudo, treinamento sobre a realização das oficinas e definição de papéis que desenvolveriam enquanto equipe de apoio.

4.4 ASPECTOS ÉTICOS

A realização deste estudo seguiu as diretrizes e normas regulamentadoras que normatizam pesquisas que envolvem seres humanos no Brasil, de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466, de 12 de dezembro de 2012.

Foi solicitada autorização à Secretaria Municipal de Saúde de Salvador para realização da pesquisa e, posteriormente, entregue documentos ao Distrito Sanitário Subúrbio Ferroviário e USF Ilha Amarela. Após anuência do serviço de saúde, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Escola de Enfermagem da UFBA, tramitado por meio da Plataforma Brasil. A pesquisa recebeu Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) sob código 03743318.4.0000.5531 e foi aprovada em reunião realizada no dia 25 de fevereiro de 2019, com número do parecer 3.168.276. Os procedimentos para realização da pesquisa no campo de estudo foram iniciados após a autorização de todos os órgãos competentes supracitados.

Foi apresentado às participantes, antes do início da pesquisa, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que informa em linguagem clara e acessível sobre a justificativa, objetivos, procedimentos e métodos empregados na pesquisa. Foi assegurado a todas as participantes o respeito à autonomia e aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, a livre decisão sobre a participação na pesquisa, bem como a privacidade, o anonimato e a confidencialidade. Desse modo, a pesquisa atendeu aos princípios da autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade.

Todos os TCLE, os registros em diário de campo, as gravações e transcrições das falas de participantes dessa pesquisa ficarão arquivados sob guarda das pesquisadoras responsáveis, pelo período mínimo de cinco anos.

A pesquisa não conferiu risco no que diz respeito à integridade física e moral, porém no caso de alguma participante sentir desconforto de cunho psicológico, psíquico, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual, esteve livre para desistir de participar a qualquer tempo, sem prejuízo para sua relação futura com a ESF. As participantes não apresentaram desconforto relacionado ao resgate de vivências pessoais durante a realização da pesquisa. Estivemos prontas a oferecer o apoio necessário e contávamos com escuta qualificada e possíveis encaminhamentos a profissionais especializados que atuam nos Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF) ou em outros serviços da rede de saúde do município.

4.5 TÉCNICAS PARA PRODUÇÃO DO MATERIAL EMPÍRICO

A produção do material empírico deu-se por meio de oficinas de reflexão, seguida de entrevista para complementação dos dados nos casos em que houve a necessidade. Algumas mulheres apresentaram-se mais introvertidas no decorrer da primeira oficina. Tal situação foi prevista pelas pesquisadoras, visto que o tema objeto desse estudo é sabidamente de difícil expressão em grupo.

Vale ressaltar que ambas as técnicas contemplam a problematização da realidade sobre a sexualidade das mulheres, oportunizando às participantes o desenvolvimento do diálogo sobre situações cotidianas, a reflexão crítica sobre sua vida, seu corpo, seu modo de viver a sexualidade e suas questões de saúde relacionadas.

Durante a produção e registro dos dados foram esgotados questionamentos para desvelamento do fenômeno. Ressaltamos que houve casos em que mulheres não compareceram aos três blocos de oficinas, sendo contatadas posteriormente por telefone, por meio do qual justificaram sua ausência por alguma situação relacionada a sua rotina familiar.

As oficinas e entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra, bem como foi realizado o registro em diário de campo de falas, expressões e reflexões do grupo. Os resultados e/ou achados da pesquisa serão divulgados às participantes e ESF, bem como à

Secretaria Municipal de Saúde e ao Distrito Sanitário Subúrbio Ferroviário, além de submetidos na forma de artigos e em eventos científicos.

- **Oficinas de reflexão**

As oficinas constituem atividades estruturadas com grupos, compreendendo momentos de sensibilização, de informação e de elaboração. Possuem número variável de encontros e são direcionadas a uma questão central, elaborada coletivamente de forma contextualizada e com flexibilidade na proposta. Dessa forma, associam informação com a experiência de cada participante, englobando seus valores, suas emoções e práticas cotidianas, de modo a combinar as dimensões terapêuticas e educativas por meio da associação de técnicas lúdicas e reflexão das questões trabalhadas. Portanto, trata-se de um método dialógico e participativo, com caráter pedagógico, em que pessoas ensinam e aprendem, produzindo conhecimento (AFONSO, 2006).

A oficina tem como proposta articular subjetividade, racionalidade, experiência pessoal e conhecimento e se constitui técnica atualmente utilizada em diversas áreas como a psicologia, sociologia, enfermagem e grupos reflexivos de formação feminista. Suas bases e modo de organização se originam da pesquisa-ação, recebendo diferentes designações, como oficina de trabalho, grupos de autoconsciência, grupos de reflexão, oficinas de criatividade e sensibilidade, entre outros, voltadas a mulheres, adolescentes, profissionais e usuários/as do serviço de saúde, dentre outros. Com sua realização é possível constatar um movimento dialético da prática modificando o conhecimento e transformando posturas e ações (AMARAL; FONSECA, 2005).

A estrutura básica para o desenvolvimento da técnica de oficina é constituída por etapas como: aquecimento, uso de estratégias facilitadoras de expressão, problematização das questões, processo de troca, análise e articulação com o geral. Nesse contexto, o momento inicial de descontração e entrosamento do grupo é essencial para o desenvolvimento das fases seguintes; as etapas de análise e síntese têm destaque pois viabilizam a articulação com a realidade vivenciada pelo grupo e consolidação de informações (CARNEIRO; AGOSTINI, 1994).

As oficinas possibilitam um ambiente descontraído, facilitado pela utilização de práticas pedagógicas incentivadoras da integração e do estabelecimento de uma relação horizontal de poder entre participantes e coordenação. A profundidade com que os assuntos da realidade são trabalhados, o convite para conhecer a si mesma e a possibilidade de promover o crescimento individual e coletivo são os diferenciais entre as oficinas e outras práticas educativas (FONSECA; AMARAL, 2012).

Constituem práticas político-pedagógicas desenvolvidas em grupos de autoconsciência, a partir dos anos 70 do século XX, em que se utilizam estratégias metodológicas problematizadoras na perspectiva de transformar a realidade das mulheres, abrindo caminhos para a construção de autonomia e de liberdade (SARDENBERG, 2011).

Oficinas oportunizam a vivência de situações significativas, baseadas no tripé: sentir-pensar-agir. A metodologia da oficina altera o foco tradicional da aprendizagem e incorpora ação e reflexão para apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos. Seu desenvolvimento se ajusta às situações-problema apresentadas a partir dos contextos de vida e negocia tarefas para a resolução de problemas, de modo que as técnicas e os procedimentos são bastante variados, incluindo trabalhos grupais para promover a interação. A coordenadora da oficina desenvolve abordagem voltada a participantes e a seus conhecimentos, habilidades, interesses e necessidades (PAVIANI; FONTANA, 2009).

Destarte, acredita-se que as oficinas são instrumentos de grande utilidade no processo de ensino-aprendizagem e conseqüentemente no fomento de mudanças de prática. Assim, a oficina é como uma metodologia de trabalho em grupo, caracterizada pela construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de conhecimentos (LOPES et al., 2011). Diante disso, a execução das oficinas abrangeu as seguintes etapas: 1) acolhimento, apresentação e integração do grupo; 2) desenvolvimento do tema; 3) socialização das experiências; 4) síntese, realizada pela coordenadora; e 5) avaliação, realizada coletivamente no grupo.

- **Entrevista**

O desenvolvimento da entrevista semiestruturada na nossa pesquisa se deu após a realização das oficinas. A partir da avaliação das falas das participantes, foram eleitas as que participariam das entrevistas pela necessidade de complementação ou esclarecimento sobre

pontos discutidos durante as oficinas. As entrevistas foram agendadas em dias e horários considerando a disponibilidade das participantes e se baseou nos pontos destacados nos discursos das mulheres.

A entrevista é uma técnica para gerar e manter conversações com pessoas no processo de investigação e em geral está associada ao uso de outras técnicas de pesquisa. Por meio da entrevista é possível construir histórias de vida, captar experiências, valores e opiniões dos/as entrevistados/as, de modo que suas falas representam uma autodescrição e uma apresentação de si mesmo. Na entrevista semiestruturada é seguido um roteiro com questões norteadoras em uma ordem prevista, e no seu desenvolver podem ser incluídas outras questões (LIMA, 2016). Parte-se de alguns questionamentos básicos baseados em pontos de interesse da pesquisa, e assim, esses dão margem a amplo campo de interrogativas que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do/a participante (TRIVIÑOS, 2009).

4.6 PRODUÇÃO DO MATERIAL EMPÍRICO

As oficinas foram realizadas em espaço cedido pela USF e pela Associação Comunitária da área. Para sua execução, contou com uma coordenadora, que foi a pesquisadora, e duas colaboradoras como assistentes de pesquisa. Foram realizados blocos em três oficinas com dois grupos de mulheres, sendo que o primeiro foi composto por dez participantes e o segundo grupo contou com a participação de quatro mulheres. No início da primeira oficina, foram relidos, assinados e conferidos os TCLE, e preenchidas fichas de identificação com caracterização socioeconômica das mulheres.

A seguir serão descritas as três oficinas de reflexão segundo ordem de realização.

PRIMEIRA OFICINA: Corpo e sexualidade

Os objetivos dessa oficina foram proporcionar aproximação das mulheres consigo mesma a partir da representação sobre seu corpo e levantar questões acerca da sexualidade e seu modo de expressão.

Ao chegarem para a oficina, as participantes receberam crachás e canetas hidrográficas para registros de nomes, tendo sido explicado que seus nomes não apareceriam no relatório da

pesquisa. Foram as a conferir o preenchimento do TCLE e a preencherem a ficha de identificação.

Em seguida, foi estabelecido com o grupo um acordo de convivência, sendo registrado e fixado na parede os elementos acordados, entre os quais: colocar o celular no silencioso; aguardar o momento de falar; não interferir quando outra pessoa estiver falando; respeitar as opiniões diferentes; manter sigilo sobre os conteúdos discutidos; evitar sair da sala; e levantar a mão e identificar-se antes de falar (para facilitar a transcrição).

Fase 1 – Apresentação e Integração:

Iniciamos com a dinâmica das frutas, em que cada participante escolhe uma fruta com a qual se identifica e depois explica para todo o grupo o porquê de tê-la escolhido. Essa dinâmica possibilitou que as mulheres se conhecessem e conhecessem as facilitadoras, favorecendo o acolhimento e criação de vínculo a partir desse momento inicial.

Por meio dessa dinâmica as participantes falaram abertamente sobre suas características pessoais, sempre associando a adjetivos das frutas escolhidas, informando inclusive sobre fatores da sua personalidade e revelando seu modo de entender a vida e estar no mundo.

Fase 2 – Desenvolvimento do tema:

Nesse momento foi explicado às mulheres sobre a realização de atividade para o desenvolvimento do tema “Representações sobre corpo” utilizando massa de modelar. Foi pedido que se sentassem em colchonetes mantendo posição confortável. Ao som de música relaxante, foi realizado um exercício de respiração e solicitado que pensassem sobre seu corpo.

Com o grupo ainda concentrado, foi pedido que imaginassem estar olhando para seu corpo e respondessem: *Ao pensar no meu corpo, o que posso dizer sobre ele? Como sinto meu corpo? Como posso representar meu corpo na massa de modelar?* Foram dados alguns minutos para que as mulheres permanecessem de olhos fechados pensando para responder às questões.

Após esse momento de reflexão, foi entregue massa de modelar colorida a cada participante e recortes de cartolina para apoiar a massa trabalhada, sendo solicitado que

representassem o seu corpo nesse material a partir de questões ditas verbalmente e registradas em cartolinas colocadas à vista do grupo.

Fase 3 – Socialização:

Após esse momento introspectivo e de trabalho com a massa, foi iniciada a fase de socialização da experiência com discussão no grupo. As falas ocorreram de maneira voluntária, de modo que todas expusessem seu olhar sobre o corpo representado na massa de modelar, destacando características que gostavam mais ou menos.

Nesse momento, as participantes expuseram ao grupo a imagem que moldaram de si, explicando os detalhes que se apresentavam mais aparentes. Algumas destacaram mais o uso de adornos e enfeites, por meio de cabelos volumosos, lábios pintados, brincos nas orelhas e roupas coloridas, e outras indicaram o corpo magro ou gordo, com seios maiores ou menores e a presença da genitália feminina em alguns casos.

As falas emergiram levantando questões relacionadas à autoestima, à preocupação com a saúde e ao modo como são vistas e aceitas pela sociedade a partir do formato do corpo que atende ou não ao padrão estabelecido socialmente como ideal de beleza. Os questionamentos e discussões levaram as mulheres a refletir sobre o modo como enxergam o seu corpo, como se sentem em relação a ele e a importância do seu formato para o relacionamento com o parceiro.

Fase 4 – Síntese pela coordenadora/facilitadora:

Todos os pontos que emergiram da fala das mulheres foram retomados pela facilitadora na fase de síntese e abertos novamente para discussão. As mulheres relataram as múltiplas situações vividas relacionadas a forma do seu corpo e articularam experiências ao modo como o entendem.

Fase 5 – Avaliação:

Ao final foi pedido às mulheres que avaliassem em uma palavra o que significou para cada uma a oficina realizada, e foi pactuado com todas o melhor dia e horário para o desenvolvimento da segunda oficina. As mulheres relataram ter gostado da tarde, terem se sentido relaxadas e acolhidas, elogiaram as dinâmicas e prometeram retornar nos próximos encontros.

Ao toque de música relaxante, as participantes abraçaram a pessoa ao seu lado, desejando-lhe um bom retorno para casa e um breve reencontro na próxima oficina. Todas participaram de um lanche de encerramento. A atual oficina teve duração de 2 horas corridas.

SEGUNDA OFICINA: Eu e minha sexualidade

Essa oficina teve como objetivo problematizar a sexualidade na vivência das mulheres. Com a chegada das participantes, foram entregues os crachás de identificação e retomado o acordo de convivência, sendo perguntado se as participantes gostariam de incluir mais algum item no acordo. Após os ajustes e organização do grupo, foi iniciada a oficina do dia.

Fase 1 – Apresentação e Integração:

Inicialmente foi realizada a dinâmica da tarjeta de papel a ser colada na testa das participantes. Nessa atividade, todas as participantes escreveram uma ação (exemplo: abraçar, beijar) na tarjeta de papel e colaram na testa da parceira de dinâmica, de modo que cada uma deveria descobrir o que estava escrito por meio das dicas dadas pela dupla. Esse momento facilitou o reencontro das participantes, tornando-o descontraído e favorável às trocas de experiências.

Fase 2 – Desenvolvimento do tema:

Após o momento de integração, a oficina seguiu com o desenvolvimento do tema, em que foi explicado às mulheres sobre a realização de uma atividade utilizando os sinais de trânsito, representados nas cores verde, amarelo e vermelho, a serem utilizados de acordo com respostas dadas a algumas questões.

Em seguida, foi solicitado às mulheres que se sentassem confortavelmente nos colchonetes, fechassem os olhos e, ao som de uma música instrumental, seguissem as instruções da facilitadora sobre exercícios relaxantes de respiração. Logo após, foi realizada a leitura de um texto: *A sexualidade é algo da nossa intimidade e por isso, nem sempre, nos sentimos à vontade em compartilhar e muitas questões não são discutidas por não haver oportunidade e nem facilidade. Há aspectos que nós mulheres estamos satisfeitas e outros*

que gostaríamos que fossem diferentes para que tivéssemos mais prazer nas nossas experiências.

Com as mulheres ainda concentradas, foi pedido que respondessem as questões que seguem, usando tarjetas para registrar suas respostas. **Em relação à sua sexualidade: O que é bom e traz bem-estar? O que não é bom, mas você consegue lidar? O que não é bom e produz mal-estar?**

Foi dado tempo para pensar nas respostas e disponibilizado para o grupo tarjetas de papel A4, também colocado ao centro da sala um semáforo feito em cartolina duplex colorida. Solicitamos que as participantes escrevessem ou pedissem ajuda para escrever suas respostas nas tarjetas e que depois colassem tantas tarjetas quanto necessárias nas cores do semáforo correspondentes, segundo as experiências com a sexualidade. As tarjetas com respostas da primeira questão foram colocadas no círculo verde; nas tarjetas amarelas, respostas que representavam a segunda questão e, na vermelha, as que representavam respostas da terceira.¹

Fase 3 – Socialização:

Todas as participantes socializaram as experiências e discutiram em grupo as reflexões que fizeram a partir das questões colocadas, respeitando as falas das demais.

Sobre o primeiro questionamento, emergiram temas sobre vivências de relacionamentos com harmonia e carinho; autoestima feminina elevada; vaidade; cuidado com o corpo; e indicação de prazer da mulher a partir da demonstração de atenção e carinho pelo parceiro. Na segunda questão, mulheres consideraram como pontos negativos, mas que conseguem lidar, os seguintes temas: o trabalho doméstico com desgaste do corpo e gerador de estresse; a obrigação de fazer sexo sem vontade; a traição masculina; o favorecimento do homem para realizar atividades fora do lar em detrimento da restrição da mulher ao cuidado da família e do lar.

Em relação a última questão apresentada às mulheres nessa oficina, os temas emergentes foram: a dependência financeira do parceiro; a traição masculina; a lembrança da infidelidade masculina no momento do sexo; a obrigação em fazer

1 O semáforo é uma adaptação de Dinâmicas da Sexualidade, publicada pela Associação Brasileira de Enfermagem. Rev. *Adolescer: compreender, atuar, acolher* [Internet]. Brasília: ABEn; 2001 [citado em 2020 Jul 12]. Disponível em: <http://www.abennacional.org.br/revista/cap6.3.html>

sexo sem vontade para atender aos anseios do parceiro; o sexo com orgasmo exclusivamente masculino; e o relacionamento abusivo por parte do parceiro com agressões, julgamentos, difamação, humilhações, desprezo, piraças e provocações.

A discussão desenvolvida nessa oficina foi bastante produtiva e com expressiva participação das mulheres, tendo significativo destaque na produção de dados para esta pesquisa. A partir das vivências levantadas por algumas participantes no decorrer das oficinas, outras se sentiram à vontade para relatarem suas experiências ou aconselharem umas às outras.

Fase 4 – Síntese pela coordenadora/facilitadora:

A facilitadora retomou os pontos principais que emergiram da fala das mulheres, direcionando ao objetivo da oficina, e abriu novamente o assunto para discussão. Essa oficina foi rica em troca de experiências e introduziu importantes reflexões para explorar o tema em estudo.

Fase 5 – Avaliação:

Por fim, foi solicitado que cada participante falasse uma palavra representativa da sua experiência no desenvolvimento da oficina, e como dinâmica de descontração e relaxamento foi realizado a dinâmica “O ursinho”, em que ao toque de música relaxante, foi solicitado que as mulheres participantes fizessem um gesto de carinho com o ursinho. Logo após, foi pedido que fizessem o mesmo gesto de carinho com a participante ao lado. Foram todas convidadas para lanche de encerramento. Essa oficina foi a mais longa das três e teve duração de 2h45min.

TERCEIRA OFICINA: Consolidando as experiências de mulheres no âmbito da sexualidade.

Essa última oficina teve como objetivos resgatar principais pontos discutidos nas oficinas anteriores; possibilitar às participantes o acesso aos resultados empíricos do processo e permitir ao grupo validar ou alterar o que se apresenta como síntese do olhar das mulheres sobre a sexualidade. Foram cumpridos os rituais iniciais de entrega dos crachás, acomodação das participantes e retomada do acordo de convivência.

Fase 1 – Apresentação e Integração:

Inicialmente foi realizada a dinâmica da mímica, em que as participantes precisavam descobrir o significado dos gestos expressos por uma delas. Se constituiu momento bastante lúdico e de descontração para as mulheres.

Fase 2 – Desenvolvimento do tema:

Em seguida, solicitamos que as participantes se posicionassem confortavelmente nos colchonetes, e foi fixado por uma colaboradora um mural com frases que sintetizavam pontos relevantes das oficinas anteriores.

Pedimos às participantes que, ao observarem o mural, **pensassem em tudo que foi abordado nos dois encontros anteriores e destacassem pontos que considerassem relevantes resgatar, fossem aspectos positivos ou negativos.**

No momento de desenvolvimento do tema, foi solicitado que se reunissem em pequenos grupos para conversarem entre si sobre os pontos que consideraram importantes. Foram disponibilizadas cartolinas para escrever pontos que se destacavam na discussão do grupo, e após momento de reunião em grupos, solicitamos que colassem as tarjetas com o que produziram no painel à frente do salão.

Fase 3 – Socialização:

Nesse momento se deu o resgate dos pontos discutidos anteriormente, por meio da leitura por voluntárias, e provocadas novas reflexões a partir dos pontos elencados. As experiências foram socializadas e as participantes foram a todo tempo questionadas sobre as frases que se apresentavam no painel, se de fato se identificavam com as experiências descritas, se gostariam de complementar algo que não falaram antes, mas que consideravam relevante incluir na discussão do grupo.

Nessa oficina, surgiram novos elementos referentes à sexualidade das mulheres, tanto com pontos positivos como pontos negativos, todos explorados nos resultados dessa pesquisa. Os temas mais prevalentes nessa oficina foram: a necessidade de cuidado com o corpo por meio de boa alimentação e práticas de exercícios físicos; a importância da arrumação do corpo pela mulher e da vaidade

feminina para garantir o interesse do parceiro; a relação entre o uso de roupas curtas e justas pelas mulheres e o desencadeamento de ciúme, atritos e agressões por parte do parceiro; a importância do diálogo para evitar o sexo sem desejo; e o mal-estar gerado nas mulheres pela obrigação em atender à vontade do parceiro.

Fase 4 – Síntese pela coordenadora/facilitadora:

Todas as reflexões discutidas em grupo foram retomadas pela facilitadora, que posteriormente realizou a síntese da oficina. Foi facultada a fala novamente às participantes para que confirmassem os temas levantados na síntese, discordassem e/ou introduzissem novos pontos.

Fase 5 – Avaliação:

Ao encerramento procedeu-se a avaliação da oficina pelas mulheres; todas falaram sobre a sua experiência no desenvolvimento das oficinas. Afirmaram terem vivido momentos de grande aprendizado e se sentirem modificadas após a vivência coletiva das oficinas, e agradeceram a oportunidade de discutir a temática de forma tão aberta e descomplicada.

Após a avaliação, foi tocada música relaxante e promovido o “abraço coletivo”, em que todas puderam se abraçar e se despedir. As mulheres foram convidadas para lanche de encerramento. Essa última oficina durou 2h15min.

De modo geral, os temas que emergiram nas oficinas revelaram a vivência da sexualidade feminina permeada pela subserviência e sedução pelas mulheres como condição para não ser traída; posse, dominação e violência doméstica na experiência de mulheres; e supremacia masculina e infidelidade em detrimento do direito das mulheres.

No atual estudo, o desenvolvimento das oficinas oportunizou mulheres a refletirem sobre suas escolhas com relação a seu corpo e sua sexualidade. Foram encontros que favoreceram trocas de experiências e o reconhecimento de situações vivenciadas por mulheres vivendo no mesmo espaço geográfico, podendo aprender com as histórias e os sentimentos expostos por outras, no sentido de possibilitar melhores escolhas para a vivência da sua sexualidade. Emergiram falas que demonstraram as desigualdades e estereótipos arraigados em nossa cultura e a manutenção de algumas posturas como parte do constructo social.

Com isso, o desenvolvimento das oficinas nesse estudo viabilizou que mulheres refletissem e reconhecessem, talvez como primeira oportunidade na vida, sobre a situação de inferioridade frente a vivência da sexualidade no relacionamento afetivo-sexual. E mesmo aquelas que apenas escutaram em um primeiro momento, puderam ter acesso às vivências relacionadas a sexualidade de outras mulheres que vivem no mesmo circuito social, fazendo com que essas realidades possivelmente ecoassem em suas mentes, encorajando-as a voltar para os outros encontros prontas para falar e colaborar com o grupo participativo.

A entrevista foi desenvolvida a partir da necessidade identificada pela pesquisadora em aprofundar questões levantadas por participantes relativas ao objeto de estudo ou por demandas apresentadas pelas/os participantes, sendo agendada em comum acordo. Ao final das oficinas foi oportunizado às participantes que desejassem momento individual para discutir pontos de interesse, e a partir das demandas apresentadas foram realizados o convite para a entrevista e o seu agendamento para data e hora sugerida pela mulher. As entrevistas ocorreram individualmente e no espaço da USF.

Ademais, no decorrer da coleta de dados, os encontros com as usuárias se configuraram como momentos de muita troca de experiências, em que surgiram sentimentos de empatia das pesquisadoras com as mulheres. Enquanto pesquisadoras, muitas vezes nos deparamos com relatos difíceis e que poderiam ocorrer na vida de qualquer mulher, fazendo com que esse olhar para a outra se desse muitas vezes em simultaneidade com o olhar para si. Vale salientar que as histórias das mulheres se entrecruzam, e embora umas mulheres estejam mais expostas a situações de vulnerabilidades que outras, todas sentem a força do poder social do gênero sobre a sua sexualidade e sua vida, tornando-se um problema de interesse para todas as mulheres.

As falas provenientes das oficinas e da entrevista foram gravadas mediante autorização das participantes do estudo e transcritas na íntegra, e todo o processo foi fotografado com anuência das participantes. O arquivamento do material foi efetuado de forma a garantir o acesso restrito às pesquisadoras envolvidas. No relatório de tese, para assegurar o anonimato, as falas foram identificadas pela letra P, de participante, e numeradas de 1 a 14. Em relação aos materiais produzidos ou escritos pelas participantes no decorrer das oficinas, esses foram guardados pela pesquisadora, constituindo material auxiliar.

4.7 TÉCNICA DE ANÁLISE DO MATERIAL EMPÍRICO

Os dados foram analisados pela técnica de análise de discurso conforme proposição de José Luiz Fiorin.

A análise de discurso busca mostrar o significado da linguagem enquanto detentora de materialidade simbólica e de sentido, considerando os processos, as condições pela qual ela é produzida e sua historicidade. Desta forma, visa entender a utilização da língua como meio para a pessoa significar-se, considerando a ideologia perpassada pelo tempo e o lugar social que ocupa (MENDES E SILVA, 2005).

O discurso reflete uma posição social e visão de mundo da pessoa, carregado de cultura e costumes construído ao longo de sua vida e que se expressa por meio de construções ideológicas materializadas na linguagem. As ideologias são reveladas por meio de figuras e temas, que são instrumentos de concretização do sentido. As figuras remetem à representação percebida no mundo natural e os temas têm caráter conceptual, com função de organizar e categorizar elementos do mundo natural (FIORIN, 2016). Para realizar a análise de discurso deve ser considerado seu contexto histórico-social e percorrer os três níveis de abstração do texto: superficial, intermediário e profundo (FIORIN, 2011).

Para análise do discurso segundo Fiorin (2016), devem ser seguidas as seguintes etapas:

- ✓ Leitura de texto completo para que sejam localizados as figuras (elementos concretos) e os temas (elementos abstratos) que conduzem a um mesmo bloco de significação, garantindo coerência;
- ✓ Agrupamento dos elementos significativos (figuras e temas) que se somam ou se confirmam em um mesmo plano de significado;
- ✓ Depreensão dos temas centrais com formação de subcategorias que levem a construção de uma (ou mais) categoria empírica;
- ✓ Análise e discussão das categorias empíricas orientadas pelo eixo teórico, em articulação com leitura pertinente;
- ✓ A análise e discussão das categorias empíricas serão orientadas pelo referencial teórico e pelas categorias de análise previstas neste estudo.

5 RESULTADOS

A análise dos discursos das mulheres que participaram da pesquisa e foram questionadas sobre as experiências no âmbito da sexualidade conduziram para formulação de quatro categorias empíricas centrais que deram títulos aos capítulos apresentados na sequência. Em cada categoria foi apresentado resultados e discussão como método organizacional para facilitar o entendimento das questões emergentes e facilitar a composição dos artigos que virão a partir desses resultados. É apresentado também na seção de resultados capítulo sobre caracterização socioeconômica das participantes do estudo.

5.1 CARACTERIZAÇÃO DAS PARTICIPANTES

No presente estudo, o grupo de participantes foi constituído por 14 mulheres, na faixa etária de 29 a 65 anos, com média de idade de 47 anos. No que diz respeito ao tempo de vinculação com o serviço, houve variação de três meses até 25 anos, quatro mulheres referiram estar cadastradas há aproximadamente dez anos, cinco há mais de 20 anos, o restante com mais de seis anos, apenas uma mulher estava sendo acompanhada há apenas três meses. Em relação ao quesito raça/cor, dez mulheres se autodeclararam pardas e as demais negras. Quanto ao nível de escolaridade, seis mulheres tinham o ensino médio completo, seis tinham ensino fundamental II completo, e duas o ensino fundamental I completo. Sobre a religião, seis mulheres eram católicas, seis evangélicas, uma do candomblé e uma sem religião. No que diz respeito à situação conjugal das mulheres do estudo, nove estavam casadas ou vivendo em união estável, duas separadas e três eram viúvas.

A respeito das ocupações, sete eram donas de casa, uma cozinheira, uma professora, uma faxineira, uma cuidadora de idosos, três são vendedoras em comércio próprio da família. Seis mulheres possuíam renda pessoal de um salário-mínimo, e em dois desses casos essa renda se constituía também a renda familiar; quatro não possuíam renda pessoal, e as demais recebiam valores que variavam de R\$500 até R\$82, desses últimos, três referentes a benefícios sociais do Governo Federal.

Quanto à renda familiar, sete mulheres declararam ser de um salário-mínimo, quatro não souberam informar e as demais possuíam rendas familiares menores que um salário-mínimo. Ressalta-se que tanto a renda pessoal como familiar das mulheres não ultrapassaram

o limite de R\$998, o que as enquadra em um perfil de vulnerabilidade socioeconômica e, em alguns casos, à dependência econômica a que estavam submetidas pelos parceiros ou familiares.

Vale ressaltar que a caracterização apresentada condiz com a realidade brasileira pois, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), mais de metade da população brasileira (56,10%) se declara negra, valor referente a soma de 19,2 milhões de pretos com 89,7 milhões autodeclarados pardos, sendo que na região do Nordeste encontra-se a maior proporção de pretos no país, com 11,3% (PNAD, 2017).

Assim como, dados publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram significativa proporção de pretos e pardos entre as pessoas desocupadas em 2018, somado ao fato de que são os mais afetados pela informalidade crescente no Brasil. Nesse mesmo ano, o rendimento médio individual por domicílio da população negra era de um salário-mínimo, metade da média recebida pelo branco. As taxas de pobreza (32,9%) e de pobreza extrema (8,8%) são maiores entre a população negra (IBGE, 2018).

5.2 RELACIONAMENTO ABUSIVO NA VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE FEMININA

No nosso estudo, a experiência de algumas mulheres no âmbito da sexualidade expressa e configura relacionamento abusivo, sendo submetidas às vontades do parceiro, conforme os discursos a seguir:

Não são todos, mas acha que a gente é um objeto sexual. Ele quer e a gente tem que ceder, ceder, ceder [...] você não é obrigada [...] o homem tem mais um instinto selvagem [...] a gente é mais com o sentimento[...] homem não, acha que tudo é sexo (P4, casada, 29 anos, OF).

Às vezes a gente não tá afim e ele quer, aí é ruim [...] a pulso não, não dá não. A gente quer mais carinho, agora o homem, parece cavalo, quer mais, quer mais, o que ele pensa que a gente é? [...] o meu é assim, ele é muito puxado, muito cavalo, muito... esses homens brabos (P7, casada, 59 anos, OF).

Essas relações de poder transformam mulheres em objeto sexual, com frustração pelo orgasmo unilateral e pela negação do prazer feminino. A sujeição das mulheres se dá por diferentes razões de ordem patriarcal, em que se incluem incorporação da subserviência como papel feminino e diferentes temores diante do poder dos homens sobre o corpo e a sexualidade, identificados a seguir:

- **Obrigação em dar prazer**

Ele vem procurar, a gente sabe que é obrigação da gente, mas muitas das vezes a gente tá cansada, é tanta coisa nosso dia a dia [...]e muita das vezes eles não entendem o lado da gente [...] poxa, é horrível isso, não adianta, você tá fazendo uma coisa para satisfazer a vontade dele, o ego dele, mas e o seu? (P6, casada, 52 anos, OF).

Eu faço a vontade dele [...] ele tá relaxado, tá bem, vai trabalhar tranquilo [...] eu sinto prazer em ele sentir o prazer em si [...] muitas vezes os meninos tão acordados, minha cabeça não tá preparada [...] se eu sou a mulher dele [...] tem mulheres que elas fingem que chegou ao orgasmo, mentira (P10, casada, 42 anos, OF).

Já aconteceu comigo, de meu marido ter prazer e eu não tive nada e acabou ali e pronto [...] Mas também eu não reclamei, isso acontece

com a mulher, não tem pra onde correr [...] eu acho que é uma coisa normal (P9, casada, 51 anos, ENT).

O parceiro tá com vontade e a mulher não tá com vontade, aí tem algumas pessoas que fazem [...] e pode passar no momento a gostar [...] às vezes a gente tá cansada, sentindo dor [...] ele acha que isso é uma desculpa [...] tem mulher que [...] consegue ali disfarçar, só fez por fazer (P4, casada, 29 anos, OF).

- **Temor de ser traída**

Não é bom ele só se satisfazer [...] já aconteceu comigo [...] nessas horas eu penso assim, se eu não desse ele pegava outra na rua, então ele aí desabafou, ficou tranquilo [...] o meu era retado, até de manhã antes de trabalhar ele queria [...] eu cedia, mas não ficava zangada não [...] não me importo não (P14, viúva, 53 anos, OF).

Se a gente fizer, não tentar, a gente não vai ficar com marido nenhum, vai tomar um corno louco, que enquanto a de casa não quer, as da rua quer e muitas das vezes, sem proteção, sem nada (P1, casada, 32 anos, ENT).

- **Temor de atrito e agressão**

Às vezes eu acabo aceitando, cedendo [...] a ganância é tão grande que pra eles no momento tem que satisfazer eles [...] às vezes a gente até faz pra realmente pra não ter atrito, briga, mas sabendo que aquilo [...] faz mal também pra gente (P11, separada, 43 anos, OF).

Às vezes, a mulher não tá assim com aquela vontade ter relação com o homem naquele dia e aí o marido vai e faz, mas mesmo assim eu aceito [...] eu sou assim, se eu disse que eu não quero, ele também me deixa em paz [...] às vezes eu aceito pra não ter atrito entre os dois, não ficar zangado, essas coisas (P9, casada, 51 anos, ENT).

Também se não aceitar, se ele for violento vai querer bater [...] eu acho assim fazer pra evitar briga é melhor do que enfrentar, porque na realidade a mulher não tá protegida de nada não [...] a mulher é obrigada a ficar com ele ali, se ele maltrata, ela tem que ficar porque se separar ele vai e mata (P5, casada, 65 anos, ENT).

Apesar de condutas agressivas do parceiro serem relatadas na fala da P1, essa participante afirma impor respeito e autonomia sobre seu corpo, a exemplo do que também relata a participante P8:

O que me faz mal é ele ir com brabeza [...] só vai rolar se ele tiver com muita paciência de vir com jeitinho, carinho e saber me levar [...] se ele for com ignorância, não vai adiantar [...] se eu não ficar afim, ele vai dormir e me deixa quieta, ele nunca quis nada forçado (P1, casada, 32 anos, ENT).

Os dois têm que tá a fim, não adianta você satisfazer e ele não satisfazer você. Tem muita mulher que faz isso, satisfaz a vontade do homem, mas ela não tá a fim. Eu espero tá com vontade, que não adianta fazer a pulso, não sou obrigada, só faço quando eu tô afim [...] sexo sem vontade é horrível (P8, união estável 7 meses, 41 anos, ENT).

Na direção de sentirem-se no direito ao prazer, as falas de P2 e P12, a seguir, ressaltam que trocas afetivo-sexuais com preliminares são essenciais para o prazer a dois:

Tem homem que chega ao orgasmo e aí pronto, se deita como se tivesse cansado, meia hora e me deixa a ver navios [...] mulher tem que fazer carinho para poder a mulher ficar bem fogosa. Ele vai, faz o dele e deixa a gente sem, não pode, me dá dor de cabeça (P12, viúva, 64 anos, OF).

Achar que a mulher é objeto, se satisfaz [...] vira para o lado, vai dormir [...] isso é falta de respeito [...] o sexo não vem só da penetração, vem do toque, vem do carinho [...] às vezes eu tava muito cansada [...] ele falou que eu tinha outro na rua [...] pra mim é um sexo abusivo (P2, divorciada, 41 anos, ENT).

- **Violência doméstica como experiência que humilha a mulher e destrói relacionamentos**

Algumas mulheres reconhecem a relação sexual forçada como ato violento, com destaque para a sobreposição da violência psicológica à violência física vivenciadas no relacionamento abusivo.

Ser forçada a ter relação [...] isso aí já é uma agressão. Mulher tem que se valorizar, pra que nem ele nem ninguém venha nos agredir [...] às vezes são as palavras, palavras é pior que às vezes até de você receber um murro porque um murro você vai sentir a dor e vai passar e a palavra não (P11, separada, 43 anos, OF).

Um tapa que você toma ali, você já sentiu a dor e passa. Não quer dizer que você deve aceitar apanhar, mas a palavra vai mais fundo, mexe com seu íntimo, por dentro, aí você vai baixando a autoestima, aí vai entrar em depressão, aí você vai querer se matar; aí vai tomando rumos piores (P4, casada, 29 anos, OF).

A sujeição da mulher se revela no discurso a seguir com a associação de violência física e sexual, tendo como desfecho o estupro. Para uma delas, separação com afastamento das filhas é mais uma imposição masculina como forma de violência perpetrada contra a mulher.

Ele nem só me batia, como me forçava a fazer sexo com ele, tinha vezes que me agarrava a pulso me espancando. Eu dei queixa dele até contra estupro [...] me proibia de dormir na cama com ele, porque eu tinha obrigação de tá tendo relação com ele? Minhas duas filhas também apanhavam [...] tem quatro anos que eu não vejo as minhas filhas, ele proibiu e a justiça também não fez nada até hoje [...] eu tô com a medida protetiva até hoje (P3, casada, 39 anos, OF).

A presença do álcool exacerba o comportamento agressivo por meio de violência psicológica com humilhações e afastamento entre o casal.

A bebida atrapalha[...] ele são é uma pessoa, ele bebendo é outra, aí fica jogando as coisas na minha cara, que faz, que compra [...] fica 'bota uma comida pra mim', 'esquenta ali pra mim' [...] às vezes quando ele bebe, procura confusão com os outros (P8, união estável 7 meses, 41 anos, ENT).

O álcool [...] quando passa do seu limite e você já começa a agredir [...] interfere não só na vida sexual como na vida sentimental [...] álcool e relacionamento não combina, sempre vai vir briga [...] alguém sai machucado, com palavras e até fisicamente (P2, divorciada, 41 anos, ENT).

Vê-se que a sujeição ao desejo masculino no âmbito da sexualidade se intersecciona com a violência doméstica perpetrada pelo parceiro e relatada por mulheres como experiência concreta. Algumas reconhecem suas dimensões física, psicológica e sexual e argumentam na direção de refutá-la, embora permaneçam no relacionamento abusivo, conforme se lê:

Meu marido uma vez veio bater em mim, eu meti o pau na cabeça dele. Nunca mais ele tocou a mão em mim. Se eu fosse besta ele tava me batendo até hoje [...] o sangue dele desceu, ele tomou vergonha na cara, nunca mais ele bateu em mim (P7, casada, 59 anos, OF).

Se o homem agredir com palavras e depois com força [...] tem que se separar, é lógico, por que se perdoar, volta tudo de novo [...] e aí vai relaxar (P14, viúva, 53 anos, OF).

Hoje a gente não pode aceitar nenhum tipo de agressão verbal. Hoje ele fala uma agressão verbal, amanhã ele empurra, depois de amanhã ele coloca no caixão. Nós como mulheres não devemos aceitar (P2, divorciada, 41 anos, OF).

Hoje em dia não vale nem a pena ter relacionamento, o homem quer bater, quer matar [...] depois de velha, se envolver para morrer antes do tempo? Depois fica aí [...] para se misturar com esses véi brabo? Deus é mais (P13, viúva, 57 anos, OF).

A autoestima elevada e a valorização do seu trabalho juntam-se a não aceitação da violência para uma das participantes:

A mulher tem que ser independente, antes de gostar do homem ela tem que gostar dela própria, tem que se amar [...] a mulher não pode se calar, a maioria dos crimes é porque a mulher não tem coragem de denunciar, a gente não pode aceitar nenhum tipo de agressão, nem verbal, nem física [...] eu trabalho, eu lavo, passo, cozinho, cuido de filho, de casa, de marido, então eu sou uma pessoa que tenho capacidade, eu não vou admitir que ninguém chegue para mim e diga que eu não faço nada, que eu sou inútil (P2, divorciada, 41 anos, ENT).

DISCUSSÃO

Os discursos das participantes do nosso estudo corroboram com a noção de uma supremacia masculina no âmbito da sexualidade, legitimada socialmente em virtude da crença remanescente da superioridade dos homens e do poder sobre quem esses reconhecem como inferior e dependente. As desigualdades de gênero têm interferência direta na inserção social de mulheres e homens e na vivência da sexualidade, estando as mulheres historicamente em posição de desvantagem em relação aos homens e mais expostas a serem vítimas de relacionamento abusivo por parte do parceiro. Apesar das importantes conquistas por

espaços com mais autonomia e liberdade no âmbito das relações sociais, a cultura patriarcal ainda alimenta tais relações.

No nosso estudo, mulheres são sujeitadas aos desejos do parceiro e algumas experienciam o relacionamento abusivo, muitas vezes reconhecendo o comportamento agressivo a que estão expostas, embora demonstrem a incorporação das hierarquias de gênero e do domínio masculino como prática social estabelecida.

O relacionamento abusivo é aquele que ocorre na presença da violência e de seus desdobramentos, refletindo a dominação, o controle e a opressão sobre a mulher. É vivenciado de maneira singular entre autor e vítima a depender de como cada pessoa envolvida significa a violência. Desse modo, é sustentado pela violência de gênero baseada nas assimetrias das relações, que resultam em dano físico ou emocional pelo abuso de poder (OLIVEIRA, 2014).

Quando vivendo em relacionamento abusivo, mulheres são influenciadas de forma negativa no modo como utilizam seus corpos, se vestem e se embelezam. A relação de poder a que estão expostas nesse tipo de relação condiciona suas escolhas, destituindo-a de vontade própria, levando-as a aceitar as imposições do parceiro, e somente após o término desse tipo de relacionamento é que as mulheres retomam suas escolhas, com melhoria da autoestima. Mulheres que vivenciam um relacionamento abusivo sofrem com receio de agressões por parte do parceiro e se isolam dos amigos e familiares, além de desenvolverem sentimento de culpa pelas agressões sofridas (ALBERTIM; MARTINS, 2018).

Estudo sobre relacionamento abusivo, entendido como práticas de controle excessivo por um/a dos/as parceiros/as, mostrou a internalização das normas de gênero na relação e a valorização da dominação social masculina. A insegurança e o ciúme foram fatores de risco para a ocorrência dos abusos, e as vítimas tiveram suas necessidades desconsideradas, sofrendo diversos tipos de violência e com pouca percepção do relacionamento abusivo. Somente após muitas situações violentas e alertas externos é que entendem o problema vivenciado, desvencilhando-se da situação atual, mas carregando suas marcas para próximos relacionamentos (SOUZA, 2018).

Pesquisa realizada com 40 mulheres mostrou que todas reconheceram o termo relacionamento abusivo e 70% delas afirmaram já ter vivenciado violência em seus relacionamentos afetivos. Essas mulheres entendem relacionamento abusivo por: “parceiro tenta te mudar contra a sua vontade” (36%), controle (26%), perda de liberdade (15%), despersonalização (13%) e violência verbal (10%). Essa caracterização evidencia o modo

como se configura o relacionamento abusivo na vida das mulheres, pautadas na desigualdade de gênero e na submissão ao domínio masculino (SARDINHA, 2020).

O relacionamento abusivo também aparece em nosso estudo acompanhado, em alguns casos, de sexo abusivo. Mulheres o reconhecem como desrespeito ao corpo feminino e manifestam resistência, impondo limites na relação com o parceiro.

O sexo abusivo trata-se de violência sexual sem o assentimento da mulher, por meio de coerção. A violência sexual é uma agressão que objetifica o corpo da mulher e demonstra o poder masculino, sendo considerada uma violência de gênero (BANDEIRA, 2014). É caracterizada pela dominação decorrente da desigualdade de poder nas relações de gênero, que no contexto da violência pode se configurar como violência sexual (CHACHAM; JAYME, 2016).

Pesquisa realizada em dez cidades brasileiras mostrou que a relação sexual forçada é reconhecida por adolescentes do sexo masculino como agressão sexual e desrespeito ao desejo feminino, mas que embora repudiem a atitude de pressionar a mulher a manter relações sexuais, admitem tais atitudes como corriqueiras e culpam as mulheres pela não identificação dos abusos (CECCHETTO et al., 2016).

No nosso estudo, muitas participantes cedem aos desejos do parceiro por entenderem ser sua obrigação enquanto mulher, revelando a incorporação da hierarquia de gênero. Na tentativa de alcançar o prazer mútuo na relação, indicam a troca de carinhos e preliminares sexuais como essenciais no relacionamento a dois.

Há mais de meio século Simone de Beauvoir já afirmava que a construção social das mulheres se dá sob um sistema de valores machistas incorporados também no ambiente familiar e que a inferiorizam. Destituída de ferramentas para enfrentamentos e de reconhecimento de outras possibilidades de inserção social, a mulher é controlada com conseqüente aceitação de verdades ditas como soberanas, o que a afasta de sua autonomia (BEAUVOIR, 2019). A internalização pelas mulheres das normas e padrões a ela impostos exerce controle social que se reflete em segurança e tranquilidade para seus parceiros (SAFFIOTI, 2015).

A realidade apresentada no atual estudo coaduna-se com a encontrada em pesquisa desenvolvida com 40 mulheres de 45 a 65 anos, cujos resultados mostraram que 23 delas referiram o sexo como algo sem propósito e sem motivação, sendo apontado até como penoso e perverso de se viver. Dessas 23 mulheres, 14 afirmaram manter vida sexual de forma

passiva, acreditando ser sua função e responsabilidade estar a serviço da satisfação e do prazer sexual do companheiro (ARAÚJO et al., 2013).

Entre mulheres idosas, algumas consideram sua obrigação manter relação sexual para atender ao parceiro, refletindo também essa lógica patriarcal que outorga ao homem o poder sobre o corpo feminino, além de atribuírem à sua sexualidade sentido de esgotamento pelo avançar da idade, com implicações diretas no desejo sexual. Mesmo dentre as idosas que afirmaram sentir desejo sexual, o sexo não é praticado, pois consideram que esse deve ser realizado com o marido ou com quem tenham estabelecido vínculos afetivos de carinho, companheirismo e amizade, descartando a possibilidade de relações curtas ou com parceiros mais jovens (OLIVEIRA; NEVES; SILVA, 2018).

Estudo com 1.125 mulheres em Mumbai indicou que quase metade das participantes afirmou possuir uma visão negativa sobre o sexo com o marido e que o interesse diminuído esteve relacionado à falta de preliminares, sexo forçado, dificuldade em obter privacidade, falta de diálogo, dentre outros, evitando o sexo com recusa baseada em problemas de saúde, presença de familiares em casa e comunicação não verbal. Para elas, o relacionamento sexual prazeroso inclui maior igualdade relacional, com vontade do marido de não fazer sexo se não for desejado pela mulher, uma abordagem mais “amorosa” do parceiro, possibilidade da mulher iniciar o sexo e maior comunicação (SCHENSUL et al., 2018).

Pesquisa qualitativa realizada com mulheres de quatro diferentes gerações evidenciou que todas consideraram a relação sexual um meio para obtenção de prazer e dependente de afetividade com o compartilhamento de amor, carinho e companheirismo. Entretanto, nas gerações de adultas jovens e de meia-idade, a relação sexual aparece atrelada ao casamento e como função da esposa, de modo que muitas vezes essas mulheres realizam o sexo para satisfazer o companheiro, não proporcionando prazer a si mesmas, o que retrata a internalização da cultura patriarcal de que devem ser obedientes, respeitar e servir aos desejos do marido (VIEIRA et al., 2016).

As mulheres do nosso estudo tendem a naturalizar o entendimento de que o homem é razão e a mulher emoção, justificando a falta de controle masculino sobre o ímpeto sexual, com suposta exacerbação do instinto sexual que precisa a qualquer custo ser satisfeito. Assim, se submetem ao sexo sem desejo, sobretudo por se sentirem na obrigação de dar prazer ao parceiro, sentir temor de ser traída e de ser agredida moral ou fisicamente.

Na nossa sociedade, gênero se relaciona à hierarquização entre os sexos, isto é, o poder do homem com características de fortaleza e racionalidade sobre a passividade da mulher, que é tida como sensível e emotiva (ARAÚJO, 2005; BOURDIEU, 2015; GIFFIN, 1994). Diante disso, o uso de violência pelo parceiro aparece como forma de reafirmar sua identidade masculina pelo fato de a agressividade estar culturalmente associada ao masculino (CORTEZ; SOUZA, 2008).

A preocupação da mulher em agradar e satisfazer os desejos do parceiro se baseia na ideia de que o desejo masculino é mais exacerbado e que corresponder às expectativas sexuais do parceiro é obrigação da mulher. Isso porque o senso comum e as mídias sociais perpetuam essa cultura de que homens estão continuamente pensando em sexo, enquanto mulheres têm a libido moldada sob caráter repressor (AGUIAR, 2015).

Estudo recente com adolescentes de ambos os sexos mostrou que esses/as reproduzem padrões de comportamento entendendo como inerentes à natureza dos sexos e delegam a condução da relação sexual ao domínio masculino, reafirmando a hierarquia de gênero presente na sociedade contemporânea (OLIVEIRA; FONSECA, 2019).

Resultados de pesquisa mostraram que 55% dos homens participantes disseram ser o desejo sexual difícil de controlar. Eles defendem a ideia de um impulso sexual masculino mais intenso, e mulheres afirmam que o desejo sexual feminino pode ser facilmente controlado. Mais homens que mulheres disseram acreditar que ambos têm a mesma necessidade de sexo, e a maioria das mulheres informou que os homens têm maiores necessidades sexuais. Assim, replica-se a ideia de comportamento sexual feminino governado pela vontade e manobrável, enquanto o comportamento sexual dos homens é caracterizado como instintivo e incontrolável (HEILBORN; CABRAL, 2013).

Ademais, a literatura dirigida às mulheres e a mídia social comumente reforçam padrões hegemônicos, que objetificam a mulher e a colocam na responsabilidade de abrandar a vontade sexual masculina servindo sexualmente ao parceiro.

Nessa direção, trabalho que aborda materialidades discursivas propostas por uma igreja evangélica analisou o teor pedagógico sobre amor, família e gênero com associação direta entre busca da felicidade e a domesticação das impulsividades emocionais de homens e mulheres. Por meio de diferentes estratégias, é reafirmada uma diferença considerada natural, em que o homem está na esfera da razão e lidera os relacionamentos, e a mulher está no polo

dos afetos, naturalizando-se desentendimentos no relacionamento pela natureza diferente e complementar dos sujeitos (ALTIVO, 2016).

Na Itália, investigação com 1.009 participantes identificou características de crenças machistas e conservadorismo sexual ligada ao homem e à mulher. Tais achados refletem forte influência da igreja católica, que prega o sexo exclusivo ao casamento e para fins de reprodução, desconsiderando o prazer e exercendo grande influência sobre as crenças sexuais nessa sociedade, ainda que em progressiva mudança para uma visão mais aberta sobre a sexualidade (NIMBI et al., 2019).

Pesquisa em que foram investigadas expressões relacionadas a atributos femininos e masculinos como racional/emocional mostrou que a legitimação da inferioridade da mulher é reforçada pela repetição de ideias que atravessam gerações, evidenciando a permanência da cultura patriarcal familiar (MARTINS-SUAREZ; SOUSA, 2016). Estudo recente no sul do Brasil mostrou a perpetuação da crença sobre o cumprimento de obrigações matrimoniais pelas mulheres para atender às necessidades sexuais dos companheiros, mesmo quando esses lhes causem desconforto (MENEGHEL; ANDRADE, 2019).

Sexo por obrigação implícita à relação matrimonial, sexo sem vontade, bem como formas explícitas de violência sexual, como estupro, sexo forçado ou sexo por medo, geram maior vulnerabilidade às Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) em decorrência do não uso de preservativos durante a relação sexual (DECKER et al., 2009). Algumas mulheres do nosso estudo confessaram que ao fazer sexo por obrigação, tinham receio de serem contaminadas com doenças sexualmente transmissíveis a partir dos próprios parceiros íntimos. Apesar da suspeita de relações sexuais extraconjugais por parte do cônjuge, não se recusavam a atendê-lo na satisfação do seu desejo.

Estudo mostrou que as mulheres latinas que vivem nos Estados Unidos são vulneráveis à violência por parceiro íntimo, têm risco de infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV)/Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) e que têm receio de se infectarem pelo HIV, citando a infidelidade do parceiro e as experiências de sexo forçado e coagido como principais razões para a preocupação (ROUNTREE; GRANILLO; BAGWELL-GRAY, 2015). Em outro grupo de mulheres latinas nos Estados Unidos, fatores como infidelidade masculina, a confiança das mulheres em seus parceiros e o tipo de relacionamento foram importantes na percepção da mulher sobre o risco de HIV (IBANEZ et al., 2016).

Dentre os papéis atribuídos à mulher e naturalizados culturalmente pela sociedade de cultura patriarcal, servir ao homem sexualmente é uma função a ser desempenhada pela mulher dentro do relacionamento.

A sujeição das mulheres aos homens presente no contrato de casamento é condição necessária para que o marido exerça autoridade sobre a mulher e para que a exploração possa ocorrer. Assim, o contrato permite o desenvolvimento de subordinação nas relações assentadas no individualismo possessivo, de modo que a mulher pode renunciar a parte de sua autonomia ao se julgar proprietária de si, em troca da proteção do marido. No entanto, contratos que envolvem a submissão pessoal implicam a restrição efetiva ao exercício de direitos por estar sob o arbítrio de outrem (PATEMAN, 2008).

Pateman considera a teoria do contrato uma atualização da ideologia do patriarcado, adaptada a circunstâncias políticas renovadas. Porém esse termo, que aparece como um sinônimo para dominação masculina, possui um sentido preciso na história das ideias, o que faz muitas feministas contestarem seu uso na descrição da sociedade contemporânea (MIGUEL, 2017).

A partir de constatações de mulheres aqui representadas, nas falas *eu faço a vontade dele; ele tá relaxado, tá bem, vai trabalhar tranquilo; eu sinto prazer em ele sentir o prazer em si* reafirma-se um papel assumido pela mulher de ter seu corpo como objeto sexual, e se negam como pessoas desejantes, assumindo para si um papel passivo e secundário no intercurso sexual.

Ademais, no nosso estudo, o *prazer em dar prazer* alia-se à expectativa de reciprocidade. Mulheres sentem-se compelidas a atender ao desejo do parceiro em detrimento do desejo delas e alegam que outras mulheres fingem sentir prazer, o que se traduz em outra forma de submissão. Além disso, preservar a aparência da correspondência do desejo sexual reafirma a supremacia masculina e convém à estabilidade da relação.

Estudo com mulheres idosas portuguesas também reflete essa realidade. Para elas, a dimensão sexual também está relacionada ao papel de provedoras do prazer de seus cônjuges, não valorizando a sua necessidade de satisfação pessoal. Ainda que assumam obter algum prazer, sempre relacionam o ato sexual a uma obrigação e desenvolvem suas experiências sexuais centradas no homem. Assim, se consideram mais sossegadas e calmas, definindo seu comportamento sexual sempre em resposta ao atendimento das necessidades do companheiro (QUEIROGA; MAGALHÃES; NOGUEIRA, 2018).

Soma-se a isso, o nosso entendimento de que o mecanismo de interdição dos corpos e a valoração do desejo masculino acontece numa lógica que localiza a mulher, na maior parte das vezes, na posição de dominada, com predisposição a naturalizar papéis de docilidade e obediência como próprios da mulher a serviço do homem, embasando a violência de gênero.

No exercício da função patriarcal, está outorgado aos homens o poder de definir condutas a serem cumpridas pelas mulheres, utilizando-se de permissão ou tolerância social para penalizar quem apresente desvio. Mesmo quando as vítimas não apresentam intenção de descumprir a prescrição das normas sociais, o projeto de dominação-exploração do patriarca requer que a suficiência de poder do mando seja apoiada pela violência (SAFFIOTI, 2001). Assim, as normas modeladoras dos homens e mulheres são permeadas por uma desigualdade social que compõe a tradição cultural e as estruturas de poder, o que leva a violência de gênero se direcionar hegemonicamente do homem contra a mulher (SAFFIOTI, 2015).

Ademais, é a partir da reprodução de comportamentos com características de passividade e submissão pelas mulheres e pela assimilação do papel de desenvolver trabalhos domésticos e servir à família e ao marido, que as mulheres recebem *status* de objeto de dominação masculina, devendo obediência ao companheiro e deixando de exercer autonomia e controle sobre seu corpo. Essa submissão feminina beneficia a perpetração de violência contra mulheres, especialmente a violência sexual praticada por parceiro íntimo, em que a mulher mesmo sem o desejo de ter relação sexual a realiza por acreditar ser obrigação, desconhecendo a violação dos seus direitos sexuais e reprodutivos (PENNA et al., 2017).

Em nosso estudo, as situações de sujeição feminina são também declaradas por algumas mulheres ao atribuírem a outras a necessidade de um falso orgasmo na relação sexual. Nesse sentido, a literatura aponta que a simulação do gozo feminino não se relaciona apenas com a frigidez feminina, mas que essa também é fonte de prazer para a mulher e uma forma de abertura ao encontro com o outro. A mulher finge prazer para dar prazer ao parceiro, e o prazer no “prazer do outro” se relaciona à dor erotizada, que costuma ser escondida pela mulher. Mostrar ao parceiro um prazer que ainda não está presente torna-se essencial para desencadear nele o desejo, excitá-lo e fazê-lo gozar, e essa simulação estimula gozos recíprocos, existindo algo de verdadeiro na simulação (LIPPI, 2016).

A maioria das mulheres prefere fingir orgasmo a se recusar ao sexo, e muitas vezes adota essa estratégia como mecanismo para não precisar enfrentar e dar explicações ao parceiro, fato que coaduna com os altos índices de insatisfação sexual feminina apontados em

pesquisas (GOLDENBERG, 2013). Em estudo colombiano com 303 universitárias, 43,6% das participantes referiram fingir orgasmo devido ao altruísmo, para equilibrar o seu desejo ao do parceiro e manter a estabilidade do relacionamento. No entanto, ocorre também em razão de medo e insegurança, por aumentar a própria excitação e, ainda, existe um grupo de mulheres que finge sem nunca ter alcançado orgasmos (ARCILA; TOBÓN; GÓMEZ, 2015).

No âmbito da satisfação sexual, em nosso estudo, a não garantia do orgasmo feminino e a inexistência de liberdade ao prazer foram consideradas razões para frustração das mulheres. A dificuldade em dizer não e a resistência masculina em aceitar também se constituem fatores reveladores da supremacia masculina. Além desses, o prazer feminino está em segundo plano no relacionamento afetivo-sexual das mulheres deste estudo, evidenciando forte hierarquia de gênero.

É sabido que o orgasmo reflete-se em benefícios para a saúde da pessoa que tenha a capacidade de se expressar livre de inibições e com possibilidade de excitação sexual. Sua efetivação favorece a preservação da saúde psíquica e física das pessoas sexualmente ativas. Além dele, a troca de carícias e a oportunidade de uma vivência de intimidade física com outra pessoa é importante para a manutenção da qualidade de vida (FAGUNDES, 2009). Portanto, a sexualidade trata-se de uma experiência subjetiva acompanhada de mudanças psicofisiológicas.

Estudo com 161 mulheres portuguesas identificou que 60 delas tiveram a experiência de orgasmos múltiplos associados à elevação do nível de satisfação sexual (TEIXEIRA, 2019). Na Colômbia, o orgasmo prevaleceu em 76% das mulheres participantes de um estudo (GUARIN-SERRANO et al., 2014), e no México, 59,3% das mulheres estudadas apresentaram-se sexualmente satisfeitas, com maior satisfação sexual relatada entre as mulheres casadas e as sexualmente ativas (CIBRIÁN-LLANDERAL et al., 2016).

Além disso, o orgasmo unilateral e a aceitação do cumprimento de papéis histórico, social e cultural atribuídos às mulheres revelaram uma sexualidade associada ao abuso perpetrado pelo companheiro, sem muitas vezes reconhecer a violência de gênero.

Pesquisa mostra que mulheres não reconhecem o direito de buscar o parceiro ao sentir desejo sexual, delegando a função da procura sexual exclusivamente ao homem. Apesar disso, elas manifestam desejo de receber carinho que extrapole o momento da relação sexual (AGUIAR, 2015). Tal constatação é feita também no nosso estudo, aqui representado pelo

recorte “*eles não entendem o lado da gente [...] poxa, é horrível isso, não adianta, você tá fazendo uma coisa para satisfazer a vontade dele*” (P6, casada, 52 anos).

No tocante às mulheres do nosso estudo que, em seus discursos, referem-se ao cansaço pelo trabalho doméstico e pelo cuidado das crianças como causadores de indisposição para o sexo, há de se considerar que uma vez excluído o prazer da parceira, pouco importa ao homem a condição de desejo da mulher. A exemplo desses resultados, pesquisa mostrou que algumas mulheres mantêm relação sexual com seus parceiros mesmo sem vontade de fazê-lo e atribuem a falta de vontade para o sexo a situações do cotidiano feminino, como o cansaço, o stress e as inúmeras preocupações. Porém, muitas vezes as mulheres criam estratégias para não realizar o sexo e dispensam relação sexual, visto que o descanso e o sono se sobrepõem ao atendimento do desejo do companheiro (TRINDADE; FERREIRA, 2008).

No contexto pesquisado, além da incorporação pela mulher da obrigação em garantir o prazer masculino, há também o predomínio da obediência feminina na relação sexual por temer a traição do parceiro, que quase sempre faz valer a liberdade sexual a eles outorgada, e por medo de ser vítima de violência física e/ou psicológica em caso de recusa ao sexo.

Em relação àquelas participantes que informaram se submeter sexualmente aos parceiros, revelaram acreditar que ao atenderem os desejos masculinos e satisfazerem os anseios sexuais do homem, evitarão a traição que se apresenta como ameaça constante, garantindo assim a manutenção do relacionamento e a estabilidade da relação. Destarte, mulheres internalizam aspectos de uma cultura machista a favor da privilegiação do homem e alimentam um sistema estruturante de desigualdades de gênero em que seu corpo é utilizável como objeto de posse, de controle e de silenciamentos. Assim, vivem em “paz”, mas como canta O Rappa, “paz sem voz, não é paz, é medo” (O RAPPA, 1999).

Estudo realizado no Camboja com 48 adolescentes do sexo masculino constatou que a maioria dos participantes tem atitudes liberais em relação à infidelidade masculina e com a alta possibilidade de sua própria infidelidade futura. Dos participantes, 21 justificaram a traição para satisfação dos desejos sexuais masculinos quando não mantinham relações sexuais com suas esposas por alguma razão (THAPA; YANG; NGET, 2019).

Soma-se a isso o fato de que historicamente os homens sempre foram estimulados a conquistar muitas mulheres e sair em busca do prazer, sendo enaltecidos por esse comportamento e provando sua masculinidade por meio dessas ações. Caso mulheres se

aproximassem dessas condutas, eram — e em certa medida continuam sendo — julgadas e execradas pela parte da sociedade inimiga das liberdades femininas.

Desse modo, a perpetuação da cultura patriarcal limita e reprime mulheres para a tomada de decisões, inclusive sobre seu próprio corpo, impondo regras conservadoras e machistas. O poder masculino sobre o corpo da mulher cria amarras para aquelas que sem liberdade nem autonomia se submetem na tentativa de garantir estabilidade emocional no relacionamento, mas também por medo de atritos e da violência. Assim, a subalternidade feminina nas relações afetivo-sexuais advém da reprodução de um sistema que impõe historicamente desigualdades de gênero, fundamentado em valores e crenças que definem lugares sociais com base nas diferenças sexuais.

Vale ressaltar que a construção dos gêneros e das sexualidades é um processo minucioso, sutil e inacabado, que acontece por meio de aprendizagens e práticas empreendidas por instâncias sociais e culturais, por meio dos discursos repetidos da mídia, da igreja, da ciência, das leis, dos movimentos sociais e dos dispositivos tecnológicos (LOURO, 2008).

Além disso, o discurso sobre gênero estabelece a estruturação da vida social e se constitui um meio de dar significado às relações de poder mediante suas articulações na sociedade. Assim, pode legitimar relações de desigualdade social e violência ao construir culturalmente a superioridade de um grupo social perante o outro (SCOTT, 1995).

Pelo fato de as relações de gênero serem construídas nas relações de poder, homens e mulheres não estão expostos unicamente à repressão e censura, mas também a práticas e relações que ditam condutas e posturas apropriadas. Essa associação de poder entre os gêneros converge com a produção dos saberes sobre a sexualidade e os corpos, em que são explicitadas táticas e tecnologias que garantem o controle de homens sobre mulheres (LOURO, 2011).

De fato, há a perpetração da violência e abusos contra mulheres participantes da pesquisa, e isso se constitui como mais um modo de imposição do poder masculino sobre o corpo das mulheres, tolhendo sua liberdade e deixando marcas físicas e psicológicas com reflexos na autoestima e na qualidade de vida. A violência a que estão expostas muitas mulheres se dá principalmente no âmbito das relações conjugais ou em relacionamentos afetivo-sexuais estáveis, especialmente dentro do ambiente doméstico.

A violência doméstica foi representada por agressão verbal, violência física e violência psicológica e se expressa como meio de parceiros submeterem a mulher às suas vontades. Para as participantes, a violência psicológica deixa marcas que se sobrepõem às da agressão física, ferindo mais, e uma vez experienciada interfere nas decisões sobre novos parceiros. Há também o reconhecimento da violência como processo que pode culminar na morte de mulheres.

A violência doméstica contra a mulher trata-se de uma grave violação dos direitos humanos e constitui um problema de saúde pública. É um fenômeno social que faz parte de uma estrutura cultural e socioeconômica que subjuga e discrimina a mulher, perpetuando desigualdades no âmbito social e privado e reafirmando o domínio masculino. Ainda é bastante naturalizada, tolerada e invisibilizada pela sociedade, além da frequente culpabilização das vítimas pelas agressões sofridas. Além disso, aniquila a autoestima e dignidade de mulheres, podendo incorrer em feminicídio (GÓES, 2019). No contexto conjugal, a violência é marcada por condutas masculinas incorporadas historicamente em referência ao patriarcado e preservando a divisão de papéis e da organização de tarefas que estruturam a vida conjugal e familiar (DINIZ, 2013).

A violência tem repercussões importantes à saúde da pessoa, além dos impactos psíquicos e emocionais que assolarão a mulher agredida por toda a vida, com repercussões sobre sua sexualidade e na qualidade de vida e com impactos significativos na estrutura familiar, no desenvolvimento de crianças que convivem nesses ambientes, que terão maiores índices de déficit de aprendizagem, de gestações não planejadas, de abuso de cigarros, álcool e drogas ilícitas (SALOMONE; SAMPAIO NETO, 2018).

Em Porto Alegre/RS, estudo com 251 mulheres evidenciou que 55% da violência sofrida por mulheres era psicológica, por meio de insultos, humilhações, intimidações ou ameaças; 38% física, com tapas, empurrões, socos, chutes, surras, estrangulamentos e uso de arma de fogo, e 8% violência sexual, por meio de práticas sexuais humilhantes ou estupros (KRONBAUER; MENEGHEL, 2005).

Atos perversos ocorridos no cotidiano conjugal, como agressões morais e psicológicas, podem resultar em baixa autoestima e depressão, e acabam sendo banalizados e silenciado pelas vítimas. Algumas mulheres identificam o processo agressivo e subtraem ações de seu comportamento como estratégia para contê-lo, pois acreditam ser as causadoras (SCAFFO; FARIAS, 2011).

Em pesquisa com 392 usuárias da Atenção Primária à Saúde no município de Petrolina/PE, foi constatada a prevalência de 37,8% de violência psicológica perpetrada no domicílio e por conhecidos (SIQUEIRA et al., 2018). Investigação sobre a violência contra mulheres durante o namoro verificou que as violências moral e psicológica foram evidenciadas como as formas mais presentes, seguidas pela sexual, física e patrimonial, respectivamente. Embora as ofensas verbais fossem as mais prevalentes, não eram reconhecidas como abusivas pelos jovens pesquisados (SOUZA; PASCOALETO; MENDONÇA, 2018).

As desigualdades de gênero têm comprometido a saúde de homens e mulheres ao se apresentarem transversal a todos os aspectos da vida, legitimando a opressão que se manifesta nas diversas violências. Resultados de pesquisa mostram a naturalização da violência e a culpabilização feminina pela violência de gênero a partir da internalização do símbolo da mulher profana, inclusive pelas próprias mulheres (OLIVEIRA; FONSECA, 2019).

Destaca-se que a invisibilização da violência está relacionada à reprodução de violências simbólicas culturalmente naturalizadas por mecanismos de dominação e de exclusão social. A violência simbólica impõe coerção a quem não dispõe de plena consciência sobre tal dimensão do poder e a incorpora como parte das relações a que está submetida. Tal relação se explicita, por exemplo, quando dominados aplicam inconscientemente sobre si o ponto de vista do dominante (BOURDIEU, 2015).

No contexto estudado, várias são as formas de violência que atingem as mulheres, sendo física, sexual e psicológica, incluindo-se aí o afastamento violento de familiares.

As violências nas relações conjugais evidenciam relações de poder invisibilizadas pelo matrimônio, em que o estupro conjugal se constitui como crime pelo ato de dominação do/a outro/a, reforçado pelo patriarcado. A recusa da esposa em ter relações sexuais com o marido não o autoriza a violentar seu corpo e sua dignidade (ROSOSTOLATO, 2017). Algumas vezes, a violência sexual ocorre sem que a vítima perceba a situação, seja por estar inconsciente ou não se reconhecer enquanto pessoa digna de direitos. Assim, a cultura do estupro se relaciona a violências simbólicas que favorecem a legitimação, a tolerância e o estímulo à violação sexual (SOUSA, 2017).

Em relação ao alcance das ações violentas, destaca-se para uma das participantes o afastamento das filhas pelo ex-marido, o que caracteriza alienação parental. A alienação parental consiste em artifícios prejudiciais que leva a criança ou adolescente a repudiar o/a

outro/a genitor/a, impedindo de vê-lo/a, dificultando o acesso e/ou desqualificando-o/a, o que pode gerar a repulsa tanto por parte da criança como do/da genitor/a vítima. Em muitos casos a alienação assume caráter de vingança ou retaliação de um/a genitor/a ao/a outro/a, bem como a familiares próximos, tendo lei de proteção que ampara esses casos (DINIZ, 2019).

Em nossa pesquisa, situações de violência contra a mulher se agravam na presença do álcool, uma vez que exacerba o comportamento violento e desencadeia humilhações e violência psicológica, gerando crises e afastando o casal.

Apenas recentemente a sociedade brasileira tomou consciência da gravidade do consumo de drogas lícitas como álcool e tabaco e começou a alertar a população para suas enfermidades associadas. Deve-se voltar especial atenção ao fato de que as alterações do estado de consciência gerados pelo uso constante do álcool podem provocar violência contra outrem (SAFFIOTI, 2015).

Nossa pesquisa corrobora com esse achado ao considerar que o uso de bebidas alcoólicas pode encorajar a violência física. O uso de álcool intensifica as emoções e potencializa situações de desconfiança, ciúme e agressões entre parceiros, aumentando a suscetibilidade de pessoas alcoolizadas lidarem com os sentimentos de forma violenta (CECCHETTO et al., 2016). O consumo de álcool aumenta a ocorrência e gravidade da violência doméstica, na medida em que altera a cognição e pode diminuir a capacidade para a resolução de conflitos (FONSECA et al., 2009).

Estudo transversal realizado com 938 mulheres usuárias da atenção básica de saúde mostrou que homens que foram considerados controladores e que ingeriam bebida alcoólica estiveram associados a maior perpetração de violência psicológica e física (LEITE et al., 2019).

Algumas mulheres do nosso estudo, ao se submeterem a imposições em prol da relação, reconhecem a dominação masculina sobre seu corpo e sua posição de desvantagem na relação afetivo-sexual. No entanto, não produzem necessariamente estratégias para a superação, e muitas permanecem na situação de violência. Ressaltamos a condição social e econômica em que mulheres vivenciam suas experiências, renda pessoal e/ou renda familiar de até um salário-mínimo que as coloca como dependentes financeiramente dos companheiros em muitos casos.

A permanência da mulher com o parceiro agressor está relacionada à dependência financeira, filhos/as, esperança de que o parceiro mude, dependência emocional, com

destaque para o medo de perder o parceiro ou de não conseguir arrumar outra pessoa que as ame, ou até mesmo pena do agressor (SILVA; SILVA, 2020).

Apesar do medo das constantes ameaças, mulheres permanecem em relacionamento abusivo e com parceiros envolvidos com álcool e/ou outras drogas e ciúme em excesso na esperança de mudança do comportamento do cônjuge (ZANCAN; WASSERMANN; LIMA, 2013).

Diante de todo o exposto, estamos diante de um sistema estruturante de relações sociais que continua consolidado e mantém a subserviência da mulher ao parceiro como valor para adequar a relação ao que se espera socialmente para um relacionamento estável. Nesse sentido, algumas mulheres do estudo, embora refiram discordância e mal-estar com a relação abusiva e os demais tipos de violência que vivenciam, não conseguem desconstruir os padrões culturais que as obrigam a ser objeto sexual do parceiro.

No entanto, algumas mulheres reagem à violência imposta pelo parceiro ao demonstrarem boa autoestima e reconhecer seu valor enquanto pessoa produtiva e capaz no meio social, portanto merecedora de respeito. As reações femininas expressas nos discursos demonstram que, em alguns momentos, as mulheres também reconhecem o seu poder na relação e conseguem impor suas vontades e opiniões, não estando exclusivamente expostas ao querer e poder masculino, embora a sujeição à supremacia masculina se sobressaia no contexto do nosso estudo.

Diante disso, nessa categoria se apresentam experiências de mulheres expostas a relacionamento abusivo e violência doméstica por parte do parceiro, levando-as a atender aos desejos masculinos para evitar atritos, humilhações, traições e separação.

5.3 PRAZER COMPARTILHADO COMO FATOR DE PROTEÇÃO DA RELAÇÃO AFETIVO-SEXUAL

Algumas mulheres do nosso estudo consideram que sexo com desejo e prazer compartilhados mobilizam boas emoções para as relações cotidianas, dá disposição e é essencial para o relacionamento do casal. Assim constatamos:

O sexo é uma terapia, é maravilhoso quando você faz, se sente bem, você levanta cedo, faz as coisas [...] fica bem com os filhos, com sua casa, e a gente fica maravilhada, é gostoso mesmo, mas só quando tá os dois em concordância, aí é joia, é maravilhoso mesmo (P6, casada, 52 anos, OF).

Eu como mulher, me sinto bem tendo relação, me levanto de manhã bem, dando risada [...] fico calma com meus filhos. Quando eu tô saindo com meu namorado, eu tenho só coisa boa, eu gosto muito, muito, muito, muito de fazer amor [...] não é só sexo, basta a gente ter um amor, um homem que dê carinho, dê atenção, que sente, que converse com a gente, ali eu me sinto bem [...] uma mulher feliz (P12, viúva, 64 anos, OF).

O sexo vem primeiro do beijo [...] as pessoas acham que só o sexo que dá prazer, não é deitou foi lá por cima lá, fez... não é isso [...] Tem que acariciar, abraçar, aquelas palavras bonitas, um beijinho no cangote, um negócio, uma coisa ou outra, aí pronto, todos dois sentem prazer, ficam os dois regozijados (P15, casada, 52 anos, OF).

Tem que rolar primeiro o carinho, aí o restante rola [...] quem não gosta de namorar, fazer amor com seu esposo [...] o marido tem que conhecer o corpo da esposa, tem que saber como tocar ela, como acariciar ela [...] e o ponto onde ela sente prazer [...] primeiro rola o carinho, depois o sexo [...] ele tá envolvido no corpo dela, tá fazendo carinho nela e ela tá fazendo carinho nele, pra poder rolar a situação e ser mais gostoso (P9, casada, 51 anos, ENT).

Entre as participantes da pesquisa, há aquelas mulheres que mantêm posição ativa na relação, exercem autonomia sobre seu corpo e defendem o diálogo como mediador de parceria entre o casal e necessário à conquista do prazer sexual. Tal posição é representada pelas falas que seguem:

Sempre a gente senta, renova a conversa da gente, tira uma dívida do outro [...] se tiver alguma coisa errada, a gente sempre consegue resolver [...] fica os dois satisfeitos [...] As mulheres não sabem cobrar [...] Quando eu não sentia o prazer eu dizia, eu não estou me satisfazendo [...] a gente vai ter que descobrir o modo para eu também venha me sentir satisfeita (P1, casada, 32 anos, ENT).

Eu acho que a pessoa tem que conversar [...] tem pessoas que gosta de sexo violento, batendo, puxar o cabelo [...] tem homem também que não gosta de ser violento, então tudo isso tem que ser conversado bem antes, para não pegar nenhum dos dois de surpresa (P2, divorciada, 41 anos, ENT).

Eu acho que a gente tem que conversar com o marido da gente pra saber o que gosta e o que não gosta [...] Tudo o que ele podia fazer, ele me perguntou [...] a gente é de novinho... eu tinha 18 anos e pra falar a verdade foi meu primeiro marido. Ai tudo foi ele que ensinou alguma coisa [...] o que eu sentia prazer no meu corpo (P9, casada, 51 anos, ENT).

Amar é bom e compartilhar o amor com o parceiro é bom, é uma convivência [...] o amor é isso aí, é compartilhar tudo dentro de uma casa, é os filhos, é o trabalho, é a diversão, é tudo num relacionamento (P10, casada, 42 anos, OF).

Para as mulheres do estudo, sexo com prazer é dimensão da saúde e promove bem-estar quando há reciprocidade de sentimentos e equilíbrio no relacionamento, com destaque para o orgasmo como ideal de prazer a dois, o que se constata nas seguintes falas:

O sexo te dá prazer. Se você ta bem com seu parceiro e ele ta te dando prazer [...] você vai se sentir bem, você vai acordar outra mulher, vai acordar mais feliz, porque eu acho que o sexo mexe com o metabolismo da pessoa, a mente. É maravilhoso! [...] Ele não sai sem me dá um beijo. Então isso pra mim também já é tudo, porque tem marido que “já vou”. Sai, nem dá um beijo na esposa (P9, casada, 51 anos, ENT).

Gosto que ele faz carinho, que ele me abraça [...] quando a gente fazia (sexo) era assim, a gente ficava ali, sossegado, mas [...] veio a menopausa ai foi piorando [...] eu deito primeiro do que ele [...] quando ele chega eu vejo, ele chega perto de mim, me abraça pela cintura e a gente vai levando (P5, casada, 65 anos, ENT).

Comigo começa assim, com jeitinho, um beijinho, um abraço, alisamento, aquela coisa toda [...] depois que a gente namora, que a gente tem um momento mais corpo a corpo, é sempre bom né? Isso

também renova mais as energias, faz a gente tá se sentindo mais feliz [...] faz bem (P1, casada, 32 anos, ENT).

Destaca-se que, para P5, há desinteresse sexual atribuído ao modo de ser, à idade e a problemas de saúde, sem interferência na vida a dois:

Essa parte de fazer sexo que é devagar tanto pra mim como pra ele, pra mim sempre foi assim e ele sempre entendeu isso, nunca me cobrou por eu não ter aquela vontade, não ter aquele fogo que muita mulher tem [...] a gente se ama e tal, mas sexo com a gente há muito tempo que não acontece [...] a sexualidade não é só o momento de prazer ali na cama (P5, casada, 65 anos, ENT).

Assim, trocas afetivas se expressam na vivência da sexualidade de mulheres, dando importância à atenção e ao carinho para a boa relação e para o alcance do prazer.

DISCUSSÃO

Os discursos apresentados pelas mulheres deste estudo também expressam que resistências acontecem progressivamente e retroagem também integradas ao campo do poder. Diante disso, se faz necessário a luta incessante e diária das mulheres para a desconstrução de padrões culturais que as obrigam a ser objeto sexual do parceiro.

Para sistematizar o exercício de poder sobre a sexualidade, Foucault aborda quatro regras essenciais. A primeira considera que exigências proibitivas do poder, de origem econômica ou ideológica, instituíram a sexualidade enquanto domínio. Em seguida, defende que a correlação de forças na relação da sexualidade entre homens e mulheres é distribuída ou apropriada em momentos distintos da relação. Já a terceira trata da necessidade do duplo condicionamento, por considerar que nenhum foco local funciona sem se inserir em uma estratégia global, também nenhuma estratégia alcançaria efeitos globais sem se apoiar em relações de suporte. Por último, considera que a multiplicidade de elementos discursivos pode refletir em dado momento tanto como estratégia de dominante, como de dominado (FOUCAULT, 2017).

Vale ressaltar que as relações de poder se constituem como uma rede composta por múltiplos micropoderes, em que ora o sujeito padece sob a influência do poder, ora o exerce sobre outrem para seu próprio interesse, sobressaindo-se sua incorporação do querer social. Assim, as relações de poder estão presentes entre todas as pessoas de modo instável e reversível, favorecendo a manipulação pelo dominador. Por consequência, transforma as pessoas no que o sistema define como padrão (FOUCAULT, 2016).

Deste modo, ao lado de mulheres que experienciam conflitos e violência cotidiana há aquelas em que o respeito ao desejo feminino e o diálogo são reais e ganho para relação a dois, com estímulo e interesse sexual. Exercitar o diálogo faz com que a mulher construa sua participação na relação sexual, com liberdade de manifestar desejos para o alcance do prazer sexual compartilhado. Almeja-se assim uma sexualidade sem sobreposição do poder masculino, com ambos na condição de ativos na relação sexual e autonomia da mulher sobre seu corpo.

Uma relação prazerosa e realizada depende da amizade, afetividade, sexualidade, confiança, aceitação mútua, muita conversa, respeito e amor, elementos importantes também para superação de crises (SCHIMITI; SARZEDAS, 2008). No entanto, esperar que o homem se preocupe com seu desejo retrata a esperança feminina de romantização da relação, que no nosso estudo aparece no discurso de algumas mulheres.

Resultados de pesquisa mostram que a maneira de mulheres se relacionarem com o parceiro está fortemente ligada à ideia de amor romântico. Assim, o amor exerce função romântica para união, mas não evita que possa surgir violência na vida do casal, fazendo com que mulheres se submetam e façam aquilo que os homens exigem para garantir a manutenção do relacionamento. Além disso, mulheres acreditam no sacrifício de fé e esperança e que na presença de amor, paciência, compreensão e tolerância, o homem melhora e se torne um bom pai e marido, para assim alcançar a felicidade prometida (CORONADO, 2019).

O amor romântico é estabelecido pelos papéis de gênero reafirmados pela ordem patriarcal, que dita uma ordem suprema para o masculino e uma subordinação para tudo relacionado ao feminino. O ideal romântico é responsável por projetar na mulher a aspiração e anseio pelo outro que represente seu complemento, com entrega incondicional por se entenderem dependentes de proteção e afeto. Além disso, a aceitação de mitos românticos na vida amorosa, como monogamia, casamento e maternidade, fazem com que ponderem o amor como elemento pelo qual vale a pena sofrer e perdoar (FLORES FONSECA, 2019).

Os relacionamentos amorosos são uma forma de interação que apresentam tanto elementos positivos como negativos capazes de contribuir para a qualidade de vida e para o sofrimento. Quando os relacionamentos amorosos são considerados pelas pessoas como uma fonte de bem-estar, esse se constitui um importante fator de proteção da saúde mental, favorecendo o crescimento individual e a satisfação conjugal (SCHLOSSER, 2014). De acordo com Simone de Beauvoir, o amor foi apontado para a mulher como vocação e, quando dedicado a um homem, esse tende a ser tratado como ser supremo (BEAUVOIR, 2019).

Em nosso estudo, o envolvimento afetivo-sexual cumpre a idealização da sexualidade para algumas mulheres, proporciona a boa relação e o prazer compartilhado que defendem, com envolvimento de corpo inteiro com carinho do parceiro e atenção no sexo, ainda que em alguns casos o sexo não seja mais frequente na relação a dois.

Estudo que avaliou a relação entre a satisfação sexual e as dimensões do funcionamento sexual mostrou que as mulheres valorizam mais a intimidade, o afeto e o bem-estar conjugal do que estritamente o ato sexual. Além disso, confirmou a enorme importância das carícias e preliminares para a satisfação sexual das mulheres (PECHORRO; DINIZ; VIEIRA, 2009). No atual estudo, a sexualidade também é expressa por algumas mulheres como energia vital e razão de plenitude para o relacionamento, em que o prazer compartilhado ocupa espaço essencial para o bem-estar do casal.

Em síntese, nessa categoria mulheres afirmaram que a valorização, conhecimento e respeito sobre seus corpos é essencial para o envolvimento afetivo-sexual com compartilhamento de prazeres, por meio dos quais se culmina na efetiva estimulação do corpo feminino para o prazer. Assim, no atual estudo, ao lado de mulheres que experienciam conflitos e violência cotidiana, há aquelas em que o respeito ao desejo feminino e o diálogo são reais e ganho para relação a dois, com estímulo e interesse sexual.

5.4 SUJEIÇÃO DA MULHER A UMA SUPREMACIA MASCULINA IMPOSTA NO ÂMBITO DA SEXUALIDADE

- **Imposição de limites à sensualidade como poder do homem sobre o corpo da mulher**

O processo de sujeição faz mulheres acreditarem que têm responsabilidade sobre reações de desconfiança e agressividade do parceiro, de modo que cedem a imposições. Assim, se submetem de diferentes formas ao poder dos homens sobre o corpo feminino, o que inclui o modo de se vestir, revelado pelos discursos que seguem:

Eu gostava do meu shortinho curto, gostava do meu decote [...] com o tempo a gente vai passando confiança, credibilidade [...] eu olho pra ele já meio assustada, achando que ele vai brigar, mas ele mesmo fala 'minha mulher está linda!' [...] hoje eu consigo não usar uma roupa não muito devassa, [...] então isso já não é mais conflito (P10, casada, 42 anos, OF).

Eu acho que a gente não deve chamar muita atenção com as roupas que a gente veste [...] porque a gente não está na mente do homem [...] ele diz que eu não estou indo pra academia, estou indo dá pala [...] os homens acham que a mulher é o altar deles, a mulher tem que vestir só roupona, pra que eles venham a se sentir a vontade pra ver as da rua (P1, casada, 32 anos, OF).

Eu gosto de colocar minha blusinha maiorzinha, já que minha barriguinha é saliente, então eu também não gosto de chamar atenção não [...] eu sei que existe ciúme mesmo, às vezes é ate doentio da parte dele (P9, casada, 51 anos, OF).

Nesse contexto, o corpo que expressa sensualidade é atraente para outros homens aos olhos do parceiro, o que ameaça o domínio masculino sobre a mulher, conforme se lê a seguir:

Quando eu me arrumo, arrumo meu cabelo, meu marido fica com a cara desse tamanho, ele quer ver eu feia, mas eu me ajeito, me arrumo toda chique [...] todo mundo arrumado na igreja e eu feia no meio, não tá com nada [...] Gosto de me arrumar pra ele, pra ele ter gosto, me arrumo só pra ele (P7, casada, 59 anos, OF).

A gente se arrumando, passando maquiagem [...] ele sabe que um homem vai olhar pra gente na rua. [...] aí ele quer que eu fique só

naquele mundinho ali dentro de casa [...] mas tem hora que você pensa na sua vida, no que você tá passando (P4, casada, 29 anos, OF).

Em contraposição às situações de sujeição que limitam o espaço das mulheres a favor da liberdade masculina, destacam-se falas que expressam o bem-estar e a boa autoestima com ênfase na sobreposição do amor-próprio em relação aos valores do parceiro.

Eu acho que você tem que estar bem com você mesma, não pensar no que ele tá achando, não falo só sobre o sexo, mas nas vestes, no seu jeito de vestir, no seu jeito de falar, no seu jeito de andar, você ser você (P2, divorciada, 41 anos, ENT).

Eu acho que a pessoa tem que tá bem consigo mesmo, pra poder tá com seu parceiro bem, pra tudo acontecer bem (P9, casada, 51 anos, ENT).

Nesse sentido, a vaidade feminina refletida no cuidado com o corpo e a aparência física, que inclui roupas e cosméticos, não somente atraem o parceiro: elas também elevam a autoestima da mulher, o que repercute no bem-estar do casal, verificadas nas falas que seguem:

Todo sábado eu saio com meu marido [...] isso tudo relaxa, a mulher se sente amada, se sente querida [...] quando chego lá em casa, tomo um banho bem relaxante [...] gosto mesmo de ficar cheirosa pro meu marido [...] meu marido me elogia sim e a gente sente quando o marido gosta da gente [...] se você está se sentindo bem com seu corpo, você tá bem com tudo, até com a sexualidade também (P9, casada, 51 anos, ENT).

Eu gosto do meu corpo, não gosto de roupa de manga, roupa “compridona” [...] já tô velha, mas gosto de me vestir assim, andar bem arrumada, meu marido elogia muito [...] eu tenho que passar meu batom, além de eu gostar ele também gosta (P5, casada, 65 anos, OF).

Nos discursos abaixo, elogios do parceiro aumentam a cumplicidade e o desejo entre o casal, elevam a autoestima e favorecem o bom relacionamento:

O elogio, às vezes a pessoa não tava nem afim, mas chega com tanto carinho, com tanto amor, o toque, vai falando que a pessoa tá bonita,

só carinho da pessoa, o cuidado [...] Depende do diálogo e do respeito (P2, divorciada, 41 anos, ENT).

Quando alguém elogia a gente é muito bom, muda o astral, o astral fica lá em cima (P14, viúva, 53 anos, OF).

Mulheres consideram que elogios ao parceiro são necessários à manutenção do bom relacionamento. O homem provedor merece reconhecimento e elogios da companheira, no entanto falta reconhecimento à mulher pelo cuidado familiar e doméstico que realiza, conforme se verifica a seguir:

A gente como casada não deve só ficar esperando elogio do nosso marido, é importante também de vez em quando a gente também elogiá-lo, agradecer [...] cai na rotina e é o que leva também a traição, porque muitas vezes não tá achando em casa um elogio [...] então a gente vive dentro de casa, cada coisa que ele lembra no mercado e traz, é um momento de carinho (P10, casada, 42 anos, OF).

No discurso que segue, uma das participantes, que é viúva, revela que boa autoestima faz manter a libido com disposição para relacionamentos sem cobranças:

Para mim só em falar (em sexo), dá até vontade [...] eu não me importo se a pessoa diz se eu tô velha, se eu tô nova, se tô gorda [...] eu sempre fui de ficar com meus lábios pintados, de short curto [...] sou viúva há 14 anos, enquanto eu tiver vida e saúde para poder namorar, eu arranjo um namorado [...] esses homens também não estão valendo mais nada [...] tô de boa, tranquila (P12, viúva, 64 anos, OF).

- **Sexualização do corpo pela mulher como condição para manter o relacionamento**

A sexualização do corpo pelas mulheres expressa uma forma de proteger o relacionamento amoroso, manter-se como objeto de desejo e defender-se de ameaças externas, representadas pela liberdade masculina para envolver-se com outras mulheres, constatado nas falas a seguir:

A gente tem que saber agradar o homem, como a bíblia diz que a mulher sábia edifica a própria casa e a tola destrói com as próprias

mãos, eu ligo, eu digo eu te amo [...] quando ele chega do trabalho, eu tô bonitinha [...] quando ele ver aquilo ali, toda cheirosinha, baby doll curtinho [...] a gente ganha o nosso marido assim [...] o relacionamento acaba por que a mulher é desleixada. Às vezes [...] a mulher tá lá fedendo a cebola, toda suja, cabelo lá em cima (P6, casada, 52 anos, OF).

Quando ele chegar, aí você veste uma lingerie [...] eu sempre tinha meu babydoll, shortinho [...] aí seduzia, tanto que ele corria, tomava banho [...] aí eu passava de babydoll na frente dele, eu via que ele tava olhando, depois ia deitar juntinho (P14, viúva, 53 anos, OF).

Há a corporificação daquelas que podem se constituir ameaça, com crítica e julgamento em razão do modo de se vestir, conforme se lê a seguir:

As mulheres de hoje não sei o que é que elas querem, por causa de uma, todas pagam, esses pedaços de pano que veste, que faz vergonha.[...] umas roupas curta, curta, por isso que hoje em dia os homens não tão dando mais valor a mulher (P5, casada, 65 anos, ENT).

Algumas mulheres valorizam o trabalho doméstico e o cuidado das crianças como aspectos que comprometem a sensualidade feminina, todavia minimizam o que essas atividades podem causar em termos de desgastes, cansaços e indisposição para o sexo. Tais atividades privam a mulher de lazer, o que se contradiz à liberdade masculina.

Cuidados estéticos e o corpo sensualizado aparecem nos discursos como obrigação feminina para erotizar o relacionamento e se manter desejada. Assim, lê-se a seguir:

A gente fica cuidando de filho, cozinhando, passando, o homem tá na rua sempre muito cheirosinho, bonitinho [...] aquela mulher que não tá sendo muito desejada pelo marido [...] tem que trabalhar muito em cima dela, se engordou um pouquinho, emagrecer [...] ele não tá admirando, bota um decotezinho[...] estimula nosso marido [...] os afazeres rouba da gente poder perder uma hora no salão de beleza, a gente procura fazer a unha em casa enquanto os meninos tão dormindo [...] a gente tem que arranjar tempo porque se não a gente perde o marido (P10, casada, 42 anos, OF).

Tem umas que deixa de viver, larga o trabalho, é só a vida de casa, cozinhando e cuidando de filho, [...] ele vai pro baba [jogar futebol] toma uma cerveja com os amigos [...] A mulher só trabalhando, às vezes não tem disposição para o sexo [...] a gente toma um banho,

fica cheirosa, uma roupa mais chamativa, se a mulher não se arruma, o homem vai olhar para a da rua (P8, união estável 7 meses, 41 anos, ENT).

Essa rotina de levar filho na escola, buscar na escola. Só tem eu pra fazer isso. Homem acha assim a mulher fica em casa, faz as coisas [...] o dia todo cuidando de filho, filho doente, filho gripado, filho com febre e depois ele quer atenção. Eu sinto meu corpo cansado (P4, casada, 29 anos, OF).

Se eu não tirar um dia pra mim, um momento pra eu descansar, eu só vou passar, lavar, cozinhar, a pessoa termina não vivendo [...] quando ele chega eu tô tomada banho, tô hidratada, perfumada, deitada no meu cantinho, com minha roupa de dormir [...] tem que querer chamar atenção do marido [...] tem que de vez em quando botar o baton [...] se a gente não fizer isso, já era o casamento (P1, casada, 32 anos, ENT).

No discurso abaixo, valores machistas reafirmados em orientação religiosa responsabilizam a mulher pela manutenção do casamento e sensualidade para atração do companheiro:

O pastor da igreja da gente fala, se cuide, se cuide, para não perder seu marido. Se você não se cuidar, a da rua se cuida e você perde [...] ele fala para os maridos também, eu tô aprendendo muita coisa na igreja sabe, como lidar com o casamento, com conflitos, com tudo! (P6, casada, 52 anos, OF).

DISCUSSÃO

As mulheres participantes deste estudo se sujeitam às imposições masculinas que ditam práticas conservadoras sobre o modo de se vestir e de se portar perante a sociedade. Com isso, almejam adquirir identidade de mulher comprometida, pois está internalizado pelas participantes que a mulher casada deve se vestir com discrição.

Tradicionalmente, mulheres e homens desempenhem funções diferentes na vivência da sua sexualidade, estando na maioria das vezes as mulheres sujeitadas à vontade masculina, inclusive pela forma de se vestir. Questões de gênero estão implícitas aos discursos dessas mulheres, por retratarem a construção cultural de ideias sobre os comportamentos e as características de homens e mulheres, influenciando no modo como vivenciam a sexualidade.

A sexualidade é uma invenção social que se estabelece historicamente a partir de discursos reguladores e normatizadores (FOUCAULT, 2017; LOURO, 2018), e que, por meio do corpo, ressalta mecanismos de poder materializados na disciplina dos hábitos corporais e na exposição do corpo. Desta maneira, disciplina o desejo pelo fato de ser desejável, estabelecendo a conquista da sexualidade como um capital simbólico, por meio da provocação dos atores sociais para conquistar tal prestígio (FOUCAULT, 2016). Questões de gênero se articulam à sexualidade e indicam como as diferenças sexuais dos corpos de homens e mulheres são trazidas para dentro das práticas sociais, de forma a adquirirem significados culturais (SCOTT, 1995).

Aliado a isso, o corpo é um importante alvo de sanções do poder sobre a sexualidade, que provocam limitações, proibições ou obrigações, cuja disciplinarização torna-o simultaneamente mais obediente e mais útil, fabricando assim corpos dóceis. O corpo dócil é aquele que pode ser submetido, utilizado, transformado e aperfeiçoado sob influência da coerção disciplinar (FOUCAULT, 2014).

Assim, é ditado pelos mais diversos meios o que devemos vestir, como nos portar, andar, quais atitudes tomar para conquistar um/a parceiro/a, como se mostrar sensual, ou seja, como devemos ser (LOURO, 2008), nos constituindo enquanto seres moldados culturalmente na sociedade.

Desde os tempos da Idade Média as mulheres se submetiam aos homens em relação à estética de seu corpo. Na sociedade patriarcal, a moda para mulheres não se relaciona a sua vaidade ou conveniência própria, mas como representação da posição social do marido, com o corpo feminino servindo para demonstração do bem-estar da família (BRANDÃO, 2017).

Nos anos dourados, a mulher era definida e educada para desenvolver características como pureza, docilidade, delicadeza, fragilidade, resignação e maternidade, e o homem era reconhecido por sua força, autoridade, ousadia e poder. Inclusive, o vestuário de época servia para acentuar essas diferenças. Essas características tidas como naturais determinavam espaços de atuação de homens e mulheres, sem possibilidade de contestação (BASSANEZI, 2006).

Pesquisa sobre o perfil da mulher baiana na década de 50 possibilitou asseverar que as roupas transmitem o modo como homens e mulheres entendem seus papéis de gênero e como esperam refletir isso para a sociedade, sendo indicadores das diferentes vivências dentro de

uma comunidade, podendo expressar significados que podem ser manipulados e reconstruídos (MATOS, 2010).

Estudo recente observou a reprodução das ideologias de gênero por adolescentes ao afirmarem ser necessário um comportamento e indumentária adequados à seriedade do relacionamento, bem como escolher frequentar lugares que sejam compatíveis com pessoas comprometidas. Tais comportamentos referiram-se exclusivamente ao gênero feminino, não sendo exigido comportamento similar aos homens, o que pode se configurar como uma violência infligida às mulheres (BITTAR; NAKANO, 2017).

Em nosso estudo, a sensualidade da mulher se constitui uma ameaça diante do parceiro, e o temor da mulher de agressões reduz a sensualidade e dá estabilidade à relação. Assim, mulheres se autoresponsabilizam pela desconfiança do parceiro e submetem-se ao domínio do homem pelo uso de roupas compridas e menos sensualizadas como condição a não agressividade, conquista da confiança e redução do conflito.

Pesquisa identificou que companheiros agressores frequentemente escolhiam as roupas que as mulheres podiam vestir e retiravam as que não aprovavam, além de proibi-las de trabalhar, estudar e conversar com outras pessoas (PORTO; LUZ, 2004). Outro estudo mostrou o relato de uma participante que fora proibida de usar saias e roupas curtas para sair do domicílio, recebendo a imposição do companheiro de usar somente roupas longas e folgadas, essas últimas não manifestando os reais desejos e preferências da mulher em questão. No entanto, as proibições do parceiro foram confundidas com atenção, amor, ciúme e proteção, não sendo reconhecidas como violência e mantendo-se no segredo da vida privada, favorecendo a perpetuação do poder masculino (QUEIROZ; CUNHA, 2018).

Apesar das mulheres do nosso estudo terem medo de reações agressivas do seu parceiro, muitas vezes não reconhecem a violência sofrida no âmbito do relacionamento conjugal, se responsabilizando pela suposta perda de interesse do parceiro e apresentando queda da autoestima.

Pesquisa evidenciou que mulheres reconhecem pouco a violência sofrida, tornando-se tolerantes a ela e atribuindo-lhe cunho cultural e religioso. Ao buscarem justificativas para a agressão masculina, reduzem a responsabilidade do agressor, o que dificulta ou retarda a tomada de decisão para romper o ciclo de violência (COSTA LEITE; VASCONCELOS MOURA; GARCIA PENNA, 2013).

Dentre os principais motivos desencadeadores de discussões e brigas conjugais, homens relataram o uso de alguns tipos de roupas pelas parceiras, a vaidade feminina, o trabalho remunerado da mulher, as cobranças da esposa sobre o comportamento masculino e a não realização de atividades domésticas pela mulher. Isso mostra a forte influência da demarcação dos papéis tradicionais de gênero nas experiências dos casais (CORTEZ; SOUZA; QUEIROZ, 2010).

A maioria dos motivos que levam à perpetração da violência contra a mulher decorre do sentimento de posse e de dominação masculina (ACOSTA et al., 2015). Para adolescentes, trata-se de um fenômeno cotidiano, presente na maioria das famílias, ocasionado pelo exercício de poder masculino e presença de ciúme no relacionamento afetivo-sexual (REZENDE; SILVA, 2018).

Baseado na função patriarcal, os homens determinam as condutas sociais e estão autorizados pela sociedade a castigarem quem apresente desvio. No desempenho do projeto de dominação-exploração das mulheres conforme ditado pela sociedade, homens devem demonstrar sua capacidade de mando pela violência, mesmo quando as possíveis vítimas seguem o prescrito pelas normas sociais. Isso decorre da insuficiência da ideologia de gênero na garantia da sucumbência das mulheres ao patriarcado, precisando valer-se de violência contra a mulher (SAFFIOTI, 2001). No nosso estudo, também são percebidas tentativas do parceiro em baixar a autoestima feminina, fato que integra a dominação da mulher fundamentado na crença de superioridade masculina e se traduz em violência psicológica.

A violência psicológica é silenciosa, de difícil identificação e causa muito sofrimento, inclusive com danos a autoestima. Estudo realizado com 55 mulheres peruanas evidenciou que quanto maior a perpetração da violência contra mulheres, menor será a autoestima feminina, sendo que 52,8% das participantes apresentaram baixa autoestima, 43,6% moderada e apenas 3,6% alta. Em relação à autoestima, as mulheres vítimas de violência sentem-se frustradas, malsucedidas e sem valor diante da sociedade (CASTILLO SAAVEDRA; BERNARDO TRUJILLO; MEDINA REYES, 2018).

Estudo nacional mostrou que a violência trouxe muitos impactos na vida da mulher pela perda de sua identidade, desestruturação de sua autoimagem, sentimento de impotência e redução da autoestima com uma significativa carga de sofrimento, podendo ser desencadeadora de quadros depressivos (GUIMARAES et al., 2018). Já uma investigação espanhola verificou que a dependência emocional media totalmente a relação entre autoestima

e violência psicológica, mostrando que a dependência emocional é um importante aspecto a ser considerado na atenção à violência psicológica no âmbito conjugal (URBIOLA et al., 2019).

Pesquisa bibliográfica destacou que palavras têm um forte poder para ferir e fragilizar a mulher vítima de violência psicológica. Em consequência, a mulher pode desenvolver vários problemas como ideações e tentativas de suicídio, transtornos mentais, baixa autoestima, isolamento social, dentre outros, podendo causar danos psíquicos irreversíveis à mulher com impactos negativos ao longo da vida (SIQUEIRA; ROCHA, 2019).

A expectativa das mulheres deste estudo é ser julgada pelo parceiro, o que causa apreensão, mas também aceitação, e leva mulheres a adotar novos estilos, traduzido por elas como condição para *ser menos devassa*. Desse modo, mulheres reduzem a sensualidade e se transformam no que os homens desejam, desenvolvendo comportamento comedido para garantir a aprovação do parceiro.

Nesse contexto, os controles e repressões sobre o corpo feminino se somam à trajetória histórica das mulheres, marcada por mecanismos de exclusão que contribuíram negativamente para a construção social da imagem feminina. Algumas representações machistas vistas em músicas refletem essa hierarquização das relações de poder e visibilizam a influência do patriarcado outorgando espaços de poder, autonomia e decisões ao homem, colocando a mulher em posição de fragilidade e excluindo socialmente aquelas que não se enquadram no modelo arbitrário de mulher virgem, boa esposa, fiel e companheira, rotulando-as como mulheres sem valor e inapropriadas para o casamento (SILVA, 2016).

Assim, as mulheres deste estudo se resguardam admitindo para si julgamentos sobre o corpo que reproduzem valores presentes no imaginário social, o que revela o poder masculino sobre o corpo da mulher, e a falta de domínio sobre o corpo pela mulher. Essa sujeição das mulheres expressa a convergência de princípios do casal e a naturalização de valores machistas por elas. Todas as imposições sobre o modo de vestir feminino refletem as desigualdades de gênero no meio social e as relações assimétricas de poder que posicionam mulheres na subalternidade das relações.

A norma falocêntrica, heteronormativa e patriarcal é padronizada, atribuindo sentidos ao corpo da mulher, de modo que essa é classificada, hierarquizada e adquire significação a partir de um olhar dependente da aprovação do outro e centrado na figura masculina. Por se

tratar de normas sociais universalizadas, todas as mulheres as internalizaram e agem por meio delas de modo natural (PEREIRA, 2018).

Estudo verificou que mulheres são avaliadas pelo modo como se vestem e se essa segue as normas sociais, de modo que aquelas com roupas menos reveladoras e menos justas são classificadas de forma mais positiva (GURUNG et al., 2017a). Outra pesquisa identificou que quando mulheres usam roupas provocantes são consideradas menos competentes no trabalho (GURUNG et al., 2017b).

No atual estudo, embora mulheres considerem que o uso de roupa curta e sensual muitas vezes fosse sua preferência quando solteiras, pois as faziam sentirem-se bonitas e desejadas, a maioria concorda que devem evitar o uso de roupas sensualizadas pela possibilidade de tonar-se objeto de desejo de outros homens.

Investigação confirma que o olhar para o corpo humano realmente desperta o desejo sexual. Todas as participantes voltaram o olhar mais para o corpo do que para o rosto enquanto visualizavam fotografias, demonstrando maior atratividade e interesse pelo corpo feminino de modo geral e observando o rosto somente no caso de ser sexo oposto (BOLMONT et al., 2019).

Além disso, a roupa atualmente é considerada indispensável e se expressa como primeira forma de comunicação, em que antes de falar a pessoa já é avaliada pelo seu vestir. Desse modo, permite muitas vezes a identificação da idade, sexo, classe social e, frequentemente, distinguir culturas, religiões e identificar informações sobre o trabalho, personalidade, gostos e estilos. Para além das suas funções de proteção, pudor e enfeite, a roupa representa a individualidade de quem a usa (LIMA; BRASILEIRO, 2017). Assim, a compreensão do vestir vai além de servir como forma de proteção do corpo, funciona como expressão da feminilidade historicamente determinada e veículo ideológico de atração sexual (STREY, 2000).

No contexto do estudo atual, o corpo feminino é tido como lugar de atração do outro, e homens tentam se proteger com manipulação para atender a objetivos machistas ao tolher a liberdade da companheira pelo recato da não exposição a olhares externos, enquanto a liberdade masculina é exercida em casa e na rua, ao sair sem dar satisfação ou ao fitar a mulher do outro.

Com base no reconhecimento de que o corpo é objeto de desejo do outro, homens tendem a proibir a exposição do corpo feminino. Esse controle dos homens sobre os corpos

femininos se relaciona às relações de poder estabelecidas socialmente, sobressaindo-se a imposição da vontade masculina sobre a forma como a mulher se veste, se embeleza, se porta e expressa sua sensualidade por meio do corpo. Para Foucault, o corpo está sujeitado às técnicas disciplinares por meio de proposições normativas para seu controle, bem como à ação relativa ao biopoder em que o sujeito é estimulado a falar de si mesmo para se autogovernar ou ser governado por outrem (MENDES, 2006).

Além do domínio masculino sobre o corpo da mulher, a incorporação social da cultura patriarcal e das normas estruturantes de gênero, que configuram os papéis atribuídos a homens e mulheres, garante a liberdade masculina e o direito à vida e ao lazer fora de casa para os homens, enquanto para as mulheres do estudo restam as obrigações, inclusive a da luta diária para não perdê-lo.

No atual estudo, essas influências patriarcais também são impressas sobre o corpo da mulher, revelando-o como alvo de uma sexualidade explicitada e de julgamento machista por presunção quanto ao comportamento feminino.

Estudo mostra a desconfiança do marido sob as ações da esposa no exercício da sexualidade, em que a considera exclusivamente como corpo apto para o sexo a todo instante e com qualquer pessoa, fazendo com que o parceiro foque todo o relacionamento na infidelidade da esposa. Diante disso, o homem promove o disciplinamento do corpo e da mente da esposa na tentativa de impedi-la, passando a desconfiar, fiscalizar e dominá-la, impedindo uma vivência harmônica, gerando uma dependência do parceiro e aderindo ao discurso machista pela reprodução de valores que a subestimam, com a consequente autodesvalorização por parte da mulher com prejuízos à sua autoestima (FANINI; SANTOS; GNOATO, 2017).

Em contrapartida, pesquisa mostrou que homens tendem a dar mais importância para a sedução como causa de sua infidelidade, ainda que estejam satisfeitos com sua vida sexual no relacionamento. Eles podem ser infiéis por buscarem algo novo, liberdade e aventura, podendo inclusive ser uma forma de compensar uma insatisfação afetiva (SCHEEREN; APELLÁNIZ; WAGNER, 2018).

No presente estudo, a mulher recatada é modelo de uma sociedade machista, e homens as elegem como matriz de reprodução e parceiras com quem se deve constituir família. Dessa forma, se instaura o controle sobre a vida da mulher como foco masculino, desrespeitando a livre expressão do corpo e das vontades femininas.

A sociedade julga a postura sexual da mulher a partir de suas escolhas de vestuário, evidenciando que a moda impõe limites à sexualidade feminina. As normas e tendências da moda são ditadas pela mídia especializada, que determina o que é ou não apropriado para o vestir feminino, e na atualidade, transmitem a ideia de que tudo que é excessivamente curto, justo, decotado ou transparente é vulgar. E embora reconheçam a sensualidade como atributo natural feminino e valorizem a característica do ser sexy, ressaltam que a mulher precisa saber a medida para não ser mal interpretada e depreciada. A vulgaridade parece depor contra a imagem pessoal e profissional da mulher, incorporando significado de que deixar o corpo à mostra trata-se de exibicionismo, o que, baseado na cultura patriarcal, significa estar à disposição para possíveis investidas sexuais por parte dos homens (BOIZOL; SILVA, 2018).

Em contraposição às situações de sujeição que recriminam a sensualidade feminina, nosso estudo revela que cuidados com aparência física traduzidos como vaidade feminina são considerados necessários à boa autoestima, e estar bonita para o parceiro é condição para ser atraente e se manter desejada. No entanto, há um esforço incessante para se manter desejada, sendo dispensada ao homem qualquer cobrança.

A vaidade se relaciona à preocupação com a aparência e influencia a definição de padrões estéticos e o modo como a beleza corporal é culturalmente construída. Estudo destaca a influência positiva da vaidade na utilização e consumo de cosméticos e na realização de tratamentos, não implicando necessariamente na realização de cirurgia estética, o que parece demandar estímulos mais intensos. Além disso, a vaidade intervém positivamente sob a autoestima corporal e indica que pode ser considerada como uma necessidade benigna para melhorar a autoestima e o bem-estar (STREHLAU; CLARO; LABAN NETO, 2015). Em nosso estudo, elementos estéticos como roupas e cosméticos integram o prazer da mulher em se arrumar, o que de acordo com suas falas favorece a conquista diária do parceiro e repercute na relação de bem-estar do casal.

Os produtos e serviços de beleza prometem embelezar as pessoas com reflexos na impressão que a aparência causa nos outros. Assim, os benefícios associados à conquista da beleza se relacionam a recompensas sociais como elogios e conquistas amorosas, por exemplo (ABDALA, 2004). Universalmente, mulheres consomem produtos para exaltação de sua beleza (WIEDMANN; HENNIGS; SIEBELS, 2007) e investem tempo, energia e dinheiro escolhendo roupas, acessórios e maquiagens que as deixem mais atraentes que outras mulheres (GRISKEVICIUS; KENRICK, 2013).

Estudo com consumidoras de baixa renda mostrou que essas buscam minimizar os efeitos da restrição financeira sob sua autoestima por meio do uso de produtos de beleza. Para esse grupo, a beleza também parece ser uma maneira eficaz de diminuir sua percepção de discriminação e adquirir respeito diante das classes sociais hierarquicamente superiores. Em relação à aquisição de produtos de beleza, as entrevistadas mostraram-se bastante conscientes de suas limitações orçamentárias, comprando apenas o que podem pagar, embora considerando sempre a qualidade do produto (LIVRAMENTO; HOR-MEYLL; PESSOA, 2013).

Em relação ao uso de roupas e acessórios, estudo mostrou que a lingerie se apresenta como um ícone de sedução e vaidade e seu uso tem potencial de agregar sensualidade e contribuir para a construção e reafirmação da autoestima de mulheres ao fazer com que se sintam mais bonitas, valorizadas e confiantes (CRUZ et al., 2012). Outro importante adereço que se relaciona à sensualidade da mulher é o salto alto. No imaginário da mulher, seu uso representa beleza e possibilidade de se destacar dentre outras mulheres a olhares masculinos. Nesse sentido, o seu uso está associado à crença de que está sendo vista, desejada e considerada elegante, revelando seus valores estéticos e uma identidade marcada tanto pelo desejo de si como pelo desejo do outro (TEIXEIRA; RETONDAR, 2011).

Em estudo com mulheres que se destacavam por usar roupas curtas e justas e manter comportamento sexual-afetivo liberal percebeu-se maior autonomia feminina, mostrando que elas buscam alcançar o que desejam sem se preocupar com a opinião de outros/outras, podendo assumir diferentes identidades dentro ou fora de festas ao despertarem atenção por seus atributos físicos e comportamentos (TONDATO; VILAÇA, 2017).

Os discursos apresentados neste estudo também revelam que a relação amorosa com reciprocidade e elogios corrobora para a elevação da autoestima da mulher pelo prazer de se sentir desejada. Muitas vezes a mulher assume a responsabilidade sobre a felicidade do casal e desenvolve atitudes afetivas com resposta positiva do parceiro.

O elogio é entendido culturalmente como uma ação que pode influenciar as crenças dos indivíduos a respeito de suas capacidades, e é considerado como algo positivo e desejado socialmente para melhorar a autoestima e a motivação (NÓBREGA, 2018). Numa interação social, os elogios têm objetivo de encorajar, socializar, seduzir, recompensar e influenciar outras pessoas, possuindo efeitos a níveis cognitivos, emocionais e motivacionais. Portanto, eles desencadeiam efeitos benéficos na autoestima das pessoas, embora em alguns casos

também possam estar relacionados ao reforço de sentimentos negativos, como é o caso do orgulho (DELIN; BAUMEISTER, 1994).

Mulheres apresentaram referência positiva ao receberem elogio em situação de intimidade com o parceiro, retratada como sensação de bem-estar ao receberem a valorização de algum atributo, esteja ele tanto relacionado à estética e corpo como ao comportamento (FERNANDEZ; GIR; HAYASHIDA, 2005).

Estudo mostrou que em situação de namoro, homens produziram elogios mais metafóricos relacionado à aparência das pretendentes do que se estivessem em um contexto de trabalho, o que se associou a sua criatividade artística e masculinidade. As mulheres também preferiram estabelecer um relacionamento romântico com homens que produziam tais elogios em situação de namoro do que no ambiente de trabalho, os percebendo como mais inteligentes na primeira situação (GAO et al., 2017).

Em alguns casos, a boa autoestima de mulheres do estudo também se expressa pela libido ao falar sobre sexo acompanhado da liberdade para relacionamentos sem restrições. Assim, a valorização da sensualidade, a elevada autoestima e o bom relacionamento também se caracterizam como expressão de sexualidade das mulheres desse estudo.

A autoestima expressa sentimento ou atitude de aprovação ou de repulsa de si mesmo, refletindo o modo como a pessoa avalia seu valor, sua capacidade e se considera significativa e bem-sucedida. Trata-se de um atributo individual, embora moldado pelas relações cotidianas, e sua conformação determina o modo como a pessoa interage consigo mesma e com outros, refletindo sobre sua percepção dos acontecimentos e dos demais, seu comportamento e suas vivências (ANDRADE; SOUSA; MINAYO, 2009). Pode ser definida como o sentimento, o apreço e a consideração que a pessoa sente por si mesma, o quanto ela gosta de si, como ela se vê e o que pensa de si própria (DINI; QUARESMA; FERREIRA, 2004).

Estudo com mulheres de meia-idade mostrou que a autoestima global estava mais fortemente relacionada a sentimentos sobre aparência e condição física do que sobre sua forma e peso corporal (OLCHOWSKA-KOTALA, 2017). Além disso, dados de pesquisa sustentam que a autoestima está fortemente relacionada à saúde, não estando associado a adoecimento mental (HYATT et al., 2018).

Outro estudo indica que a elevada autoestima está diretamente relacionada à maior criatividade, extroversão, amabilidade e necessidade de manter e de realçar o corpo, além de

que quanto maior estiver a autoestima, menos se apresenta uma preocupação exagerada com a aparência física e a mulher faz uma avaliação mais positiva sobre sua aparência. Já mulheres com maior necessidade de recursos corporais se preocupam demasiadamente com a aparência, de modo que a vaidade esteve relacionada à preocupação com a aparência. As recompensas sociais obtidas pela boa aparência servem como motivadores para a exacerbação dessa vaidade e aumentam o consumo de produtos estéticos (AVELAR; VEIGA, 2013).

Em contrapartida, investigação com profissionais do sexo canadenses mostrou que a relação entre a autoestima e o trabalho sexual abrangeu efeitos positivos e negativos. Dentre os aspectos que afetam a autoestima se destacaram local de trabalho, fatores sociais, eventos e experiências de vida (BENOIT et al., 2017).

No atual estudo, os discursos das mulheres expressam a ideia de que desejam e querem ser desejadas, o que também as leva a se sujeitar às vontades do parceiro. A vaidade, o cuidado com o corpo e com a aparência são fatores de atração e tidos como obrigação feminina para ser desejada. Além dos afetos que precisam estar presentes no bom relacionamento, a mulher se autoresponsabiliza pela conquista diária do parceiro, precisando desenvolver estratégias de sedução.

Ressalta-se que mulheres associam o corpo bonito com a sua capacidade de despertar os desejos masculinos, de modo que desde meninas aprendem o desejo de ser desejada, e não necessariamente o desejo pelo outro. Assim, para agradar buscam seguir um padrão de beleza com referência nas modelos, geralmente magras, contrariando a preferência masculina por medidas mais avantajadas e podendo desencadear um processo adocedor. Para a exposição do corpo é exigido o controle de impulsos e o controle sob a aparência física, estando o corpo submetido a todo tempo a coerções estéticas (GOLDENBERG, 2005).

Assim, mulheres deste estudo sustentam a sensualidade, a erotização e a sexualização do corpo como valor necessário para ser desejada e travam uma luta diária para conseguirem manter a relação amorosa e afetivo-sexual estável, entendendo que o relacionamento está sempre exposto ao risco de rompimento desde que não atenda aos requisitos da sexualidade e da sensualidade.

Nesse sentido, algumas roupas e acessórios são utilizados para destacar partes específicas do corpo da mulher, com características de cunho sexual e imprimindo a esse corpo sentido de objeto do desejo sexual. Assim, a sexualização do corpo é entendida como mecanismo de atração, por meio de exposição de partes do corpo para atender a imaginários

eróticos sobre a sexualidade de mulheres, reforçando valores patriarcais e depreciadores da imagem da mulher perante a sociedade.

A sexualização do corpo da mulher é baseada nas suas curvas, seus seios, por causa de seu cabelo, maquiagem ou até mesmo pelo uso de seu vestido. Já no processo de erotização, a mulher tem seu corpo ornamentado e exposto para despertar e saciar o desejo masculino, sendo transformada em objeto de desejo, inclusive com a nudez. Desta forma, descaracteriza-se como mulher para si e torna-se mulher para o outro (BUFELLI; SANTOS, 2018).

Em relação às mulheres negras, a hipersexualização do corpo advém do passado escravocrata em que eram consideradas propriedades e expostas a estupros, além de serem responsabilizadas pela suposta sedução dos senhores e pela agressão que sofriam. Atualmente, as mulheres negras do Brasil continuam expostas a violência doméstica e sexual, em grande parte devido à naturalização do modelo da sexualidade masculina como agressiva, fazendo com que muitas se culpem e desistam de denunciar conhecidos, apesar de reconhecerem os abusos (CAMPOS et al., 2017).

No nosso estudo, há a culpabilização da mulher pela desvalorização masculina, bem como o julgamento de outras mulheres em razão do uso de roupa sensual. As mulheres entendem que, para se garantir enquanto objeto de desejo sexual e para manter a estabilidade no relacionamento afetivo-sexual, precisam adotar estratégias de beleza para não perder para sua concorrente na rua e satisfazer afetiva e sexualmente seu parceiro.

A beleza e a sensualidade constituem elementos de uma objetificação e de um discurso que colocam as mulheres em posição de desejáveis e disponíveis, tendo como referência a história colonial de que serviam para o sexo desvincilhado de amor, continuidade ou filhos/as, sem necessidade de consentimento. Essas representações são enunciadas pela mídia brasileira e por vezes incorporadas pela mídia internacional, constituindo o saber social sobre mulheres do Brasil (ELISÁRIO; GERALDES; MOURA, 2013).

No Brasil, a exaltação da sensualidade é exacerbada e ensina mulheres a serem sempre sedutoras em público. A mídia propaga a imagem da mulher outorgando-lhe sentido de mulher-objeto ao expô-la em propagandas, além do que a violência cultural brasileira estabelece que mulheres precisem sempre despertar o charme (LANA, 2013). Portanto, a mídia se conforma como uma importante influenciadora sobre a formação da imagem sobre os corpos femininos, tornando-os objetificados como meros produtos de consumo (MALTA; SILVA, 2016).

A mídia da mulher brasileira é representante do imaginário social associado ao erótico e sensual (BADET, 2016). Perpetua o retrato da mulher sedutora, mesmo quando essa é protagonista de sua vida (GONÇALVES; NISHIDA, 2009) e revestida por novos processos colonizadores, por meio da sua associação a um corpo disponível, permeado por valores de raça e inferioridade feminina (TRAVASSOS, 2017).

Neste estudo, a obediência refletida nos corpos femininos também se revela quando as participantes afirmam que o parceiro é o único foco e motivação para se arrumar e atraí-lo, tornando infundadas as práticas masculinas de ciúme, enquanto aos homens é facultada a possibilidade de se interessar por outras mulheres.

Além disso, algumas mulheres desse estudo evitam a sexualização do corpo por relacionarem a escolha da roupa com a imperfeição do corpo, de modo que não ter o corpo que atenda a um padrão reconhecido socialmente como bonito e atraente exige delas discrição na roupa e desperta o desejo de não ser percebida.

Quando uma mulher sente que não está bonita diante do outro, isso pode acarretar perda da autoestima e insegurança, considerando que o ideal de beleza é dinâmico, e assim acumulam-se a culpa, a frustração e a ansiedade nessas pessoas (PENNA, 1989). Estudo com mulheres de meia-idade constatou a insatisfação dessas com autoimagem e sua relativa surpresa ao receberem elogios, indicando uma piora da expectativa relacionada a mudanças na aparência física decorrente do processo de amadurecimento. Nesse grupo, foi percebido também a tentativa de relacionamento sexual forçado por parte do companheiro e a manutenção de padrões tradicionais de subserviência feminina no ambiente domiciliar (FERNANDEZ; GIR; HAYASHIDA, 2005).

Diante do cenário moderno que supervaloriza e cultua o corpo, compreende-se as dificuldades enfrentadas por algumas mulheres do nosso estudo, em que a tentativa de esconder seus corpos existe para se esquivar de julgamentos sociais e do parceiro, ao entenderem que não atendem ao padrão estabelecido. Além disso, essa baixa aceitação de si gera reflexos negativos à autoestima, ao bem-estar e ao relacionamento afetivo-sexual.

O culto ao corpo, seguindo rituais de embelezamento, rejuvenescimento e remodelagem das formas deve-se a uma imitação que o prestígio conferido àquelas que ostentam um físico dentro do padrão estético de boa forma. Estudo realizado no Rio de Janeiro mostrou a hipervalorização do corpo, com mulheres valorizando mais traços subjetivos como mecanismos de atração no homem, como inteligência, corpo, olhar, aspectos

morais, companheirismo, respeito, e enfatizaram ideais românticos, enquanto os homens afirmaram se atrair mais pela beleza, inteligência e corpo. Ambos destacam o corpo e as características físicas como as que mais os atraem no sexo oposto e como algo invejado, desejado e admirado por ambos os sexos (GOLDENBERG, 2011b).

No Rio de Janeiro existe um cenário peculiar em que a roupa é tida apenas como um acessório para a valorização e exposição do corpo, de modo que esse possui maior valor, pois é ele que deve ser exibido, moldado, enfeitado, construído e produzido (GOLDENBERG, 2005). Assim, é o corpo que está na moda, devendo estar trabalhado, cuidado, sem marcas indesejáveis como rugas ou celulites, e sem excessos de gordura ou flacidez. Culturalmente nessa localidade, ainda que o corpo se encontre sem roupa, ele se apresenta decentemente vestido pela sua forma (GOLDENBERG, 2002).

Nos tempos modernos, o corpo das mulheres se caracteriza como disciplinado e normalizado, com uma busca incansável por um ideal de feminilidade homogeneizante, em constante mutação, que transforma os corpos femininos em corpos dóceis. Dessa forma, se habitua ao controle externo, à sujeição e ao aperfeiçoamento, por meio de uma disciplinarização que incute em seus corpos uma convicção de insuficiência, levando-as a práticas feminilizantes com desmoralização e debilitação dos corpos (TRENCH, 2004).

Em nosso estudo, a objetificação da mulher, aliada às imposições sexuais sob domínio masculino, evidencia o desrespeito ao seu corpo e aos seus desejos, reforçada pela incorporação de valores machistas também pelas mulheres. O corpo feminino é vítima de inúmeras imposições pela sociedade patriarcal, e sua objetificação sexual exerce um papel coadjuvante à permanência das desigualdades de gênero.

Estudo que mediu a objetificação de mulheres pelas mulheres demonstrou que experiências de sexualização e objetificação se concentram nos comportamentos masculinos para com as mulheres. Embora a objetificação de mulheres por homens esteja associada a importantes consequências para a saúde da mulher, estudo mostrou que efeitos negativos também estão associados a objetificação das mulheres por outras mulheres, sendo igualmente prejudicial, podendo estar relacionada depressão, desordem alimentar e angústia da imagem corporal (PARENT et al., 2018).

A objetificação sexual feminina refere-se à maneira pela qual a sexualidade da mulher é vista na sociedade, de modo que seu corpo feminino é tratado como algo a ser consumido, para servir e dar prazer sexual ao outro, resultados de reflexos das construções sociais de

gênero, que a coloca em posição de objeto sem considerar seus atributos emocionais e psicológicos. Nas publicidades, os processos de objetificação da mulher se relacionam a ênfase no fragmento do corpo da mulher, sendo apresentada de maneira sensual e envolta por situações de violação de sua integridade física (HELDMAN, 2012).

Reduzir a mulher a um objeto sexual pode predispor a maior agressão física contra elas (VASQUEZ et al., 2017). Pesquisa identificou a auto-objetificação associada a agressão psicológica grave, agressão física e vitimização por coerção sexual em mulheres. Homens desenvolveram a objetificação feminina associada a agressões psicológicas graves e agressões físicas (JONNISON; LANGILLE; WALSH, 2017). No momento em que mulheres entendem o seu próprio corpo e o corpo de outras mulheres como objetos de satisfação do desejo sexual masculino, isso se enquadra no processo de auto-objetificação.

A auto-objetificação ocorre quando os indivíduos se tratam como objetos a serem vistos e avaliados com base na aparência (ROLLER; PICCOLI, 2017) e consiste na internalização do olhar de objetificação sexual da sociedade sobre o próprio corpo. Isso gera uma preocupação excessiva com a aparência em detrimento dos estados corporais e das competências físicas, que pode impactar na saúde e no bem-estar do indivíduo. Em estudo, imagens midiáticas sexualmente objetificantes influenciaram a auto-objetificação feminina mesmo quando essas mulheres estavam enquadradas no considerado padrão de beleza (LOUREIRO, 2014).

No atual estudo, mulheres responsabilizam outras pela falta de desejo do parceiro, legitimando a incorporação de direitos masculinos para prazeres na rua na ausência de atrativos de sedução pela parceira. Essa objetificação do corpo feminino por outras como corpo do desejo masculino reflete a incorporação de uma cultura machista pelas mulheres. Nessa perspectiva, a mulher vale pelo corpo que tem e pelo desejo que desperta no homem.

Além disso, as mulheres também demonstram a incorporação de valores machistas ao fazerem a crítica a outras pelo modo como essas sexualizam seu corpo, o que gera grande disputa entre as mulheres na direção de quem agrada mais. Assim, a sensualidade de outras mulheres é raiz de competição, julgamentos e desconfiança sob o olhar do outro.

A competição intrasexual feminina é um aspecto presente em todas as culturas. Experimento que avaliou o efeito da atratividade de uma rival do trabalho sobre o ciúme e expectativas de progressão na carreira mostrou que, de modo geral, uma rival atraente despertou mais ciúme. No grupo de mulheres com alta competitividade intrasexual e que

atribuíram hostilidade a sua rival, a atratividade do rival induzia níveis mais altos de ciúme e expectativas mais baixas de progressão na carreira, evidenciando o importante papel das emoções no ambiente de trabalho (BUUNK et al., 2016).

Estudo multicêntrico que realizou testes em 37 culturas mostrou que as mulheres valorizavam mais boas perspectivas financeiras e parceiros mais velhos que elas, já os homens estavam mais atentos à capacidade reprodutiva da mulher, o que é consistente com sua preferência por mulheres mais jovens e, portanto, mais próximas do pico de fertilidade. Com isso, se demonstra as diferenças sexuais nas estratégias reprodutivas e consequências para a competição intrasexual humana (BUSS, 1989).

Assim, homens buscam exibir recursos mais do que mulheres, e as mulheres procuram, mais do que homens, realçar a aparência como recurso para retenção do companheiro. Diante dessas necessidades de atratividade sexual, se configura uma base da competição intrasexual feminina, sustentada no desejo da mulher em se diferenciar das demais como forma de obter vantagem sobre a rival (BUTORI; PARGUEL, 2014).

Ademais, mulheres desempenham papéis diversos ao longo da história, o de ser mãe, esposa, cuidadora do lar, além de precisar manter aparência saudável e ser atraente para o sexo. Essa percepção sobre corpo e sexualidade persiste atualmente, embora mais discretamente (CRUZ; LOUREIRO, 2008).

Na atualidade, recentes mudanças nas relações românticas e sexuais entre os jovens vêm se centrando na emancipação de mulheres, aumentando as possibilidades de relações íntimas mais calorosas e francas. Mulheres buscaram desenvolver o equilíbrio entre se tornar sujeitos sexuais e objetos sexuais, em esforços de conectar intimidade sexual e relacional com momentos de sexualização e erotização, buscando uma sexualização do amor. Para os homens, o prazer sexual passou a depender mais intensamente da ligação sensual ou erótica (WOUTERS, 2017).

No entanto, no contexto do nosso estudo, as mulheres assumem a obrigação em manter-se atraente e sensual aos olhos do parceiro, porém revelam que o desgaste da rotina e do trabalho doméstico cansa, reduz a libido e interfere na sexualidade, muitas vezes não entendida pelo homem. A falta do reconhecimento do cuidado familiar e a incorporação da obrigação do trabalho doméstico impede a busca do compartilhar responsabilidades entre o casal, tornando-o mecanismo limitador da liberdade feminina. Essa invisibilidade do trabalho

doméstico pela mulher é denotada em falas em que a mulher deve gratidão ao parceiro pela provisão familiar.

Historicamente, o trabalho doméstico tem sido atribuído à mulher, baseado no papel de gênero, com caráter de invisibilidade e desvalorização social. Estudo de revisão mostrou que o trabalho doméstico está permeado por submissão e a naturalização do lugar marginal da mulher, resulta em práticas que limitam seu protagonismo social e político e constitui uma fonte permanente de sofrimento e de adoecimento (MONTEIRO; ARAÚJO; MOREIRA, 2018).

O discurso social instaurado pelo patriarcado continua sendo reproduzido no mundo contemporâneo, tornando invisível para as mulheres o lugar que ocupam e fazendo com que busquem estratégias para atender às inúmeras funções, assumindo a responsabilidade com a casa e filhos/as como se fosse exclusiva delas. Somando-se isso ao investimento na carreira profissional, muitos desafios são intensificados, podendo trazer prejuízos às mulheres. Diante disso, as influências do patriarcado e a divisão do trabalho pautada no gênero sexo biológico são criticadas pelo feminismo, que vem buscando a construção de relações mais igualitárias nos relacionamentos (FIGUEIREDO; DINIZ, 2018).

Além disso, a vivência da sexualidade de mulheres do atual estudo também é influenciada pelos valores da igreja, devendo ter relação matrimonial, de modo que em nosso estudo, a fala do pastor, com a voz de autoridade religiosa, dá-se em concordância com valores machistas que orientam mulheres a adotarem estratégias para não perder o parceiro e evitar a traição, responsabilizando a mulher pela perda de interesse do parceiro. Em contrapartida, vê-se também nos discursos que seguir uma religião agrega valores com potencial de transformação de pessoas e de relações.

Coaduna-se a isso, pesquisa realizada em uma Igreja Batista de Belo Horizonte/MG, em que evangélicos recebem orientações específicas relativas ao modo como o sexo deve ser vivenciado. As falas do pastor revelam o poder religioso sob o controle sexual, monitoramento do corpo feminino e construção de um padrão de sexualidade específico para esse grupo. Além disso, se dissemina nas pregações do pastor a ideia de que a traição ocorre devido à carência emocional e a admiração por outra pessoa, podendo ser evitado desde que a mulher mantenha uma vida sexual ativa e se sujeite ao poder masculino, reforçando a concepção de baixa tolerância dos homens à autonomia feminina (ROSAS, 2018).

O poder religioso, potencializado pelo advento da reforma protestante na Inglaterra Vitoriana, influenciou a adoção pela burguesia dos valores patriarcais da igreja, que posteriormente se espalhou para o mundo ocidental e foi incorporado por todas as classes sociais. Esses valores burgueses mantêm-se como referência na atualidade, tendo a igreja forte impacto sobre a construção da identidade das mulheres consideradas ideais para se casar e constituir família.

O importante destaque dado ao matrimônio nas sociedades se relaciona a sua definição enquanto dispositivo de aliança, fundamentando-o em regras que definem o que é permitido ou proibido, com objetivo de configurar as relações sob a manutenção da lei e reafirmação do vínculo entre parceiros com status definido (FOUCAULT, 2017).

Nesse sentido, a igreja católica se associou, desde os tempos de outrora, a projetos de colonização que impuseram práticas como a implantação do casamento e repressão da sexualidade considerada ilícita, funcionando como instrumento disciplinar dos corpos e a indissolubilidade associada ao controle da sexualidade. Assim, a igreja foi importante responsável pela inscrição dos comportamentos de homens e mulheres, gerando expressivas diferenciações de gênero que normatizam regras sociais até hoje (PIMENTEL, 2007).

No atual estudo, embora as relações afetivo-sexuais se conformem na direção de suprir os desejos masculinos com a desvalorização do querer feminino em relação a sua sexualidade, as mulheres reconhecem que a sexualidade saudável implica em concordância entre o casal.

Diante do exposto, entendemos que urge a desconstrução das relações de poder contrárias à liberdade feminina, que castram suas vontades e hipersexualiza seus corpos, para que os corpos das mulheres deixem de ter status sexualizado e objetificado e as relações afetivo-sexuais se amparem sobre sentimentos benéficos à liberdade e respeito mútuo entre o casal.

Nessa categoria, a sensualidade e a sexualização do corpo feminino são entendidas pelas mulheres como condição para despertar o desejo do parceiro, embora considerem também que mulher casada deve se vestir de maneira discreto para não atrair olhares de outros homens e evitar atritos no relacionamento. Assim, alteram o seu modo de se vestir para atender ao que os homens querem e julgam tanto da mulher com quem tem um relacionamento estável como da que se apresenta como a rival fora de casa e pode ameaçar seu relacionamento. Desse modo, reproduzem a cultura patriarcal e a supremacia masculina

tão fortemente arraigada social e culturalmente e responsável por manter muitas mulheres em posição de sujeição.

5.5 NATURALIZAÇÃO DA SUBSERVIÊNCIA DAS MULHERES NO ÂMBITO DA SEXUALIDADE

A incorporação da submissão da mulher ao parceiro faz com que algumas recomendem a outras mulheres realizar atividades domésticas e manter relação sexual como obrigações para agradar o parceiro e evitar a traição, conforme lê-se a seguir:

Eu acho que o homem tem que ter respeito com sua esposa. Eu não acho certo, claro, de jeito nenhum ele procurar mulher na rua. A mulher de casa, a mulher tem que fazer sua parte, ser uma mulher dentro de casa, ser a dona de casa e ser a esposa, pra também o homem não ter que correr pra rua procurar outra (P9, casada, 51 anos, ENT).

Temos que entender que homem é homem e que mesmo a gente não gostando, às vezes a gente tem que fazer algumas coisas [...] no sexo, a gente tem que aprender a gostar um pouco de tudo [...] se a gente não fizer, não tentar, a gente não vai ficar com marido nenhum, vai tomar um corno louco e muitas das vezes sem proteção [...] a gente tem obrigação de lavar, passar, cozinhar e ainda abrir as pernas de noite sem reclamar, porque se a gente foi feita para isso, não foi? por mais que a gente não queira, é verdade [...] por isso que tem mulher que é só amante, é complicado demais, mas fazer o quê, né? (P1, casada, 32 anos, ENT).

Mulheres reforçam a liberdade masculina em trair a parceira caso essa não se mantenha atraente e desperte o desejo masculino, como observado nos discursos que seguem:

Tem mulher que acha que não precisa mais se arrumar porque já tem marido e aí se desleixa [...] o homem vai acabar traindo e vai encontrar em outros braços tudo que não encontra na casa [...] foi traída por que muitas mulheres dá lugar [...] quem não dá lugar de ser traída sou eu, hoje faço o que eu puder para continuar com meu relacionamento como está (P1, casada, 32 anos, ENT).

Se ele não procura ela, que ela cuide bem, que faça sua comidinha, que passe a sua roupinha, tudo isso, dando atenção, atenção a ele, muito amor e carinho [...] porque você vê, tem homem que passa com sua mulher, passa outra lá e ele tá olhando (P8, união estável 7 meses, 41 anos, ENT).

A vizinha lá dorme e acorda com o cabelo lá em cima, ele chega para almoçar, o cabelo lá em cima, recebeu traição. [...] não precisa

colocar um roupa nova, é tomar um banho, pentear o cabelo, colocar uma argola [...] mulher tem que se arrumar, ficar arrumada. Não é porque ele é meu marido que eu tenho que ficar com a roupa lascada, toda badogueira, não existe isso (P14, viúva, 53 anos, OF).

A sensualidade manifestada por outras mulheres é entendida como ameaça ao relacionamento, gerando temor de traição e da perda do parceiro, como visto a seguir:

A mulher chama mais atenção do homem, pelo fato dela tá arrumada, tá cuidada, tá cheirosa, tá bem apresentável a ele [...] mulher é coração, o homem é ação. Então, o momento que ele viu a mulher, pode ser novinha, pode ser corozinha, pode ser idosazinha, mas se ela tá bem apresentável, ali tá a traição porque ele tá vendo na rua o que não tá vendo em casa (P10, casada, 42 anos, OF).

Nos discursos que seguem, mulheres naturalizam os múltiplos relacionamentos mantidos pelo homem, admitindo relações extraconjugais, apesar do desconforto emocional, como estratégia de manutenção do relacionamento, conforme se lê a seguir:

O homem trai porque a de dentro de casa não tá dando conta ou, como diz o povo, quando não acha em casa, procura na rua. E também deve ser que, às vezes, o cara também tá cansado daquela ali, da convivência com a mulher [...] tem uns que tá ali com a mulher, mas tá pela rua pegando uma ou outra [...] umas sabem que ele tá saindo pra dar corno, tem umas que ainda falam e brigam, tem umas que se calam (P8, união estável 7 meses, 41 anos, ENT).

Certas coisas eu acho que não deve fazer, tipo tem coisa que os homens fazem na rua, com a mulher da rua que não é pra fazer em casa. tem coisas que as mulheres da rua aceita e as de dentro de casa não aceita [...] já ouvi comentários 'o que eu faço na rua não faço com minha mulher em casa' (P5, casada, 65 anos, ENT).

Tem homem que tá ali fazendo sexo, só que ele tá pensando na outra. Aconteceu comigo uma vez, aí ele 'ahhh, fulana', aí eu parei e disse 'poxa', pensei que o prazer era comigo, aí já foi, acabou, aí desmorona a mulher toda, você naquele amor, naquele carinho, o cara ao invés de chamar o seu nome [...] aquilo ali dói, dá até vontade de pegar um negócio e picar nele, mas é isso mesmo, são coisas da vida (P12, viúva, 64 anos, OF).

Conforme as participantes que seguem, os homens acreditam que têm a posse sobre as mulheres, e diante do temor da traição feminina abusam com violência física e psicológica. A

interdição da liberdade imposta a mulheres está presente em relações possessivas traduzidas por essas como ciúme.

O homem é acostumado a fazer as coisas erradas na rua e acha que a mulher vai fazer o mesmo [...] o meu marido, quando a gente não era cristão, a gente saia [...]ele bebendo, tomando a cerveja dele e eu não podia olhar para canto nenhum, eu ficava assim parecendo uma estátua, eu nem gostava de sair com ele [...] hoje eu vejo a diferença, a gente sai, a gente conversa, dá risada, brinca [...]mas antigamente chegava em casa e saia na mão [...] ele tinha mulher na rua [...] meu pai que me ajudou a criar meus filhos (P6, casada, 52 anos, OF)

Às vezes ele fala coisas que magoam, eu fico na minha, quando deixo passar acalmar mais, eu chamo ele e converso. Teve uma vez que ele tava me dizendo que eu tava dando corno nele [...] como é que eu vou dar corno nele se eu ficava o tempo todo lá na barraca [...] depois de velho tá dando para ciumento. Se eu for de sair [...] ninguém pode me olhar que ele fica olhando pra cara da pessoa (P8, união estável 7 meses, 41 anos, ENT).

O homem mata a mulher por causa de ciúme. Tem homem que é ciumento e eu não suporto [...] a mulher não pode nem sair, não pode nem se distrair, que ele não deixa, é ruim, isso não é amor (P7, casada, 59 anos, OF).

O ciúmes vai aumentando [...] quando eu me arrumo, arrumo meu cabelo, passo uma maquiagem, aí meu marido fica com a cara desse tamanho. E ele sai assim, ele sai não dá satisfação. Aí quando eu começo a me arrumar que vou pra igreja, aí quer saber pra onde eu vou [...] Aí começa a discutir, aí no discutir pode vim uma agressão, pode vim um tapa, aí vem palavrão, aí vem a ofensa [...] Se você se impor, então aí pode se tornar uma coisa pior (P4, casada, 29 anos, OF).

A dependência econômica gera outros tipos de dependências e muitas vezes submete mulheres a conviver com a infidelidade masculina na relação conjugal apesar do desconforto gerado. Assim, lê-se a seguir:

Quando o homem tem uma mente para rua ou então tem alguém que futuca, aí ele esquece a gente [...] ele vai, mas ele volta para casa. Graças a Deus, a gente conviveu acho que foi uns 40 anos [...] ao invés de ele preferir tá comigo, ele tava com elas [...] eu chorava muito e continuava a minha vida de rotina [...] eu não tinha que fazer

ou eu suportava ou então voltava para casa dos meus pais (P12, viúva, 64 anos, OF).

Já a independência financeira feminina, conforme visto no discurso abaixo, não é tolerada por homens ao fragilizar o seu papel de provedor do lar e mantenedor das necessidades da esposa.

Se ela for empregada, trabalhar, é melhor. eu dizia 'eu tenho dinheiro, bora', tirava onda, entendeu? é isso que os homens não querem [...] o meu achava que isso era uma humilhação para ele, eu pagar. ele se sentia muito mal, se saiu com meu dinheiro foi umas duas ou três vezes. Quando não tinha dinheiro, ele não saía mesmo, ele é machista [...] era coisa dele mesmo de dizer eu sou homem, eu que tenho que colocar (P14, viúva, 53 anos, OF).

No discurso que segue, julgamentos sobre o papel da mulher na sociedade imprimem desconfiança sobre infidelidade e encorajam tentativa patriarcal de tolher a liberdade feminina conquistada pelo trabalho.

Eu era muito julgada pela família do meu ex-marido, porque como lá elas são acostumadas a ficar em casa [...] elas achavam que eu tinha que fazer a mesma coisa [...] elas diziam que eu traía ele, por isso que eu ficava na rua trabalhando, que eu tinha que sair do emprego, até ele mesmo chegou uma vez que ele me propôs sair do emprego que ele pagava o salário [...] eu não vou deixar meu emprego por causa de ninguém (P2, divorciada, 41 anos, ENT).

A expressão de uma visão centrada nos papéis de gênero evidencia que rótulos machistas incorporados por mulheres valorizam a traição masculina e sua virilidade, enquanto rótulos pejorativos imprimem julgamento moral à mulher que trai, como representado pela fala abaixo:

Para a gente como mulher não fica bem, por que homem se trair vão dizer logo é ganhão, é não sei o quê, e mulher não, vão logo desvalorizar a gente, dizer que é vagabunda, que é isso e aquilo, então, vamos separar então já que não dá certo, cada um vai para seu canto e a amizade continua (P6, casada, 52 anos, OF).

Algumas participantes julgam mulheres que traem e as consideram responsáveis pelos feminicídios sofridos, posição que expressa a incorporação do poder masculino e a naturalização da violência contra mulher, bem como uma baixa valorização feminina por mulheres, conforme lê-se a seguir:

Eu não aceito traição [...] tem que ter o respeito de ambas as partes [...] eu acho que é por isso que acontece tanta coisa, tanta desgraça nesse mundo [...] muitas vezes a mulher trai, o homem vai lá e mata (P9, casada, 51 anos, ENT).

Quando a mulher se respeita ela não trai, mas quando não, ela trai. Ele sai para fazer uma coisa, ela sai do outro lado e trai [...] tem mulher que a convivência deles são ótimas, tem tudo, não falta nada, mas o prazer de trair, trai [...] vai ver que na cama ele não é o suficiente para ela [...] é feio para a mulher, ridículo, você é casada e outra, ela pensa que tem gente que não tá vendo, mas tá vendo sim [...] até um dia ele descobrir e aí vai ter uma morte (P14, viúva, 53 anos, OF).

Nas falas que seguem, a traição masculina durante a gravidez e puerpério da parceira reafirma valores machistas com desprezo à mulher. Além disso, o risco de contaminação sexual ao trair é desconsiderado por homens, e a vulnerabilidade às infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) amedronta seus pares. Já a iniciativa da mulher de término do relacionamento por traição amplia o temor de perda do domínio sobre o corpo e a sexualidade da mulher e gera violência doméstica.

O meu me traiu uma vez só, eu tinha tido neném e ele procurou mulher na rua. Me subiu uma raiva, o neném pequenininho de braço, ele pulou a cerca, foi fazer menino na rua [...] e uma vez ele botou doença em mim e eu tive que me cuidar. Eu me sentia magoada porque ele pode botar uma doença em mim e depois eu ficar, assim... sem poder arranjar outro [...] eu sentia raiva dele, eu não queria mais ele que me tocasse (P7, casada, 59 anos, OF).

A traição do parceiro é razão de mágoas e bloqueios para a relação sexual, afetando a continuidade da relação e a sexualidade de mulheres, conforme visto nas falas que seguem:

Já peguei coisas com ele, traição [...] quando eu vou fazer certo tipo de situação [sexo] eu fico lembrando, aí tem vez que eu fico uma semana sem querer fazer nada porque eu vi ele com aquela pessoa

[...] aí certo momento cheguei com ele e falei: ó não quero mais porque eu já vi essa cena com você e não quero, isso me machuca muito (P4, casada, 29 anos, OF).

Todas as vezes que a gente ia ter relações não saia a traição dele da minha mente, então eu não conseguia tá inteira [...] um dos motivos que eu acho que fez a gente se separar. [...] traição para mim é uma falta de respeito completa [...] eu já fui traída e é uma coisa horrível, eu não sei como é que o ser humano consegue [...] vou trair ele e volto para casa, deito com ele, durmo com ele como se nada tivesse acontecido, isso é nojento [...] você não tá faltando só com respeito com o seu parceiro, mas com seu corpo, com você mesma (P2, divorciada, 41 anos, ENT).

Já nos discursos a seguir, a reação a comportamentos machistas legitimados na traição é considerada como caminho para superar desigualdades e restaurar relacionamentos, seja pela indiferença, pelo afastamento ou pela possibilidade de revide por mulheres.

É difícil conviver com traição, eu já passei por isso e já tava para me separar dele, aí meu pai falou dê desprezo a ele, aí eu comecei a dar desprezo a ele. Fazer a comida, fazia... lavar a roupa, lavava, tudo que uma mulher tinha que fazer, eu fazia, mas era como se ele não existisse. Pronto. Aí ele foi, chegou para mim, me pediu perdão, terminou com a mulher (P6, casada, 52 anos, OF).

Aí eu disse a ele: se você procurar mais uma mulher na rua eu largo você na hora, largo casa, largo tudo. Ele deixou, não procura mais não [...] eu sentia raiva dele, eu não queria mais ele que me tocasse (P7, casada, 59 anos, OF).

Eu também não aceito traição, se ele trai, a gente também trai. Eu digo ao meu marido, não queira experimentar, eu sou vingativa. O respeito somos nós que posicionamos, se a gente respeita, o homem tem que respeitar, eu sempre falo isso lá em casa, se você quer respeito, me dê respeito, se você não quer ser traído, não traia. sou sua mulher mas o que você fizer errado, eu também vou fazer e aí vamos ver [...] quando a mulher senta com marido e conversa direitinho, não tem muita dificuldade no casamento não (P1, casada, 32 anos, ENT).

DISCUSSÃO

Os discursos em análise revelam a incorporação pelas mulheres dos papéis sociais atribuídos ao feminino e a naturalização das desigualdades históricas oriundas do sistema

patriarcal que favorece o domínio masculino. Diante disso, as mulheres reproduzem estereótipos de gênero e reconhecem como sua obrigação cuidar da casa e da família, bem como ser de sua responsabilidade dar prazer ao parceiro, acreditando que manter a submissão sexual ao homem é condição para se proteger da infidelidade masculina.

Teóricas de gênero afirmam que a sociedade continuamente tem relacionado atividades domésticas e de menor esforço intelectual às mulheres, construindo tais espaços a partir de normas e regras a serem seguidas para atender ao esperado socialmente. Mesmo com todas as conquistas feministas, concorre a histórica internalização de valores patriarcais pela sociedade, o que dificulta, em muitos casos, a saída das mulheres da situação de submissão.

Sob a ótica de gênero, o tornar-se homem ou mulher perpassa um processo de socialização sustentada por uma naturalização de elementos biológicos, como a crença na fragilidade feminina nos aspectos físicos, sexuais, psicológicos e emocionais, delegando-as papéis historicamente compreendidos como de menor prestígio e complexidade, e atribuindo ao masculino funções de maior prestígio e reconhecimento. Desse modo, a mulher é colocada em posição desvantajosa e relacionada à necessidade da presença masculina para existir e se afirmar, dado a sua suposta falta de inteireza, o que contribui para sustentar relações de poder e dominação (BEAUVOIR, 2019; BUTLER, 2009).

Assim, as hierarquias de gênero reproduzem desigualdades entre homens e mulheres, tornando regras e normas sociais mais restritivas sobre condutas femininas, ao tempo em que homens gozam de liberdade e têm suas ações valorizadas com reconhecimento e prestígio social, mesmo quando tais atividades desrespeitam mulheres. Portanto, é inequívoco pensar que os problemas de gênero produzem repercussões negativas para a vida das mulheres, incluindo suas vivências no âmbito da sexualidade.

Além disso, o desenvolvimento da sexualidade também tem influência importante dos valores atribuídos pela família e sociedade aos papéis e relações de gênero, perpetuando normas socialmente construídas e aceitas (FOUCAULT, 2017). Sendo assim, ela pode ser vivenciada e modificada a depender das vivências frente à cultura, história, campos de saberes, subjetividades, pois se trata de um fenômeno mutável e com múltiplas maneiras de expressar e vivenciar o prazer (FOUCAULT, 2017), não se tratando exclusivamente do ato sexual, mas de amor, ternura e afetos (ALENCAR et al., 2014). Enquanto processo histórico, a sexualidade enfrenta forte influência de instituições sociais como escola, igreja e mídia, com

a propagação muitas vezes do sexo como algo impuro, relacionado unicamente à reprodução e não ao prazer (LOURO, 2018).

Em nosso estudo, a submissão feminina se torna evidente quando o poder do homem está associado em usá-lo com a obrigação da mulher em satisfazê-lo. Essa posição das mulheres é também constatada na literatura científica. Estudo com casais mostrou que os principais motivos para a manutenção do casamento por longos períodos foram a responsabilidade com a família e com o/a companheiro/a, a necessidade de cumprir o dever de cônjuge e pai/mãe, além dos laços afetivos entre os familiares (ALVES-SILVA; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2016). Além disso, outra pesquisa indicou que mulheres que entendiam viver um bom relacionamento conjugal mantinham relação sexual mesmo sem sentir prazer para cumprir com sua obrigação de esposa e satisfazer o parceiro. A ocorrência de sexo sem consentimento feminino visibiliza um contexto de relações hierarquizadas, com sobreposição do poder masculino e sucumbência aos desejos do parceiro (PARANHOS; PAIVA; CARVALHO, 2016).

Em relação ao sexo no casamento, investigação recente revelou que esse foi considerado como essencial para o relacionamento e a satisfação sexual baseado no entendimento entre o casal e na afetividade (SCHIMITI; SARZEDAS, 2018). A satisfação sexual é de fundamental importância para o bem-estar do ser humano e envolve aspectos biológicos, culturais, sociais e emocionais (SERAFIM et al., 2019).

Ao considerar a realidade da nossa pesquisa, a satisfação do parceiro ocorre por forte reprodução cultural influenciada pelo patriarcado, que projeta uma estrutura de poder social centrada no homem, o que inclui uma sexualidade feminina passiva e subserviente. Assim, mulheres se submetem a diferentes formas de poder masculino, e a internalização de estereótipos de gênero as faz delegar sua felicidade à presença de um homem em sua vida. Deve-se também a essa representação atender aos anseios masculinos para preservar o relacionamento e ter a segurança que não o perderá.

Estudo apontou que o direcionamento para a felicidade ainda segue os moldes convencionais estabelecidos desde o século XIX, em que mulheres acreditam que o matrimônio e a maternidade sejam projeto de vida feminino e reconhecem a grande cobrança cultural para o cumprimento desses papéis. Todas elas consideram que ser solteira e não ter filhos/as depois dos 30 anos é algo antinatural, e que nessa situação estariam à procura de sua

estabilidade financeira, profissionalização, do amor romântico e da constituição de sua família, para assim alcançar a sonhada felicidade (SANTOS, 2015).

Essa representação se deve ao fato dos principais teóricos sobre o corpo e a sexualidade das mulheres, ao longo da história, serem os homens, o que as sentenciou a identificarem-se com discursos misóginos que as submetem aos desejos masculinos (MOREIRA; VIEIRA; CECCARELLI; 2018). Assim, mulheres tendem a ser mais submissas pois anteriormente não lhes era permitido usufruir de desejos sexuais, pautando sobre sua sexualidade valores de preservação da santidade e o dever social de satisfazer o marido sexualmente, procriar e educar os descendentes, estando o casamento no nível mais alto de satisfação social a ser alcançado (JESUS et al., 2019).

Atualmente, obra de autoajuda também apresenta narrativa ancorada no estereótipo tradicional de mulher, dando indicações de comportamentos femininos para preservarem seus relacionamentos, como a prescrição da necessidade de controlar as emoções e manter a autoestima elevada. Pressupõe que mulheres precisam de auxílio por serem mais emocionais do que racionais, presumindo que seriam menos capazes e reforçando tal estereótipo de gênero (BRUNELLI, 2018). Em contrapartida, pesquisa recente mostrou mudanças na postura feminina traduzidas em narrativas permeadas por ideais de felicidade e pela exaltação do eu, ligadas à autoestima e à autenticidade, à ânsia por viver o presente de maneira estetizada e à afetividade com o outro (SEVERO, 2017).

Tendo em vista a incorporação do modelo androcêntrico e da supremacia do desejo masculino, ser traída pelo parceiro e perder para a mulher que está na rua é uma ameaça constante, segundo participantes do nosso estudo. Há julgamento e culpabilização de mulheres pela traição sofrida, atribuída a não investir na sensualidade e na erotização do corpo, traduzido em estar arrumada, ter boa aparência física, independentemente do contexto em que o corpo a ser desejado se encontra. Assim, não se arrumar ou não conseguir despertar e manter o desejo do parceiro pode culminar em traição admissível nessas situações para algumas mulheres.

Em relação à beleza, estudo com 120 pessoas a considerou como principal fator observado para o estabelecimento de um relacionamento amoroso (SCHLOSSER; CAMARGO, 2015a), e as representações sociais de beleza física estão voltadas à atração, sedução, influência, modificação corporal, qualidade de vida e popularidade (SCHLOSSER; CAMARGO, 2015b). Nesse sentido, estudo mostrou que a atratividade da parceira primária

esteve associada a uma diminuição nas chances de infidelidade por parte dos homens (MCNULTY et al., 2018), e a falta de intimidade, de componentes sensuais e sexuais podem levar à frustração, aborrecimento, ansiedade e falha no relacionamento (ZINELDIN, 2019).

Embora pesquisas denotem que a beleza é um importante aspecto da atratividade, e que em nosso estudo a infidelidade esteja relacionada a baixa capacidade da mulher em despertar o desejo do companheiro, outros estudos mostram que a prática da infidelidade não se vincula exclusivamente a esse fator.

Atitudes infiéis também foram motivadas por fatores como falta de amor, baixo comprometimento, problemas de autoestima, necessidade de variedade sexual e o uso de bebida, personalidade da pessoa infiel (SELTERMAN; GARCIA; TSAPELAS, 2017), atração por outra pessoa, a sensação de novidade (NORONA; OLMSTEAD; WELSH, 2017), fatores demográficos, traços de personalidade, incompatibilidade de características interpessoais (HASELI et al., 2019), por sentirem-se entediados, desconfortáveis, por uma necessidade apenas sexual ou por estarem confusos no relacionamento (MEDINA et al., 2013).

O principal motivador para a traição é a insatisfação com o companheiro/a ou com a relação, evidenciando a importância de se considerar a infidelidade como um fenômeno relacional (SCHEEREN; APELLÁNIZ; WAGNER, 2018). Desse modo, em 16 estados brasileiros as motivações para infidelidade envolvem insatisfação conjugal ou sexual, insegurança, medo e carência (COSTA et al., 2019). Outra motivação para a traição é o maior uso das redes sociais, com o compartilhamento de informações e fotografias e a recepção de comentários positivos, levando ao flerte virtual (ROCHA, 2018). Muitas pessoas comprometidas usam o aplicativo móvel de namoro Tinder para facilitar sua infidelidade (WEISERA et al., 2017). Essa infidelidade on-line esteve correlacionada à solidão vivenciada por pessoas casadas (ISANEJAD; BAGUERI, 2018).

Em nosso estudo, mulheres trazem para si a responsabilidade em se proteger da traição do parceiro e reconhecem ser essa uma ameaça constante ao relacionamento, que assumem o encargo de manter. Uma vez sem questionar o papel do parceiro, cujas condutas infiéis são esperadas, utilizam-se de estratégias de sedução, entendendo que a mulher deve se manter sempre disposta e atraente.

Assim, defendem a sensualidade feminina como atributo necessário para despertar e manter a atração masculina, apresentando-se sedutora, e assim acreditam afastar o parceiro da sua concorrente na rua. Desse modo, reafirma-se a naturalização da traição masculina e a

desvantagem feminina, já que é desconsiderado nessa disputa o contexto em que mulheres desempenham outras diferentes funções em casa, com horas de trabalho ininterruptas e desgastes físicos e emocionais, que comprometem a autoestima.

A exclusividade sexual e romântica para um/a parceiro/a é uma expectativa nos relacionamentos íntimos do ocidente, e alternativas sexuais atraentes se constituem uma ameaça aos relacionamentos (LEE; O’SULLIVAN, 2019). A ameaça da chegada de uma terceira pessoa é temor de todos/as que vivenciam um relacionamento amoroso, sendo geradora de ciúme. Estudo bibliográfico observou que o fenômeno da infidelidade tem interpretações distintas entre homens e mulheres, sustentadas por uma construção social dos gêneros, modelando práticas completamente diferenciadas por ambos nas relações afetivo-sexuais (SANTOS; CERQUEIRA-SANTOS, 2016).

Foi verificado em pesquisa que sentir desejos por outras pessoas além do/a parceiro/a foi associado com infidelidade (SCHUSSLER; LOMANDO, 2019). A infidelidade é considerada um fenômeno complexo, relacionado a questões intrapsíquicas, relacionais, situacionais e socioculturais e tende a interferir de modo significativo na relação (SATTLER; TAVARES, 2017).

Em nosso estudo, conviver com a admissibilidade da traição pelo parceiro é realidade, e sua ocorrência, embora tensione a relação de alguns casais, não se constituiu critério para rupturas. Essas mulheres têm incorporado uma visão essencialista, o que favorece a aceitação da infidelidade masculina e a manutenção do relacionamento afetivo-sexual no contexto estudado.

Estudo recente com mulheres cambojanas mostrou que muitas toleram a infidelidade masculina, baseado em crenças relacionadas ao domínio masculino, atribuindo a infidelidade de seus futuros maridos como inerentes ao comportamento masculino, justificando sua ocorrência por parte dos homens devido à necessidade de mobilidade relacionada ao trabalho (THAPA; YANG; CHAN, 2019).

A infidelidade masculina é mais relatada na literatura do que a de mulheres (BALON, 2015). Em Portugal, a infidelidade física/sexual foi superior nos homens, e dentre os que ponderaram sobre a infidelidade, apresentaram maiores índices de busca por sensações e maior motivação para a infidelidade (PINTO, 2017). Há a perpetuação do comportamento infiel por homens embasada por crenças ligadas ao machismo e ao patriarcado, que lhe outorga o direito de manter o padrão infiel pela sua natureza (COSTA; CENCI, 2014).

Na experiência das mulheres, a infidelidade dos maridos é compreendida por meio da categoria cisma, o que gera um estado de permanente suspeição com relação ao comportamento do parceiro e de outras mulheres. Essa cisma leva a um pensamento frequente sobre a infidelidade do homem, produz conflitos, desconfianças e mecanismos de controle, gerando contestação, divergências e violências. Assim, segundo essas constatações de pesquisa, a cisma das mulheres motiva a infidelidade masculina e a fortalece como prática aceitável na conjugalidade e no meio social (AQUINO, 2016).

No contexto do nosso estudo, o ciúme funcionou como limitador da liberdade feminina, se constituindo como um sentimento destrutivo que leva homens a privarem suas parceiras de conversar com outras pessoas, passear ou se arrumar. Além disso, demonstram raiva, desconfiança e agressividade quando contrariados, impondo às mulheres isolamento social como meio de manter a estabilidade do relacionamento e evitar a traição.

O ciúme pode levar a desgaste e perda da qualidade na relação amorosa, o que gera a infidelidade quando uma pessoa passa a buscar satisfazer-se fora de casa, em que homens insatisfeitos buscam mais aventuras de cunho sexual (ALMEIDA, 2012). Um estudo argentino mostrou que homens apresentavam ciúme sexual pela ameaça da infidelidade feminina gerar filho/as geneticamente diferentes (CUINAS; KOVAL, 2018).

Estudo revelou que o ciúme, que vai desde a desconfiança entre o casal até a manifestação de preocupação do/a parceiro/a, é considerado normal desde que não gere violência física, e mesmo quando associam ciúme à insegurança, se envolvem em relacionamentos ciumentos e empregando argumentos românticos como preocupação e medo de perder para justificar seus comportamentos (FLORES FONSECA, 2019). No entanto, o controle e a dominação masculina sobre a mulher, ciúme, infidelidade masculina, filhos/as sem planejamento e uso de álcool e outras drogas são situações geradoras de violência conjugal e da permanência da mulher na relação (PAIXAO et al., 2014).

Em contrapartida, uma pesquisa observou que à medida que o comportamento da esposa se tornava mais provocativo com relação a outros homens, o marido ciumento demonstrava reação mais amorosa e favorável em comparação ao não ciumento, sugerindo a presença do ciúme uma variável importante para a relação (COSTA et al., 2014).

Em nosso estudo, as mulheres afirmam que a desconfiança e o temor de traição por parte dos homens são fatores geradores das relações de ciúme e acontecem principalmente

pelo fato de homens costumeiramente traírem suas parceiras e acreditarem que as mulheres agirão do mesmo modo.

Freud afirma que o ciúme projetado nasce das próprias infidelidades ou de impulsos de cometê-las, reprimido no inconsciente, fazendo com que se projete sobre o outro o seu próprio desejo de infidelidade ou de sua atração sexual pelo suposto adversário (FREUD, 2011). O/A ciumento/a projeta para o exterior o que não quer ver em si mesmo, e então ao perceber as infidelidades da mulher, as aumenta muito, de modo que as suas ficam pequenas e imperceptíveis (MALLMANN, 2015).

Em nosso estudo, há a naturalização da violência contra mulher em decorrência do ciúme masculino e em resposta à traição da parceira. Embora a violência seja considerada um importante problema de saúde pública, as mulheres do estudo tendem a minimizar suas repercussões ao acreditarem que essas ocorrem quando existe motivo, certificando sua perpetração.

Estudo realizado na Nicarágua revelou que normas de gênero em torno da infidelidade baseada em crenças normalizadoras fornece uma narrativa para justificar as expressões masculinas de ciúme, que incluíam limitar a autonomia da parceira, coerção sexual e violência física contra as mulheres (BOYCE et al., 2016). Estudo revelou que o ciúme e a infidelidade se constituíram como disparadores de situações de violência física (OLIVEIRA; FONSECA, 2019), e embora agressões físicas e sexuais contra mulheres sejam qualificadas como covardia, há a manutenção da ideia estereotipada de responsabilização da mulher pela agressão sofrida (CECCHETTO et al., 2016). Portanto, a infidelidade e o ciúme são tidos como fatores que justificam as agressões físicas, e a violência é reconhecida como intrínseca à natureza masculina e mais praticada por homens em resposta à traição feminina (OLIVEIRA et al., 2016).

Frente a infidelidade, mulheres sofreram mais violência psicológica, e homens apresentaram maior perpetração da coerção sexual (COLOSSI; FALCKE, 2019). Ademais, a violência sofrida por mulheres impacta em suas vidas, se tornando fonte destrutiva da qualidade de vida, autoestima e bem-estar. A infidelidade conjugal e a violência sexual podem afetar aspectos psicossociais da mulher, como baixa autoestima, desilusão, tristeza, falta de confiança, que pode afetar o relacionamento conjugal ou até dificultar futuras relações sexuais (BRITO; CAVALCANTI, 2014).

Devido ao duplo padrão de moralidade relacionado à sexualidade feminina e masculina e as questões de gênero, recai sobre as mulheres o rechaço social e cultural de uma traição, recebendo a culpa pelo fim do casamento, ou ainda pela traição ou violência doméstica sofridas. Ademais, mulheres aceitam mais facilmente a traição dos parceiros (COSTA; CENCI, 2014). Revisão de literatura realizada na Etiópia mostrou que mais da metade das mulheres justificam como motivos para as agressões sofridas terem discutido com o marido, queimado a comida, saído sem avisar, ter negligenciado o cuidado com filhos/as, ter recusado sexo, ter sido infiel ou desobedecido o parceiro, ou ainda ter suspeitado de infidelidade masculina, delegando a culpa pela violência sofrida à mulher vítima (GURACHO; BIFFTU, 2018).

A procura da mulher em justificar atitudes degradantes por parte dos homens provém da desigualdade de gênero no meio social, que retira de mulheres a possibilidade de compreender os motivos que perpetuam a violência e traição por parte dos homens como transgressores dos direitos enquanto ser humano, de modo que lhes reste apenas submeterem-se e culpabilizarem-se pela traição e agressões sofridas. Isso ocorre pela incorporação de normas e padrões culturais que desvaloriza e oprime mulheres e garante supremacia aos homens.

Em nosso estudo, os discursos revelam que a dependência econômica leva mulheres a se manterem submissas no relacionamento afetivo-sexual, sujeitando-se inclusive à traição, ainda que isso lhes traga muita dor e sofrimento.

De fato, homens com rendas elevadas têm as chances aumentadas para se envolver em infidelidade, diferentemente das mulheres, cuja probabilidade diminui, na tentativa de compensar a tensão gerada por desempenhar função financeira culturalmente delegada a homens (MUNSCH, 2015).

Já a autonomia financeira expressa por uma mulher deste estudo intimida e incomoda o parceiro, pois ao inverter a lógica hierárquica patriarcal com função masculina de manter financeiramente o lar e as necessidades da esposa e dos/as filhos/as, revela reflexos negativos relacionados ao modo de pensar e agir machista de homens relacionado ao fracasso da sua função social de provedor, o que pode desencadear estresse no relacionamento. Além disso, nosso estudo revela que o trabalho feminino fora do domicílio desenvolvido e a liberdade alcançada graças a sua autonomia financeira gera desconfiança do parceiro e da sociedade sobre a possibilidade de infidelidade por parte da mulher, baseado na cultura da sociedade que

julga mulheres por trabalhar fora e em horários noturnos, mesmo que não apresentarem motivos que a desabone.

Nesse sentido, estudo realizado com homens considerou que o trabalho feminino fora do lar não altera suas atribuições domésticas e familiares, e muitos qualificam a renda da mulher como apenas para suprir os seus caprichos. Eles entendem que o trabalho feminino afeta a honra masculina de provimento do lar e gera o risco de afetar a maternidade e de desenvolver infidelidade feminina. Para eles, a mulher ideal deve desempenhar função de esposa e mãe, cumprir atividades domésticas e não trair o companheiro (NASCIMENTO; GIANORDOLI-NASCIMENTO; TRINDADE, 2008).

As falas de algumas mulheres do estudo reconhecem o feminicídio quando mulheres tenham traído seus parceiros. Essa internalização da cultura machista pelas mulheres expressa o modo estruturado e preponderante das culturas patriarcais e hierarquias de gênero presentes na sociedade e, de modo destrutivo, mantém a sobreposição do poder do homem sobre a mulher, a colocando sempre em posição desvantajosa, ou de culpada pelo sentimento que desperta no parceiro.

Estudo que entrevistou homens que cometeram crimes contra suas companheiras verificou que ódio, ciúme, brigas e desconfiança de infidelidade da companheira são sentimentos que desgastam o relacionamento afetivo e leva o homem a sentir-se injustiçado, fazendo com que percam o controle emocional e cheguem a cometer o ato extremo de homicídio (SCHENATTO; MAHL; OLIVEIRA, 2016).

Na fala de duas mulheres desse estudo, o parceiro as desvaloriza e desrespeita até mesmo quando estão grávidas ou no período pós-parto, praticando traições e expondo-as ao risco de infecções sexualmente transmissíveis, o que as preocupa e gera afastamento.

Em relação a traição sofrida durante a gestação, estudo visibilizou a dor e frustração de mulheres como forte fator de desilusão, modificando permanentemente o modo como entendiam sua sexualidade (AGUIAR, 2015). Além disso, a permissividade social à infidelidade masculina a torna um potencializador do risco ao HIV/AIDS na família (PINHEIRO et al., 2012), de modo que o reforço à fidelidade é uma importante estratégia de prevenção do HIV/AIDS (BOWELO; RAKGOASI; KEETILE, 2019).

No Quênia, o domínio masculino sobre a tomada de decisão reprodutiva e o preconceito sobre o uso de métodos, que para muitos significa infidelidade feminina, os leva a utilizar preservativos somente no intuito de evitar reinfecção pelo HIV e quando recomendado

por profissionais de saúde, não se preocupando com a saúde de suas companheiras nesse processo (HARRINGTON et al., 2015).

Em nosso estudo, a traição masculina desperta sentimentos negativos sobre o parceiro, com desgaste do relacionamento afetivo-sexual e com a perda do interesse na relação sexual. Algumas mulheres reagem à traição masculina e demais formas de exercício de poder sobre seu corpo e vida e terminam o relacionamento, o que gera revolta e violência por parte dos homens pela não aceitação de perda do domínio sobre a sexualidade da parceira.

A infidelidade discorda do que usualmente é combinado num relacionamento afetivo, podendo gerar conflitos, sofrimento e desencadear traumas. Em alguns casos, a infidelidade piora a qualidade da relação por introduzir o sentimento de engano e rejeição (LANDER, 2018), afeta a saúde mental e física da pessoa traída e a piora da saúde mental se estende à sua saúde física, de modo que depressão, ansiedade e angústia são associadas ao aumento de comportamentos comprometedores da saúde após a infidelidade (SHROUT; WEIGEL, 2017). Além disso, quando se trata de infidelidade sexual suscita mais sentimentos angustiantes do que a infidelidade emocional (LEEKER; CARLOZZI, 2014).

Pelo fato de a infidelidade ser uma das experiências mais complexas na relação conjugal, é uma razão bastante apontada para a dissolução do vínculo conjugal, dentre outros (VIEGAS; MOREIRA, 2013; BOTELHO, 2018). Estudo com 12 pessoas em processo de separação litigiosa mostrou situações de violência e dificuldades de manutenção dos laços parentais associadas ao rompimento da relação conjugal (FRANCO; MAGALHAES; FERES-CARNEIRO, 2018).

As reações à infidelidade são distintas a depender da satisfação relacional e da vinculação; na presença de preocupação pode haver reações de afeto negativo e vingança, desvalorização/humilhação, aversão e aflição (PAULO, 2019). No caso da infidelidade a partir do desejo de vingança, as mulheres não se assumem sujeitos da traição e culpam o parceiro infiel ou pouco dedicado por motivá-las a trair (GOLDENBERG, 2006). As atribuições de culpa do/a parceiro/a pela infidelidade se associaram à vingança, à evitação e ao término de relacionamento em estudo recente (DENES et al., 2019). Além disso, a presumida infidelidade masculina alivia o sentimento de culpa das mulheres que traem (ARENT, 2009).

Em nosso estudo, a subserviência feminina para evitar a traição e o exercício de poder masculino e violência doméstica frente a ameaça ou suspeição de traição

reflete a incorporação de uma visão centrada nos papéis de gênero e na cultura patriarcal, em que ao homem é outorgado comportamento permissivo de infidelidade e de imposições sobre a parceira. Nesse sentido, mulheres naturalizam a supremacia masculina que lhes tolhe direitos e as expõem à desvalorização pelo parceiro e pelas próprias mulheres.

Contudo, mulheres reagem à infidelidade dos parceiros de diferentes formas, podendo traí-los, se afastar ou ainda os ignorar, o que leva homens a mudarem posturas e comportamento machistas, melhorando o relacionamento afetivo-sexual do casal. Desse modo, as reações das mulheres se apresentam como possibilidades de se alcançar mais igualdade, respeito e valorização na tentativa de superar as desigualdades que oprimem as mulheres no campo das relações.

Nessa categoria, a infidelidade do parceiro é fator de sofrimento e dor para mulheres, embora elas admitam a sua ocorrência e a justifiquem como um comportamento inerente ao homem. Somado a isso, as mulheres do estudo trazem para si a responsabilidade em agradar o parceiro como meio de evitar a traição e manter o relacionamento e tendem a se culpabilizar pela traição sofrida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscarmos conhecer os sentidos atribuídos à sexualidade de mulheres na experiência com seus parceiros, foi possível observar os enfrentamentos cotidianos a que elas estão expostas nas relações afetivos-sexuais, com desfechos muitas vezes desfavoráveis no âmbito da sexualidade. A maioria das mulheres ocupa posição de subalternidade no relacionamento, e estão expostas ao relacionamento abusivo e à violência doméstica.

Mulheres estão expostas ao relacionamento abusivo e são tratadas como objeto sexual à disposição do prazer masculino, com desvalorização de suas vontades e desejos no plano da sexualidade. O temor da reação masculina em caso de recusa ao ato sexual pela mulher as leva a permitir o uso do seu corpo como condição para evitar a violência e seus extremos. Isso é decorrente de desigualdades de gênero e da cultura patriarcal remanescente atualmente, configurando uma incorporação da submissão como dever feminino. Diante disso, a mulher tem seu corpo objetificado, assume a função de servir sexualmente aos desejos do parceiro e sofre pelo desprezo do prazer feminino.

Ao mesmo tempo, o discurso das mulheres revela terem incorporado a obrigação da sedução e da sexualização do corpo para manter o relacionamento, permanecer como objeto de desejo e evitar traição. Além disso, algumas expressam em seus discursos o poder da religião na reprodução de um sistema machista que oprime e retira a liberdade das mulheres. As mulheres reconhecem também que o cuidado doméstico e familiar compromete a sensualidade feminina, mas a naturalização da subserviência faz com que recomendem a outras mulheres como um dos meios de agradar o parceiro.

A sujeição das mulheres ao domínio masculino reflete a hierarquia de gênero construída e solidificada historicamente pelas instituições sociais. Sob essas bases estruturantes, mulheres sofrem influências culturais e educacionais que disciplinam seus corpos e comportamentos, domesticando suas ações no âmbito da sexualidade para atender aos anseios da sociedade patriarcal e do homem. Essas posições reveladas pelos discursos das mulheres estão estruturadas com base na internalização da cultura de ordem machista, que reafirma e legitima a manutenção de desigualdades para o universo feminino.

Além disso, no relacionamento abusivo as imposições do parceiro acerca da sensualidade feminina fazem a mulher alterar seu modo de vestir, pois acreditam ter responsabilidade sobre reações de desconfiança e agressividade do parceiro. Essa sujeição

feminina as expõe a múltiplas formas de violência, muitas vezes invisibilizadas pelas próprias mulheres, o que gera sua permanência na relação abusiva. Assim, são vítimas de variadas formas de violência, destacando-se a sobreposição da violência psicológica à violência física e a associação entre violência física e violência sexual, agravados pelo consumo de álcool.

Essa sobreposição do poder masculino, androcêntrico, patriarcal e machista prescreve sob o corpo e sob a sexualidade das mulheres o adestramento comportamental e a castração dos prazeres, não podendo vestir-se como deseja, nem transparecer “excesso” de sensualidade, ou mesmo sentir orgasmo sexual quando queira, pois são ameaçadas pela sanção normalizadora que pune comportamentos ou identidades desviantes do padrão instituído como norma social.

Por internalizarem padrões culturais de supremacia masculina, as mulheres acreditam ser sua responsabilidade manter-se atraentes e desejadas para evitar a traição e preservar o relacionamento, naturalizando a traição masculina apesar do mal-estar e danos emocionais sofridos. A sujeição feminina ao parceiro e a traição masculina constituem experiências que afetam vínculos e fragilizam relações.

A mulher é culpabilizada pela traição sofrida caso não desperte o desejo do parceiro e aceita a infidelidade para manter o relacionamento. Assim, fica evidente que a incorporação de uma visão centrada nos papéis de gênero, na cultura patriarcal e na naturalização da violência faz com que mulheres tolerem a traição masculina e julguem moralmente mulheres que traem, inclusive as responsabilizando pelo feminicídio sofrido.

Por outro lado, expressam viver em dependência econômica, o que gera outras dependências e força mulheres a conviver com a liberdade masculina de manter relações extraconjugais. Em contrapartida, a independência financeira da mulher causa desconforto no parceiro e ameaça seu papel de provedor do lar, com reflexos na sexualidade do casal. Assim, baseado na crença do domínio masculino e pelo temor da traição feminina, homens tolhem a liberdade feminina conquistada pelo trabalho e desenvolvem relações possessivas e violentas sob a justificativa de ciúme.

A traição masculina, relatada por mulheres na gravidez e puerpério, demonstra a desvalorização da mulher, gera mágoas e afasta os pares. Além disso, provoca medo nas parceiras de contrair infecções sexualmente transmissíveis, risco desconsiderado pelos homens. No entanto, a tomada de decisão pela mulher em terminar o relacionamento após sofrer traição ameaça a supremacia masculina, gerando violência. A reação da mulher à

infidelidade do parceiro, seja pelo afastamento ou revide, se constitui estratégia para restabelecer o relacionamento a dois e superar desigualdades.

Em contrapartida, mulheres reconhecem o desrespeito vivido no relacionamento e algumas reagem às humilhações, impõem-se ou ameaçam se afastar. Outras, mesmo quando em situação de violência, exercem autonomia no campo da sexualidade, resguardando-se da relação sexual abusiva e respeitando o seu corpo. Ademais, reiteram que violência física e agressão verbal não devem ser toleradas por nenhuma mulher e que a reação à violência doméstica impõe respeito e afasta e/ou faz recuar homens agressivos.

O diálogo e o respeito mútuo são apontados como essenciais para a manutenção do bom relacionamento e para a vivência de uma sexualidade prazerosa e feliz. Trocas afetivo-sexuais com preliminares, atenção e carinho são indicadas como necessárias ao bom relacionamento, e o sexo com desejo e prazer compartilhado é compreendido como dimensão de saúde, gerador de bem-estar, disposição e boas emoções.

Contrariamente às situações de submissão, mulheres valorizam o amor-próprio em detrimento aos valores do parceiro e consideram que o cuidado com a aparência além de atrair o parceiro, eleva a autoestima da mulher e traz benefícios para a relação do casal. Elogios também melhoram a disposição da mulher para o relacionamento, porém render elogio ao homem provedor é tido como dever da companheira, evidenciando a incorporação da cultura androcêntrica e o baixo reconhecimento da importância da mulher nas atividades domésticas.

Os resultados deste estudo mostram com transparência um vasto campo de demandas reprimidas por cuidado no âmbito das vivências da sexualidade e que não se apresentam aos serviços de saúde, tendo em vista pertencerem a dimensões humanas quase sempre subestimadas ou não percebidas enquanto existência para atenção na rede de saúde. A ausência de atividades participativas em tais serviços, amplamente divulgada em estudos empíricos, restringe possibilidades de as mulheres trazerem ao serviço experiências de vida, produtoras de demandas que lhes deixam vulneráveis, entre essas violência de gênero, exposição a Infecções Sexualmente Transmissíveis/HIV, baixa autoestima, todas com repercussões na saúde física e mental.

As oficinas de reflexão, utilizadas não somente como técnica de produção de material empírico, mas como espaço de troca de experiências de vida, permitiram aproximação entre as mulheres a partir de realidades que convergiram no tocante ao relacionamento afetivo-sexual e a inserção social. As mulheres participantes ressaltaram que as oficinas favoreceram

o diálogo sobre situações do cotidiano que envolvem as relações com parceiros com fortalecimento do seu potencial para buscar a vivência da sexualidade com respeito e liberdade.

Nesse sentido, como recomendação, necessita-se de uma melhor estruturação dos serviços de saúde e capacitação de profissionais para além de acolher mulheres nos programas específicos, reconhecer as singularidades que perpassam a vida cotidiana dessas, inclusive no âmbito da sexualidade. Assim, orientações e busca por resoluções compartilhadas aos problemas apresentados se fazem necessárias, bem como a viabilização de momentos reflexivos por meio de reuniões com grupos de mulheres no espaço dos serviços.

Todos os objetivos propostos nesta pesquisa foram alcançados considerando-se que foi possível conhecer sentidos da sexualidade a partir da experiência de mulheres com seus parceiros. Confirmamos o pressuposto de que uma vez inseridas em sociedade de base patriarcal e expostas a desigualdades de gênero, a experiência das mulheres no âmbito da sexualidade dá-se atrelada a valores que as mantêm sob os limites do poder masculino sobre seu corpo e sua vida. Reproduzem-se assim desigualdades que distanciam suas experiências da perspectiva de autonomia e da liberdade no exercício da sexualidade como direito sexual.

O estudo contribuiu também para ampliar o nosso conhecimento acerca das especificidades existentes na vivência da sexualidade de mulheres, indicando possibilidades para realização de novas pesquisas a partir dos seus resultados. Ademais, oferece subsídios para o ensino, a pesquisa e a extensão que possam ajudar e ampliar o desenvolvimento de práticas educativas participativas por profissionais na atenção à saúde da mulher. Amplia também o conhecimento produzido pelo grupo de pesquisa Gênero e Integralidade do Cuidado e em consequência pelo GEM, Centro de Estudos sobre Saúde da Mulher.

REFERÊNCIAS

ABDALA, Paulo Ricardo Zilio. **Vaidade e consumo: como a vaidade física influencia comportamento do consumidor**. 2004. 139 p. Dissertação (Mestrado em Administração) - Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

ACOSTA, Daniele Ferreira et al. Violence against women committed by intimate partners: (in)visibility of the problem. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 121-127, mar. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072015000100121&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 04 dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-07072015001770013>.

AFONSO, Lúcia. (org). **Oficinas em dinâmica de grupo na área da saúde**. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2006.

AGUIAR, Leticia Caroline Doretto. **A violência por parceiro íntimo na gestação e a vivência da sexualidade após a maternidade**. 2015. 119 p. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2015.

ALBERTIM, Renata; MARTINS, Marcelo. Relacionamento abusivo: o controle sobre a roupa, beleza e corpo da mulher. In: 14º Colóquio de Moda, 2018, Paraná. **Anais 14º Colóquio de Moda**. Paraná: Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

ALENCAR, Danielle Lopes de et al. Fatores que interferem na sexualidade de idosos: uma revisão integrativa. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 8, p. 3533-3542, ago. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232014000803533&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 05 jan. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232014198.12092013>.

ALMEIDA, Thiago de. O ciúme romântico atua como uma profecia autorrealizadora da infidelidade amorosa?. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 29, n. 4, p. 489-498, dez. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2012000400004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 fev. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000400004>.

ALTIVO, Bárbara Regina. Dever e prazer no casamento-empresa: transações regulares de controle do amor segundo a Igreja Universal. **Galáxia (São Paulo)**, São Paulo, n. 32, p. 176-187, ago. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-25532016000200176&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 04 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-25542016224434>.

AMARAL, Marta Araújo; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa. A oficina de trabalho como estratégia educativa com adolescentes na área de sexualidade. **REME – Rev. Min. Enf.**, v. 9, n. 2, p. 168-173, abr/jun. 2005. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/457..> Acesso em: 28 mar. 2020.

ANDRADE, Edson Ribeiro; SOUSA, Edinilsa Ramos de; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Intervenção visando a auto-estima e qualidade de vida dos policiais civis do Rio de Janeiro. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 275-285, fev. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000100034&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 09 fev. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232009000100034>.

ARAUJO, Ivonete Alves de et al. Social representations of the sexual life of climacteric women assisted at public health services. **Texto contexto – enferm.**, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 114-122, mar. 2013. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072013000100014&lng=en&nrm=iso. Access on: 14 Feb. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072013000100014>.

ARAUJO, Maria de Fátima. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 41-52, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652005000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 04 fev. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652005000200004>.

ARAUJO, Natalúcia Matos et al. Corpo e sexualidade na gravidez. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 46, n. 3, p. 552-558, June 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342012000300004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 jan. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342012000300004>

ARCILA, Juan Fernando Uribe; TOBÓN, Maria Teresa Quintero; GÓMEZ, Margarita Gómez. Orgasmo femenino: definición y fingimiento. **Rev Uro. Colomb.**, Colombia, v. 24, n. 2, p. 130-131, ago 2015. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=149140429013> Acesso en: 11 jan. 2020.

ARENT, Marion. (In) fidelidade feminina: entre a fantasia e a realidade. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 153-167, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652009000100011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 dez. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652009000100011>.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. Brasiliense, 2017.

ALVES, Adjair. Teorias de “poder” na relação entre indivíduos e/ou instituições. **Rev. Diál.**, Garanhuns, v. 1, n. 3, 134-156, mar. 2009.

ALVES-SILVA, Junia Denise; SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. Bodas para uma vida: motivos para manter um casamento de longa duração. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 25, n. 2, p. 487-501, jun. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2017000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 05 fev. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2017.2-05>.

ALOS, Anselmo Peres. Gênero, epistemologia e performatividade: estratégias pedagógicas de subversão. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 421-449, ago. 2011. Disponível

em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000200007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200007>.

AQUINO, Francisca Luciana de. **Cisma e infidelidade: etnografia das disputas entre mulheres e dos conflitos violentos entre casais**. 2016. 217 p. Tese (Doutorado em Antropologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

ABNT- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referência - elaboração. Rio de Janeiro, 2000.

AVELAR, Cátia Fabíola Parreira de; VEIGA, Ricardo Teixeira. Como entender a vaidade feminina utilizando a autoestima e a personalidade. **Rev. adm. empres.**, São Paulo, v. 53, n. 4, p. 338-349, ago. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902013000400002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 08 fev. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75902013000400002>.

ÁVILA, Maria Betânia. Direitos sexuais e reprodutivos: desafios para as políticas de saúde. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, sup. 2, p S465-S469, 2003.

ÁVILA, Maria Betânia. **Textos e imagens do feminismo**: mulheres construindo a igualdade. SOS CORPO- Gênero e Cidadania. Recife, 2001.

AZEVEDO, Sarah Fernandes Lino de. A ética da monogamia e o espírito do feminicídio: marxismo, patriarcado e adultério na Roma Antiga e no Brasil Atual. **História**, Assis/Franca, v. 38, e2019053, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742019000100310&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2019053>.

BADET, Maria. A prevalência de imaginários estereotipados do Brasil no exterior e o papel das mídias na sua manutenção. **REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Brasília, v. 24, n. 46, p. 59-75, abr. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852016000100059&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880004605>.

BAGGIO, Maria Aparecida et al. O significado atribuído ao papel masculino e feminino por adolescentes de periferia. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 872-878, dez. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452009000400025&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-81452009000400025>.

BALON, Richard. Is Infidelity Biologically Determined?. **European Psychiatry.**, v. 30, s. 1, p. 176-180, mar. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11930-016-0084-z>

BALTHAZAR, Gregory da Silva; Marcello, Fabiana de Amorim. Corpo, gênero e imagem: desafios e possibilidades aos estudos feministas em educação. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 23, e230047, set. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?>

script=sci_arttext&pid=S1413-24782018000100239&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 jan. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782018230047>.

BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Soc. estado.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 449-469, aug. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922014000200008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922014000200008>.

BARROS, Andiará Rodrigues. **Demandas de saúde e experiência de mulheres na busca pelo cuidado**. 2013. 104 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORI, Mary Del (org). **História das mulheres no Brasil**. 8ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 607-639.

BASTOS, Felipe; ANDRADE, Marcelo. Ser mulher não tem a ver com dois cromossomos X: impactos da perspectiva feminista de gênero no ensino de ciências. **Rev. Diversidade e Educação**, v. 4, n. 8, p. 56-64, jul.-dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/6740>. Acesso em: 22 jan. 2020.

BEAUVOIR, Simone de. **Box - O Segundo Sexo - Edição Comemorativa 1949-2019**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2019.

BENOIT, Cecilia et al. Sex work and three dimensions of self-esteem: self-worth, authenticity and self-efficacy. **Cult Health Sex.**, v. 20, n. 1, p. 69-83, jan. 2017. Available from: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28548011/>. Acesso em: 11 fev. 2020. DOI: 10.1080/13691058.2017.1328075.

BIROLI, Flávia. **Gênero e Desigualdades: os limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. **Feminismo e política**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2014. 164p.

BITENCOURT, Silvana Maria. Contribuição de teóricas feministas para estudos de gênero. **Revista Ártemis - Estudos de Gênero, Feminismos e Sexualidades**, v. 16, n. 1, p. 178-185, ago./dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/17356>. Acesso em: 12 jan. 2020.

BITTAR, Daniela Borges; NAKANO, Ana Márcia Spanó. Symbolic violence among adolescents in affective dating relationships. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 51, e03298, 2017. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342017000100482&lng=es&nrm=iso. Access on: 15 fev. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1980-220x2017003003298>.

BOIZOL, Fernanda; SILVA, Elisabeth Murilho da. Sexy sem ser vulgar: entre a docilidade e o inconformismo. **Caderno Espaço Feminino**, v. 31, n. 2, Uberlândia, jul./dez. 2018. Disponível

em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/38988>. Acesso em: 30 jan. 2020.
DOI: <https://doi.org/10.14393/CEF-v31n2-2018-16>

BOLMONT, M. et al. The Woman's Body (Not the Man's One) Is Used to Evaluate Sexual Desire: An Eye-Tracking Study of Automatic Visual Attention. **J Sex Med.**, v. 16, n. 2, p. 195-202, feb. 2019. Available from:
<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1743609518313638> Access on: 23 jan. 2020. DOI: 10.1016/j.jsxm.2018.12.003.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; CESIDIO, Mirella de Holanda. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 451-478, set. 2007. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000200012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 jan. 2020.

BOTELHO, Patrícia Alexandra Peixoto. **Percepção dos fatores desencadeadores de separação conjugal**. 2018. 29 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, Universidade do Porto, Porto, 2018.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

BOWELO, Motsholathebe; RAKGOASI, Serai Daniel; KEETILE, Mpho. Partner faithfulness and sexual reproductive health practices in Botswana: does perception of partner infidelity influence sexual risk behaviours of people aged 10–34 years?. **Journal of Biosocial Science**, v. 52, n. 4, p. 547-559, oct. 2019. DOI:10.1017/s0021932019000622.

BOYCE, Sabrina et al. Gender-Specific Jealousy and Infidelity Norms as Sources of Sexual Health Risk and Violence Among Young Coupled Nicaraguans. **Am J Public Health**, v. 106, n. 4, p. 625-632, apr. 2016. Available from:
<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4816077/> Access on: 03 feb. 2020. doi: 10.2105/AJPH.2015.303016.

BRANDÃO, Angela. Uma história de roupas e de moda para a história da arte. **MODOS Rev. Hist. da Arte**, Campinas, v. 1, n.1, p.40-55, jan. 2017. Disponível em:
<http://www.publonline.iar.unicamp.br/index.php/mod/article/view/728>. Acesso em: 22 fev. 2020. DOI: <https://doi.org/10.24978/mod.v1i1.728>

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. **Saúde sexual e saúde reprodutiva**. Brasília: Ministério da Saúde; 2010. 300 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher: princípios e diretrizes**. Brasília: Ministério da Saúde; 2011.44p.

BRITO, Raquel Santos; CAVALCANTI, Pacífica Pinheiro. Infidelidade masculina e violência sexual: sentimentos das mulheres que as vivenciaram. **Ciência et Praxis**, v. 7, n. 14, 2014.

BRUNELLI, Anna Flora. Mais razão e menos emoção: o discurso de autoajuda para mulheres. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 26, n. 3, e49400, out. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000300214&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n349400>.

BUFELLI, Caroline de Camargo; SANTOS, Vanessa Matos dos. Mulheres no jornalismo esportivo: a sexualização e erotização na televisão. In: XIV Congresso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la comunicación- ALAIC, 2018, Costa Rica. **Anais**, Ponencia presentada GI 3, Comunicación, género y diversidad sexual, Costa Rica. Memorias del Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la comunicación.

BUSS, David M. Sex differences in human mate preferences: Evolutionary hypotheses tested in 37 cultures. **Behavioral and brain sciences**, v. 12, n. 1, p. 1-14, 1989. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0140525X00023992>

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo. **Cadernos Pagu**, n. 11, p. 11-42, jan. 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634457>. Acesso em: 25 fev. 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2009.

BUTORI, Raphaëlle; PARGUEL, Béatrice. The impact of visual exposure to a physically attractive other on self-presentation. **International Journal of Research in Marketing**, v. 31, n. 3, p. 445-447, 2014. Available from: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01644789>. Access on: 12 jan. 2020. DOI: 10.1016/j.ijresmar.2014.06.003

BUUNK, Abraham P. et al. Attractive rivals may undermine the expectation of career advancement and enhance jealousy: an experimental study. **European Journal of Work and Organizational Psychology**, v. 25, n. 6, p. 790-803, mar. 2016. Available from: <https://www.tandfonline.com/action/showCitFormats?doi=10.1080%2F1359432X.2016.1156085>. Access on: 12 fev. 2020. <https://doi.org/10.1080/1359432X.2016.1156085>

CAMARGO, Shelley Arruda Pinhal de; SAMPAIO NETO, Luiz Ferraz de. Sexualidade e gênero. **Rev Fac Ciênc Méd Sorocaba**. v. 9, n. 4, p. 165-166, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/35351>. Acesso em: 11 fev. 2020. DOI: 10.23925/1984-4840.2017v19i4a1

CAMPOS, Carmen Hein de et al. Cultura do estupro ou cultura antiestupro?. **Rev. direito GV**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 981-1006, dez. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-24322017000300981&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 jan. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/2317-6172201738>.

CARNEIRO, F.; AGOSTINI, M. (Orgs). Oficinas de reflexão: espaço de liberdade e saúde. In: AGOSTINI, M. **Trabalho feminino e saúde**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ENSP/Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana, 1994. p. 52-83.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; ANDRADE, Fernando César Bezerra de; MENEZES, Cristiane Souza. **Equidade de gênero e diversidade sexual na escola: por uma prática pedagógica inclusiva**. João Pessoa: Ed. Universitária, 2010.

CASTILLO SAAVEDRA, Ericson Felix; BERNARDO TRUJILLO, Janette Vanesa; MEDINA REYES, Marleny Alida. Gender violence and self-esteem in women from the Huanja - Huaraz hamlet, 2017. **Horiz. Med.**, Lima, v. 18, n. 2, p. 47-52, abr. 2018. Available from: http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1727-558X2018000200008&lng=es&nrm=iso. Access on: 03 abr. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.24265/horizmed.2018.v18n2.08>.

CECCHETTO, Fátima et al. Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 20, n. 59, p. 853-864, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832016000400853&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 04 fev. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0082>.

CHACHAM, Alessandra Sampaio; JAYME, Juliana Gonzaga. Violência de gênero, desigualdade social e sexualidade: As experiências de mulheres jovens em Belo Horizonte. **Civitas, Rev. Ciênc. Soc.**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, e1, mar. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-60892016000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 08 fev. 2020. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2016.1.21760>.

CIBRIÁN-LLANDERAL, Tamara et al. Variables sexuales, emocionales y físicas asociadas a la respuesta sexual em mujeres. **Vivat Academia**. n. 136, a. XIX, p. 31-51, sep. 2016. Available from: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=525755344003>. Access on: 10 feb. 2020. DOI: <https://doi.org/10.15178/va.2016.136.31-51>

COELHO, Edméia de Almeida Cardoso et al. Integralidade do cuidado à saúde da mulher: limites da prática profissional. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 154-160, mar. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452009000100021&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-81452009000100021>.

COLLING, Ana Maria. A construção histórica do corpo feminino. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 28, n. 2, 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/34170>. Acesso em: 22 dez. 2019.

COLOSSI, Patrícia Manozzo; FALCKE, Denise. Violência conjugal e família de origem: perfil discriminante de parceiros que cometem e não cometem infidelidade. **Psico**, Porto Alegre, v. 49, n. 4, p. 328-338, 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/26272>. Acesso em:

29 dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2018.4.26272> DOI:
<https://doi.org/10.15448/1980-8623.2018.4.26272>

CORREA, Sônia; ALVES, José Eustáquio Diniz; JANNUZZI, Paulo de Martino. Direitos e saúde sexual e reprodutiva: marco teórico conceitual e sistema de indicadores. In: CAVENAGHI, Suzana (Org.). **Indicadores municipais de saúde sexual e reprodutiva**. Rio de Janeiro: ABEP/UNFPA, 2006. p. 27-62.

CORTEZ, Mirian Béccheri; SOUZA, Lídio; QUEIROZ, Sávio Silveira de. Violência entre parceiros íntimos: uma análise relacional. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 10, n. 20, p. 227-243, dez. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2010000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 04 fev. 2020.

CORTEZ, Mirian Béccheri; SOUZA, Lídio de. Mulheres (in)subordinadas: o empoderamento feminino e suas repercussões nas ocorrências de violência conjugal. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 24, n. 2, p. 171-180, jun. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722008000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722008000200006>.

CORONADO, Ligia Noemi Kumul. La violencia del amor romántico en la narrativa de dos mujeres mexicanas. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 31, e180041, 2019. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822019000100241&lng=en&nrm=iso. Access on: 27 feb. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31180041>.

COSTA, Ana Alice; SARDENBERG, Cecília; PASSOS, Elizete. **O enfoque do gênero no Projeto de Desenvolvimento Comunitário da região do Rio Gavião**: Manual de Campo (textos de capacitação técnica), Cadernos de Apoio I, NEIM / REDOR, 2000.

COSTA, Crístoper Batista da; CENCI, Cláudia Mara Bosetto. A relação conjugal diante da infidelidade: a perspectiva do homem infiel. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 19-34, jun. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 05 fev. 2020.

COSTA, Crístoper Batista da et al. Infidelidade na perspectiva de homens e mulheres. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 3-18, jun. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 fev. 2020.

COSTA, Crístoper Batista da; CENCI, Cláudia Mara Bosetto. A relação conjugal diante da infidelidade: a perspectiva do homem infiel. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 19-34, jun. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 dez. 2019.

COSTA, Lucia Helena Rodrigues; COELHO, Edméia de Almeida Cardoso. Sexualidade e a interseção com o cuidado na prática profissional de enfermeiras. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 66, n. 4, p. 493-500, ago. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000400005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 mar. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672013000400005>.

COSTA, Mariana Aparecida et al. Fatores que obstam na comunicação entre pais e filhos adolescentes sobre sexualidade. **Rev Enferm UFSM**, v. 4, n. 1, p. 123-132, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/10216>. Acesso em: 17 fev. 2020.

COSTA, Nazaré et al. O ciúme está relacionado ao amor: Contribuições de uma perspectiva analítico-comportamental. **Perspectivas**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 40-48, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-35482014000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 jan. 2020.

COSTA LEITE, Franciéle Marabotti; VASCONCELOS MOURA, Maria Aparecida; GARCIA PENNA, Lucia Helena. Percepciones de las mujeres sobre la violencia contra la mujer: una revisión integradora de la literatura. **Av.enferm.**, Bogotá, v. 31, n. 2, p. 136-143, jul. 2013. Available from: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-45002013000200014&lng=en&nrm=iso. Access on: 21 mar. 2020.

CRUZ, Luciana Maria Britto da; LOUREIRO, Regina Pimentel. A comunicação na abordagem preventiva do câncer do colo do útero: importância das influências histórico-culturais e da sexualidade feminina na adesão às campanhas. **Saude soc.**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 120-31, jun. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000200012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 05 jan. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902008000200012>.

CRUZ, Maria Helena Santana. **Mapeando diferenças de gênero no ensino superior da Universidade Federal de Sergipe**. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

CRUZ, Zuleica Gomes et al. O processo de transferência de significados: um estudo sobre o consumo simbólico de lingerie por mulheres de baixa renda. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 9, n. 25, p. 141-78, ago. 2012. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/315>. Acesso em: 12 fev. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.18568/cmc.v9i25.315>

CUINAS, Ana Alejandra FUENTES; KOVAL, Santiago. Percepción de la infidelidad de adultos en el Área Metropolitana de Buenos Aires. **Univ. Psychol.**, Bogotá, v. 17, n. 2, p. 59-67, jun. 2018. Available from: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-92672018000200059&lng=en&nrm=iso. Access on: 17 fev. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.11144/javeriana.upsy.17-2.piaa>.

DECKER, Michele R. et al. Intimate partner violence functions as both a marker and risk factor for women's HIV infection: findings from Indian husband-wife dyads. **J Acquir Immune Defic Syndr**. v. 51, n. 5: 593-600, 2009. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3521617/>. Access on: 10 jan. 2020. DOI:10.1097/QAI.0b013e3181a255d6

DELIN, Catherine R.; BAUMEISTER, Roy F. Praise: More than just social reinforcement. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, v. 24, n. 3, p. 219-241, 1994. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1468-5914.1994.tb00254.x>

DENES, Amanda et al. Forgive and Forget? Examining the Influence of Blame and Intentionality on Forgiveness Following Hypothetical Same-Sex Infidelity in the Context of Heterosexual Romantic Relationships. **J Sex Res.**, v. 30, p. 482-97, may 2019. Available from: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31144529/>. Access on: 20 feb. 2020. DOI: 10.1080/00224499.2019.1612831.

DENZIN, Norman Kent; LINCOLN, Yvonna. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman Kent; LINCOLN, Yvonna (orgs). **Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2ª ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

DINI, G. M.; QUARESMA, M. R.; FERREIRA, L. M. Adaptação cultural e validação da versão brasileira da Escala de Autoestima de Rosenberg. **Rev Soc Bras Cir Plást**, v. 19, n. 1, p. 41-52, 2004. Disponível em: <http://www.rbc.org.br/details/322/pt-BR/adaptacao-cultural-e-validacao-da-versao-brasileira-da-escala-de-auto-estima-de-rosenberg>. Acesso em: 24 fev. 2020.

DINIZ, Ana Clara. A síndrome da alienação parental no Brasil: a origem, conceito e consequências. **Revista Vianna Sapiens**, v. 10, n. 2, 2019. Disponível em: <http://viannasapiens.com.br/revista/article/view/592>. Acesso em: 29 dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.31994/rvs.v10i2.592>

DINIZ, Gláucia R. S. Até que a vida – ou a morte – os separe: análise de paradoxos das relações violentas. In: FÈRES-CARNEIRO, Terezinha (Org.). **Casal e família: transmissão, conflito e violência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013. p. 191-216.

ELISÁRIO, Katia M.; GERALDES, Elen; MOURA, Dione. Para inglês ver: apontamento sobre representações da mulher brasileira em casos repercutidos na imprensa internacional. **Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 26, n. 03, set./dez. 2013, p. 467-477. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/2902>. Acesso em: 23 jan. 2020.

FAGUNDES, Maria Edvania de Oliveira. Sexualidade humana e orgasmo sexual. **Psicologia em foco**. v. 2, n. 1, jan./jun. 2009.

FALCÃO, Priscylla Helena Alencar Sobral. **Educação em saúde no cuidado a mulheres sob o olhar de profissionais da atenção básica**. 2016. 167p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

FANINI, Angela Maria Rubel; SANTOS, Marcia Lopes dos; GNOATO, Gilberto. Cultura da violência, dispositivo do amor-paixão, sexualidade e machismo: uma análise do discurso feminino em relacionamentos conturbados. **R. Inter. Interdisc. INTERthesis**, Florianópolis, v.14, n.2, p.132-151, mai./ago. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2017v14n2p132>. Acesso em: 17 jan. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/1807-1384.2017v14n2p132>

FERNANDES, Rosa Aurea Quintella; NARCHI, Nádia Zanon (org). **Enfermagem e saúde da mulher**. São Paulo: Manole, 2013.

FERNANDEZ, Márcia Rodrigues; GIR, Elucir; HAYASHIDA, Miyeko. Sexualidade no período climatérico: situações vivenciadas pela mulher. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 129-135, jun. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342005000200002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 04 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342005000200002>.

FERREIRA, Silvia Lúcia et al. Reflexões teórico-metodológicas sobre os usos do conceito de gênero nas áreas de saúde e de enfermagem. In: FERREIRA, Silvia Lucia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo; PAIVA, Mirian Santos. **O pensamento feminista e os estudos de gênero: experiências na Escola de Enfermagem da UFBA**. Coleção bahianas, v.15. Salvador: EDUFBA, 2012. 160p.

FEUERWERKER, Laura Camargo Macruz (Org). **Micropolítica e saúde: produção do cuidado, gestão e formação**. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014. 174 p.

FIGUEIREDO, Mariana Grasel de; DINIZ, Gláucia Ribeiro Starling. Mulheres, casamento e carreira: um olhar sob a perspectiva sistêmica feminista. **Nova perspect. sist.**, São Paulo, v. 27, n. 60, p. 100-110, abr. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412018000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 abr. 2020.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 15ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2011.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLORES FONSECA, Verceli Melina. Mecanismos en la construcción del amor romántico. **La ventana**, Guadalajara, v. 6, n. 50, p. 282-305, dic. 2019. Available from: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-94362019000200282&lng=es&nrm=iso. Access on: 02 mar. 2020.

FONSECA, Arilton Martins et al. Padrões de violência domiciliar associada ao uso de álcool no Brasil. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 43, n. 5, p. 743-749, out. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102009000500002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102009005000049>.

FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da; AMARAL, Marta Araújo. Reinterpretação da potencialidade das Oficinas de Trabalho Crítico-emancipatórias. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 65, n. 5, p. 780-787, out. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672012000500010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672012000500010>.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. 42ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

FRANCO, Débora Augusto; MAGALHAES, Andrea Seixas; FERES-CARNEIRO, Terezinha. Violência doméstica e rompimento conjugal: repercussões do litígio na família. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 154-171, dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2018000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 nov. 2019.

FREUD, S. Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade. In: FREUD, S. **Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 209-224.

GIFFIN, Karen. Violência de gênero, sexualidade e saúde. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 10, s. 1, p. S146-S155, 1994. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1994000500010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 04 ago. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X1994000500010>

GRISKEVICIUS, Vladas; KENRICK, Douglas. Fundamental motives: How evolutionary needs influence consumer behavior. **J Cons Psychol.**, v. 23, n. 3, p. 372-86, 2013. Available from: <https://asu.pure.elsevier.com/en/publications/fundamental-motives-how-evolutionary-needs-influence-consumer-beh>. Access on: 04 feb. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jcps.2013.03.003>

GURUNG, R. A. R. et al. Dressing "in code": Clothing rules, propriety, and perceptions. **J Soc Psychol.**, v. 158, n. 5, p. 553-7, nov. 2017a. Available from: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29048254/>. Access on: 11 feb. 2020. DOI: 10.1080/00224545.2017.1393383

GURUNG, R. A. R. et al. Power and provocativeness: The effects of subtle changes in clothing on perceptions of working women. **J Soc Psychol.**, v. 158, n. 2, p. 252-5, 2017b. Available from: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00224545.2017.1331991> Access on: 22 feb. 2020. DOI: 10.1080/00224545.2017.1331991.

HARRINGTON, E. K et al. Gendered power dynamics and women's negotiation of family planning in a high HIV prevalence setting: a qualitative study of couples in western Kenya. **Cult Health Sex.**, v. 18, n. 4, p. 453-69, 2015. Available from: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26503879/> Access on: 23 feb. 2020. DOI: 10.1080/13691058.2015.1091507.

HASELI, A. et al. Infidelity and Its Associated Factors: A Systematic Review. **J Sex Med.**, v. 16, n. 8, p. 1155-1169, aug. 2019. Available from:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1743609519311373>. Access on: 15 ene. 2020. DOI: 10.1016/j.jsxm.2019.04.011.

HELDMAN, Caroline. **Sexual Objectification Part 1: What is it?** Sítio CarolineHeldman.me. Available from: <https://drcarolineheldman.com/2012/07/02/sexual-objectification-part-1-what-is-it/#:~:text=If%20objectification%20is%20the%20process,that%20serves%20another's%20sexual%20pleasure>. Access on: 15 dec. 2019.

JESUS, V. R et al. Projeto de extensão “Rede de proteção à mulher: também eles por elas (HEFORSHE)”. **Rev Panorâmica**, ed. esp, 2019. Disponível em:

<http://revistas.cua.ufmt.br/revista/index.php/revistapanoramica/article/viewArticle/1034>. Acesso em: 22 fev. 2020.

LANDER, Rómulo. O amor: observações de um psicanalista octogenário. **Rev Psicanal.**, v. 25, n. 1, 2018. Disponível em:

<http://revista.sppa.org.br/index.php/RPdaSPPA/article/view/348/396>. Acesso em 18 fev. 2020.

LEEKER, O.; CARLOZZI, A. Effects of sex, sexual orientation, infidelity expectations, and love on distress related to emotional and sexual infidelity. **J Marital Fam Ther.**, v. 40, n. 1, p. 68-91, 2014. DOI: 10.1111/j.1752-0606.2012.00331.x.

LIVRAMENTO, Mariana Nazaré; HOR-MEYLL, Luis Fernando; PESSOA, Luís Alexandre Grubits de Paula. Valores que motivam mulheres de baixa renda a comprar produtos de beleza. **RAM, Rev. Adm. Mackenzie**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 44-74, fev. 2013. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712013000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-69712013000100003>.

GAO, Z. Et al. Men Who Compliment a Woman's Appearance Using Metaphorical Language: Associations with Creativity, Masculinity, Intelligence and Attractiveness. **Front Psychol.**, v. 21, n. 8, p. 2185, dec. 2017. Disponível em:

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5742614/>. Access on: 13 mar. 2020. DOI: 10.3389/fpsyg.2017.02185.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GÓES, E. D. A. A vergonha social e o medo: obstáculos para a superação da violência doméstica contra a mulher. **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 5, n. 11, p. 23627-23645, nov. 2019. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/4392>. Acesso em: 11 jan. 2020.

GOLDENBERG, Mirian. A Construção Social do Corpo: Um Novo Modelo de ser Mulher. **Revista da FACED**, n. 6, p. 87-97, 2002. Disponível em:

<https://portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/2777>. Acesso em: 21 jan. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/2317-1219rf.v7i6.2777>

- GOLDENBERG, Mirian. Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira. **Contemporânea**, v. 9, n. 2, p. 77-85, 2011a. Disponível em: http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_18/contemporanea_n18_06_Mirian_Goldenberg.pdf. Acesso em: 30 jan. 2020.
- GOLDENBERG, Mirian. **De perto ninguém é normal**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011b. 126 p.
- GOLDENBERG, Mirian. Gênero e corpo na cultura brasileira. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 65-80, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652005000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652005000200006>.
- GOLDENBERG, Mirian. **Homem não chora. Mulher não ri**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, 267 p.
- GOLDENBERG, Mirian. **Infiel: notas de uma antropóloga**. Rio de Janeiro: Record, 2006
- GOMES, Carla; SORJ, Bila. Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil. **Soc. estado.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 433-447, ago. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922014000200007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 fev. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922014000200007>.
- GONÇALVES, Elizabeth Moraes; NISHIDA, Neusa Fumie Kwabara. Publicidade e ética: um estudo da construção da imagem da mulher. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, v.6, n.17, p.49-72, nov. 2009. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/166/167>. Acesso em: 15 fev. 2020.
- GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de gênero e sexualidade. **Estudos de Gênero: Cadernos de área n. 9**. Goiânia: Editora da UCG, 2000.
- GUARIN-SERRANO, Rocío et al. Prevalence of orgasm in female university students in Bucaramanga (Colombia), 2013. **Rev Colomb Obstet Ginecol**, Bogotá, v. 65, n. 4, p. 330-7, dec. 2014. Available from: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-74342014000400007&lng=en&nrm=iso. Access on: 01 mar. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.18597/rcog.37>.
- GUIMARAES, Renata Cavalcante Santos et al. Impacto na autoestima de mulheres em situação de violência doméstica atendidas em Campina Grande, Brasil. **Rev Cuid**, Bucaramanga, v. 9, n. 1, p. 1988-1997, abr. 2018. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2216-09732018000101988&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 mar. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.15649/cuidarte.v9i1.438>.
- GURACHO, Yonas Deressa; BIFFTU, Berhanu Boru. Women's attitude and reasons toward justifying domestic violence in Ethiopia: a systematic review and meta-analysis. **Afr Health**

Sci., v. 18, n. 4, p. 1255-1266, dec. 2018. Available from:

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6354873/>. Access on: 19 dec. 2019. DOI: 10.4314/ahs.v18i4.47.

HEILBORN, Maria Luiza. Entre as tramas da sexualidade brasileira. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 43-59, abr. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000100004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 fev. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2006000100004>.

HEILBORN, Maria Luiza. Fronteiras simbólicas: gênero, corpo e sexualidade. *Cadernos Cepia*. Rio de Janeiro. v. 5, p. 73-92, 2002.

HEILBORN, Maria Luiza. Gênero, sexualidade e saúde. **In:** Saúde, Sexualidade e Reprodução - compartilhando responsabilidades. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1997, p. 101-110.

HEILBORN, Maria Luiza et al. **O aprendizado da sexualidade:** reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006. 536 p.

HEILBORN, Maria Luiza; CABRAL, Cristiane da Silva. Youth, gender and sexual practices in Brazil. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 25, n. spe, p. 33-43, 2013. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000500005&lng=en&nrm=iso. Access on: 19 Feb. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822013000500005>.

HERA. **Direitos sexuais e reprodutivos e saúde das mulheres:** idéias para ação, 1999. Disponível em: <http://portugues.iwhc.org/docUploads/HERAactionsheets%5Fpo.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2020.

HOLLANDA, Chico Buarque. Sem Açúcar. **In.:** Chico Buarque e Maria Bethânia ao vivo. Rio de Janeiro, 1975.

HOOKS, B. **Feminism is for everybody:** passionate politics. Cambridge: South End Press, 2000.

HYATT, C. S. et al. Narcissism and self-esteem: A nomological network analysis. **PloS One**. v. 13, n. 8, p. e0201088, aug. 2018. Available from: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0201088>. Access on: 27 dec. 2019. DOI: 10.1371/journal.pone.0201088.

IBANEZ, G. E. et al. 'Love and trust, you can be blinded': HIV risk within relationships among Latina women in Miami, Florida. **Ethn Health**, v. 22, n. 5, p. 510-27, oct. 2016. Available from: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27764959/>. Access on: 08 dec. 2019. DOI: 10.1080/13557858.2016.1244737.

ISANEJAD, Omid; BAGUERI, Arezoo. Marital Quality, Loneliness, and Internet Infidelity. **Cyberpsychol Behav Soc Netw.**, v. 21, n. 9, p. 542-548, sep. 2018. Available from:

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30212248/>. Access on: 29 ene. 2020. DOI: 10.1089/cyber.2017.0602.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Brasília, DF, 2018.

JELIN, Elizabeth. Mulheres e Direitos Humanos. **Rev Est Femin.**, v. 2, n.3, 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16293/14834>. Acesso em: 16 dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/%25x>

JONNISON, M. R.; LANGILLE, J.L.; WALSH, Z. The Role of Objectification in the Victimization and Perpetration of Intimate Partner Violence. **Violence Vict.**, v. 33, n. 1, p. 23-39, feb. 2017. DOI: 10.1891/0886-6708.VV-D-15-00085.

KAHHALE, Edna Maria Severino Peters. Subsídios para reflexão sobre sexualidade na adolescência. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair. (Org.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2015. 224 p.

KRONBAUER, José Fernando Dresch; MENEGHEL, Stela Nazareth. Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 5, p. 695-701, out. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102005000500001&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 29 dez. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102005000500001>.

LANA, Lígia Campos de Cerqueira. O caso Hope: sensualidade feminina na vida doméstica e na vida pública. **Galáxia (São Paulo)**, São Paulo, v. 13, n. 26, p. 214-226, dez. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-25532013000300017&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 05 jan. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1982-25532013000300017>

LEE, Brenda H; O'SULLIVAN, Lucia F. Walk the Line: How Successful Are Efforts to Maintain Monogamy in Intimate Relationships? **Arch Sex Behav.**, v. 48, n. 6, p. 1735-1748, aug. 2019. DOI: 10.1007/s10508-018-1376-3. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6669241/>. Access on: 11 feb. 2020. DOI: 10.1007/s10508-018-1376-3

LEITE, Franciéle Marabotti Costa et al. Violência contra a mulher e sua associação com o perfil do parceiro íntimo: estudo com usuárias da atenção primária. **Rev. bras. epidemiol.**, São Paulo, v. 22, e190056, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2019000100455&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 09 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-549720190056>.

LIMA, Livia Brasileiro; BRASILEIRO, Tania Suely Azevedo. A roupa e a moda: retrospectiva histórica. **RECH- Rev Ens Ciênc Human.**, v. 1, n. 1, p. 260-284, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/rech/article/view/4742/3848>. Acesso em: 23 dez. 2019.

LIMA, Márcia. O uso da entrevista na pesquisa empírica. In: ABDAL, Alexandre; OLIVEIRA, Maria Carolina Vasconcelos; GHEZZI, Daniela Ribas. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo**. São Paulo: Sesc São Paulo/CEBRAP, 2016.

LIPPI, Silvia. O gozo da insatisfação na relação sexual. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 165-174, ago. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982016000200165&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982016002001>.

LOUREIRO, Carolina Piazzarollo. **Corpo, beleza e auto-objetificação feminina**. 2014. 147 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, ago. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072008000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 fev. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072008000200003>.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MACLEOD, Catriona; NHAMO-MURIRE, Mercy. The emancipatory potential of nursing practice in relation to sexuality: A systematic literature review of nursing research 2009-2014. **Nurs Inq.**, v. 23, n. 3, p. 253-66, sep. 2016. Available from: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27147132/>. Access on: 16 dec. 2019. DOI: 10.1111/nin.12131

MALLMANN, Cleo José. Ciúmes: do normal ao patológico. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 43, p. 43-49, jul. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372015000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 05 nov. 2019.

MALTA, Renata Barreto; SILVA, Monique Rodrigues da. A atual representação da mulher em comerciais de cerveja: relações socioculturais e mercadológicas. **Verso e Reverso**, v. 30, n. 73, p. 50-57, 2016. DOI: 10.4013/ver.2016.30.73.05 ISSN 1806-6925

SALDANHA MARINHO, Paloma Abelin; GONCALVES, Hebe Signorini. Prácticas del empoderamiento femenino en Latinoamérica. **Rev Estud soc.**, Bogotá, n. 56, p. 80-90, jun. 2016. Available from: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-885X2016000200007&lng=en&nrm=iso. Access on: 03 fev. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.7440/res56.2016.06>.

MARTINS-SUAREZ, Fernanda Chiozzini; SOUSA, Júnia Marise Matos. Homem razão e mulher emoção: uma análise da relação dicotômica entre homens e mulheres na visão dos assentados(as). **Ambivalências**, v. 4, n. 7, p. 288-308, 2016. Disponível em:

<https://seer.ufs.br/index.php/Ambivalencias/article/view/4718>. Acesso em: 30 jan. 2020. DOI 10.21665/2318-3888.v4n7p288-308

MATOS, Marlise. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul global?. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 67-92, jun. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782010000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-44782010000200006>.

MCNULTY, James K. et al. Attentional and Evaluative Biases Help People Maintain Relationships by Avoiding Infidelity. **J Pers Soc Psychol.**, v. 115, n. 1, p. 76-95, jul. 2018. Available from: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29431460/>. Access on: 28 dec. 2019. DOI: 10.1037/pspi0000127.

MEDINA, José Luis VALDEZ et al. Causes that Take to Infidelity: An Analysis by Sex. **Acta de investigación psicol**, México, v. 3, n. 3, p. 1271-1279, dec. 2013. Available from: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2007-48322013000300007&lng=en&nrm=iso. Access on: 17 mar. 2020.

MENDONÇA, Fernanda; LANGNER, Ariane; ZULIANI, Cibeli. Movimento feminista e ativismo digital: as repressões online e offline a partir do uso das plataformas digitais pelo movimento. **Cad Esp Femin.**, Uberlândia, v. 30, n. 1, 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/nequem/article/view/34346>. Acesso em: 18 fev. 2020. DOI 10.14393/CEF-v30n1-2017-8

MENDES, Cláudio Lúcio. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. **Rev Ciênc Human.**, Florianópolis, n. 39, p. 167-181, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/17993> Acesso em: 25 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/%25x>

MENDES E SILVA, Maria Alice Siqueira. Sobre a Análise do Discurso. **Rev Psicol UNESP**, v. 4, n. 1, 2005. Disponível em: <http://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/view/998>. Acesso em: 29 dez. 2019.

MENEGHEL, Stela Nazareth; ANDRADE, Daniela Pinheiro. Conversas entre mulheres durante o exame citopatológico. **Saude soc.**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 174-186, jun. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902019000200014&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 02 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0104-12902019180700>

MENEGON, Carolina; SILVA, Enio Waldir da. A sexualidade feminina e a psicanálise: rompendo as amarras da moral sexual cristã e do sexo como reprodução. **Gênero & Direito**, v. 4, n. 3, dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ged/article/view/25975>. Acesso em: 24 dez. 2019.

MIGUEL, Luis Felipe. Carole Pateman e a crítica feminista do contrato. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 32, n. 93, e329303, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?>

script=sci_arttext&pid=S0102-69092017000100503&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 nov. 2019. DOI: <https://doi.org/10.17666/329303/2017>.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2013.

MIRANDA, Jéssica. Opinião pública e violência simbólica: o corpo feminino como enquete Social. **Revista Ártemis**, v. XXII, n; 1, p 112-122, jul./dez. 2016.

MONTEIRO, Rodrigo Padrini; ARAUJO, José Newton Garcia de; MOREIRA, Maria Ignez Costa. Você, dona de casa: trabalho, saúde e subjetividade no espaço doméstico. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei, v. 13, n. 4, p. 1-14, dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_artt. Acesso em: 04 dez. 2019.

MONTES, Liliana María Gómez; LÓPEZ, Rocío Quintal. Reflexiones sobre los cuerpos negados: mujeres mayas contemporáneas en Tahdziú, México. **Sex., Salud Soc. (Rio J.)**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 40-64, aug. 2019. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872019000200040&lng=en&nrm=iso. Access on: 30 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2019.32.04.a..>

MORAES, Késia Marques et al. Companheirismo e sexualidade de casais na melhor idade: cuidando do casal idoso. **Rev. Bras Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 787-798, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbgg/v14n4/a18v14n4.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2020.

MOREIRA, Ana Cleide Guedes; VIEIRA, Milla Maria de Carvalho Dias; CECCARELLI, Paulo Roberto. Sexualidade e ideal de feminilidade: contribuições para o debate. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 49, p. 45-53, jul. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372018000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 mar. 2020.

MOREIRA, Nathalia Carvalho et al. Empoderamento das mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família na percepção dos agentes dos Centros de Referência de Assistência Social. **Rev. Adm. Pública**, Rio de Janeiro, v. 46, n. 2, p. 403-423, abr. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122012000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 04 fev. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-76122012000200004>.

MUNSCH, Christin L. Her Support, His Support: Money, Masculinity, and Marital Infidelity. *American Sociological Review*, v. 80, n. 3, p. 469-495, 2015. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0003122415579989>. Acesso em: 28 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/0003122415579989>

NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso do; GIANORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid Faria; TRINDADE, Zeidi Araújo. A representação social do trabalho feminino para homens casados. **Mental**, Barbacena, v. 6, n. 11, p. 145-164, dez. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272008000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 mar. 2020.

NIMBI, F. M. et al. Questionário sobre crenças disfuncionais sexuais (SDBQ): tradução e propriedades psicométricas da versão em italiano. **Sexologias**, v. 28, n. 2, p. e11-e27, 2019, DOI: <https://doi.org/10.1016/j.sexol.2018.09.003>

NOBREGA, Andreia Tibúrcia Câmara. **O efeito do elogio na criatividade, orgulho, autoestima e motivação intrínseca: o papel da autoeficácia**. 2018. 70 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Escola de Ciências Sociais e Humanas, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2018

NORONA, J. C.; OLMSTEAD, S. B.; WELSH, D. P. Betrayals in Emerging Adulthood: A Developmental Perspective of Infidelity. **J Sex Res.**, v. 55, n. 1, p. 84-98, 2017. Available from: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00224499.2017.1342757>. Access on: 22 feb. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/00224499.2017.1342757>

OLCHOWSKA-KOTALA, A. Body esteem and self-esteem in middle-aged women. **J Women Aging**, v. 30, n. 5, p. 417-427, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/08952841.2017.1313012>.

OLIVEIRA, Deíse Moura de; JESUS, Maria Cristina Pinto de; MERIGHI, Miriam Aparecida Barbosa. Climatério e sexualidade: a compreensão dessa interface por mulheres assistidas em grupo. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 17, n. 3, p. 519-526, set. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000300013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 jan. 2020.

OLIVEIRA, Estephania de Lima; NEVES, André Luiz Machado das; SILVA, Iolete Ribeiro. Sentidos da sexualidade entre mulheres idosas: relações de gênero, ideologias mecanicistas e subversão. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 30, e166019, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100232&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 Jul 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30166019>.

OLIVEIRA, Nayara de Jesus. **Atenção à saúde da mulher na Estratégia Saúde da Família e limites da integralidade**. 2016. 99p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

OLIVEIRA, Queiti Batista Moreira. **Violência de gênero no namoro entre adolescentes sob a ótica dos adolescentes, educadores e profissionais da saúde**. 2014. 142 p. Tese (Doutorado em Ciências) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2014.

OLIVEIRA, Queiti Batista Moreira et al. Violência Física Perpetrada por Ciúmes no Namoro de Adolescentes: Um recorte de Gênero em Dez Capitais Brasileiras. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 32, n. 3, e32323, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722016000300236&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 fev. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-3772e32323>.

OLIVEIRA, Rebeca Nunes Guedes de; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. Love and violence at play: revealing the affective-sexual relations between young people using the gender lens. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 23, e180354, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832019000100227&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 04 Jan. 2020. <https://doi.org/10.1590/interface.180354>

O RAPPA. **Minha alma**. Rio de Janeiro: Warner Music, 1999. CD musical Lado B/Lado (56 min).

PAIXAO, Gilvânia Patrícia do Nascimento et al. Situações que precipitam conflitos na relação conjugal: o discurso de mulheres. **Texto contexto – enferm.**, Florianópolis, v. 23, n. 4, p. 1041-1049, dez. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072014000401041&lng=en&nrm=iso. 2020. Acesso em: 30 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-07072014003290013>.

PARANHOS, Rayssa Fagundes Batista; PAIVA, Mirian Santos; CARVALHO, Evanilda Souza de Santana. Vivência sexual e afetiva de mulheres com incontinência urinária secundária ao HTLV. **Acta paul. enferm.**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 47-52, feb. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002016000100047&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0194201600007>.

PARENT, Mike C. et al. What Is Bad From the Gander Is Bad From the Goose: Development and Validation of the Women's Objectification of Women Scale. **Assessment.**, v. 27, n. 5, p. 941-58, 2018. Available from: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1073191117754138>. Access on: 13 feb. 2020. doi:10.1177/1073191117754138

PATEMAN, Carole. **O Contrato Sexual**. São Paulo, Paz e Terra, 2008.

PAULA, Maria Angela Boccara de; TAKAHASHI, Renata Ferreira; PAULA, Pedro Roberto de. Os significados da sexualidade para a pessoa com estoma intestinal definitivo. **Rev bras. colo-proctol.**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 77-82, mar. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-98802009000100011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 fev. 2020.

PAULO, Catarina Marques. **Reações comportamentais e emocionais à infidelidade romântica: efeitos do método de descoberta, da satisfação relacional e do estilo de vinculação**. 2019. 56 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2019.

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli; FONTANA, Niura Maria. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. **Conjectura**, v. 14, n. 2, p. 77-88, 2009.

PECHORRO, Pedro; DINIZ, António; VIEIRA, Rui. Satisfação sexual feminina: Relação com funcionamento sexual e comportamentos sexuais. **Aná. Psicológica**, Lisboa, v. 27, n. 1, p. 99-108, mar. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?>

script=sci_arttext&pid=S0870-82312009000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 Jan. 2020.

PENNA, Lucia Helena Garcia et al. Caracterização da violência sexual vivida por mulheres atendidas em unidade de referência. **Rev Enferm Atual**. v. 81, n. 19, p. 24-30, 2017. Disponível em: <http://revistaenfermagematual.com/index.php/revista/article/view/318>. Acesso em: 29 dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.31011/reaid-2017-v.81-n.19-art.318>

PENNA, Lucy. **Corpo sofrido e mal-amado: As experiências da mulher com o próprio corpo**. São Paulo: Sumus. 1989. 253 p.

PEREIRA, Elcimar Dias. **Desejos polissêmicos: discursos de jovens mulheres negras sobre sexualidade**. 2008. 156 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

PEREIRA, Jéssica Oliveira. **“Meu corpo, minhas regras”? Feminismos e os sentidos do corpo em rede digital**. 2018, 127 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

PIMENTEL, Helen Ulhôa. A ambigüidade da moral colonial: casamento, sexualidade, normas e transgressões. **Univ. FACE**, Brasília, v. 4, n. 1-2, p. 29-63, 2007.

PINHEIRO, Patrícia Neyva da Costa et al. Relação entre infidelidade e infecção ao hiv/aids na visão de homens heterossexuais. **Cienc. enferm.**, v. 18, n. 3, p. 39-48, 2012. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-95532012000300005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 04 ago. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.4067/S0717-95532012000300005>.

PINTO, Francisco José Fernandes. **Satisfação conjugal, procura de sensações e motivações para a infidelidade**. 2017. 98 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Escola de Psicologia e Ciências da Vida Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2017.

PNAD- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. **Um Panorama da Saúde no Brasil - Acesso e utilização dos serviços, condições de saúde e fatores de risco e proteção à saúde**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/panorama_saude_brasil_2003_2008/defaulttab_pdf.shtm. Acesso em: 11 mar. 2018.

PORTO, J. R. R; LUZ, A. M. H. Matizes da violência contra a mulher: conhecendo o fenômeno. **Rev Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 207-218, ago. 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/4508/2445>. Acesso em: 22 mar. 2020.

QUEIROGA, Sara; MAGALHAES, Sara Isabel; NOGUEIRA, Conceição. Vivências e percepções de sexualidade de portuguesas com mais de 65 anos. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 26, n. 3, e46791, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?>

script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000300215&lng=pt&nrm=iso. Acesso: 29 dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n346791>.

QUEIROZ, Rosana Ataíde de; CUNHA, Tania Andrade Rocha. A violência psicológica sofrida pelas mulheres: invisibilidade e memória. **Rev. NUPEM**, Campo Mourão, v. 10, n. 20, p. 86-95, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://revistanupem.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/310/336>. Acesso em: 23 jan. 2020. DOI: <https://doi.org/10.33871/nupem.v10i20.310>

RAGO, Margareth. Sexualidade e identidade na historiografia. **Rev Resgate**, v. 6, n. 1, 1997. DOI: <https://doi.org/10.20396/resgate.v6i7.8645524>.

REZENDE, Ana Márcia de Almeida; SILVA, Joilson Pereira. Violência contra a mulher: representações sociais de adolescentes. **R. Inter. Interdisc. INTERthesis**, Florianópolis, v.15, n.1, p.92-110, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2018v15n1p92>. Acesso em: 30 jan. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/1807-1384.2018v15n1p92>

ROCHA, Kelly. **O papel das redes sociais na infidelidade sexual e emocional**. 2018. 38 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Escola de Psicologia, Universidade do Minho, Minho, 2018.

ROCHA, Roberta Zanini da; GALELI, Paola Rodegheri; ANTONI, Clarissa De. Rede de apoio social e afetiva de mulheres que vivenciaram violência conjugal. **Contextos Clínic.**, São Leopoldo, v. 12, n. 1, p. 124-152, abr. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822019000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 jan. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2019.121.06>

ROLLERO, Chiara; DE PICCOLI, Norma. Self-Objectification and Personal Values. An Exploratory Study. *Front Psychol.*, v. 23, 8:1055, jun. 2017. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5482001/>. Acesso em: 22 fev. 2020. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.01055>

ROSAS, Nina. Heterossexualidade e homossexualidade: prescrições sobre o uso do corpo das mulheres evangélicas. **Relig. soc.**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 2, p. 176-197, ago. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872018000200176&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 Dez. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0100-85872018v38n2cap06>.

ROSOSTOLATO, Breno. Reflexões acadêmicas sobre o estupro marital através da historicidade da violência sexual e de gênero. **Rev Bras Sexual Hum.**, v. 28, n. 1, p. 69-76. 2017. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/11. Acesso em: 25 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v28i1.11>

ROUNTREE, Michele A.; GRANILLO, Teresa; BAGWELL-GRAY, Meredith. Promotion of Latina Health: Intersectionality of IPV and Risk for HIV/AIDS. **Violence Against Women**,

v. 22, n. 5, p. 545-564, 2015. Available from: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26472666/>
Access on: 20 Feb. 2020. DOI: 10.1177/1077801215607358.

SÁ, Beatriz Yolanda Pontes de Gusmão. Corpo, gênero, sexualidade e a construção social dos indivíduos. **REIA- Rev. Est. Inv. Antrop.**, v. 3, n. 2, p. 10-19, 2016.

SAFFIOTI, Heleieth I. B.. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 16, p. 115-136, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332001000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 mar. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332001000100007>.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. (Orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SALOMONE, Ana Luiza Job de Carvalho; SAMPAIO NETO, Luiz Ferraz de. Violência de gênero. **Rev Fac Ciênc Méd Sorocaba**. v. 20, n. 4, p. 189-190, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/RFCMS/article/view/41431/0>. Acesso em: 24 mar. 2020. DOI: 10.23925/1984-4840.2018v20i4a1

SALVADOR. Secretaria Municipal de Saúde de Salvador. **Plano Municipal de Saúde, 2010-2013**. Salvador: Assessoria Técnica da Saúde, 2010.

SANTOS, Ingrid Cristina Lúcio. Mulher solteira procura: um estudo em torno da solteirice na representação social feminina. **Polêmica**, v. 14, n. 1, 2015. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/14263/10803>. Acesso em: 03 abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.12957/polemica.2015.14263>

SANTOS, Lais Rocha; CERQUEIRA-SANTOS, Elder. Infidelity: an integrative review of national publications. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 85-98, dec. 2016. Available from: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2016000200007&lng=en&nrm=iso. Access on: 14 Mar. 2020.

SANTOS, Paulo Rodrigues dos. A concepção de poder em Michel Foucault. **Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas**, v. 16, n. 28, p. 261-280, jan./jun. 2016.

SARDENBERG, Cecília M. B. Considerações introdutórias às pedagogias feministas. In: COSTA, Ana Alice Alcântara; VANIN, Alexnaldo Teixeira Iole Macêdo. **Ensino e Gênero: Perspectivas Transversais**. Salvador, UFBA - NEIM, 2011.

SARDINHA, Selma Sant'Anna da Fonseca. Violência de gênero nos relacionamentos abusivos. **Revista Ciências Jurídicas e Sociais Aplicadas**, v. 3, n. 1, 2020. Disponível em: <https://unig.edu.br/revistas/index.php/RevJurSoc/article/view/239>. Acesso em: 12 abr. 2020.

SATTLER, Marli Kath; TAVARES, Ana Cristina Costa Nicola; SILVA, Isabela Machado da. A infidelidade no relacionamento amoroso: possibilidades no trabalho clínico com casais. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 162-175, jul. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000100013&lng=en&nrm=iso. Access on: 14 mar. 2020.

SAUNAMAKI, N.; ANDERSSON, M.; ENGSTRÖM, M. Discussing sexuality with patients: Nurses' attitudes and beliefs. **J Adv Nurs.**, v. 66, n. 6, p. 1308-1316, jun. 2010. Available from: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20384642/>. Access on: 24 feb. 2020. DOI: 10.1111/j.1365-2648.2010.05260.x

SCAFFO, Maria Fátima; FARIAS, Francisco Ramos. A Transmissão dos protocolos de gênero como dispositivo de submissão feminina à violência conjugal. *R. Inter. Interdisc. INTERthesis*, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 134-159, jul./dez. 2011 Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2011v8n2p134>. Acesso em: 27 mar. 2020. DOI:10.5007/1807-1384.2011v8n2p134.

SCHEEREN, Patrícia; APELLANIZ, Iñigo de Alda Martínez de; WAGNER, Adriana. Infidelidade Conjugal: A Experiência de Homens e Mulheres. **Trends Psychol.**, Ribeirão Preto, v. 26, n. 1, p. 355-369, mar. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2358-18832018000100355&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 04 abr. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.9788/tp2018.1-14pt>.

SCHENATTO, Leticia Cristina; MAHL, Álvaro Cielo; OLIVEIRA, Lisandra Antunes de. Se ela não for minha, não será de mais ninguém: aspectos emocionais ligados ao crime passionais. **Unoesc & Ciência – ACBS**, v. 7, n. 1, p. 111-118, 2016. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/acbs/article/view/9997>. Acesso em: 13 jan. 2020.

SCHENSUL, S. L. et al. Sexual intimacy and marital relationships in a low-income urban community in India. **Cult Health Sex.**, v. 17, p. 1-15, oct. 2018. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6470050/>. Access on: 15 mar. 2020. DOI: 10.1080/13691058.2018.1491060.

SCHIMITI, Josilene A.; SARZEDAS, Leticia P. de Melo. Relacionamento estável na visão de casais. **Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa**, v. 24, n. 46, p. 87-100, set. 2018. Disponível em: <http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistateste/article/view/392>. Acesso em: 12 mar. 2020.

SCHLOSSER, Adriano. Interface entre saúde mental e relacionamento amoroso: um olhar a partir da psicologia positiva. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 17-33, dez. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 mar. 2020.

SCHLOSSER, Adriano; CAMARGO, Brígido Vizeu. Aspectos não explícitos das representações sociais da beleza física em relacionamentos amorosos. **Psicologia e Saber Social**, v. 4, n. 1, p. 89-107, 2015a. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/10405> Acesso em: 09 fev. 2020. DOI: 10.12957/psi.saber.soc.2015.10405 89

SCHLOSSER, Adriano; CAMARGO, Brígido Vizeu. Representações Sociais da Beleza física para modelos fotográficos e não modelos. *Psico.*, v 46, n. 2, p. 274-282, 2015b. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/17725/0>. Acesso em: 13 fav. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2015.2.17725>

SCHUSSLER, Cristina; LOMANDO, Eduardo. Negociação sexual conjugal. *Pensando fam.*, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 19-33, jun. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 mar. 2020.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, Porto Alegre: UFRGS, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 22 mar. 2020.

SCOTT, Joan Wallach. **Gender and the politics of history**. Nova York: Columbia University Press, 1999.

SCOTT, Joan Wallach. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História**. São Paulo: EDUNESP, 1992.

SCOTT, Joan Wallach. Preface a gender and politics of history. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 3, 1994. Available from: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1721>. Access on: 23 feb. 2020.

SELTERMAN, D.; GARCIA, J. R.; TSAPELAS, L. Motivations for Extradysadic Infidelity Revisited. *J Sex Res.*, v. 56, n. 3, p. 273-286, 2017. DOI: 10.1080/00224499.2017.1393494.

SERAFIM et al. Avaliação da satisfação sexual de homens atendidos em ambulatório de urologia. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 11, n. 4, e298, p 1-9, 2019. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/298>. Acesso em: 18 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e298.2019>

SEVERO, Mariana Leoratto. **Leia-me como uma história: Mulheres e a construção de narrativas da felicidade no instagram**. 2017. 162 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2017.

SILVA, Daniele da; SILVA, Renata Limongi França Coelho. Violência contra as mulheres nos relacionamentos conjugais e a dependência emocional: fator que influencia a permanência na relação. *Humanidades & Tecnologia em Revista*, v. 1, n. 20, 2020. Disponível em: http://revistas.icesp.br/index.php/FINOM_Humanidade_Tecnologia/article/view/1008. Acesso em: 13 abr. 2020.

SILVA, Ethel Bastos da; PADOIN, Stella Maris de Mello; VIANNA, Lucila Amaral Carneiro. Violência contra a mulher: limites e potencialidades da prática assistencial. *Acta paul. enferm.*, São Paulo, v. 26 n. 6, p. 608-613, dez. 2013. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002013000600016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002013000600016>.

SILVA, M. A. et al. Músicas que violentam a mulher: representações machistas nas letras do forró estilizado. In: XII CONAGES, 2016, Campina Grande. **Anais XII CONAGES [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/18551>. Acesso em: 12 abr. 2020.

SILVA, Sergio Gomes da. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 26, n. 1, p. 118-131, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000100011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 fev. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000100011>

SIQUEIRA, C.; ROCHA, E. S. Violência Psicológica contra a mulher: Uma análise bibliográfica sobre causa e consequência desse fenômeno. **Revista Arquivos Científicos (IMMES)**, v. 2, n. 1, p. 12-23, jun. 2019. Disponível em: <http://arqcientificosimmes.emnuvens.com.br/abi/article/view/107>. Acesso em: 22 abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5935/2595-4407/rac.immes.v2n1p12-23>

SIQUEIRA, Vitória de Barros et al. Violência Psicológica contra mulheres usuárias da atenção primária à saúde. **Rev. APS**, v. 21, n. 3, p. 437-49, jul./set. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/16379>. Acesso em: 30 jan. 2020. DOI: <https://doi.org/10.34019/1809-8363.2018.v21.16379>

SOUSA, Francisca Georgina Macedo de; ERDMANN, Alacoque Lozenzini; MAGALHÃES, Aline Lima Pestana. Contornos conceituais e estruturais da pesquisa qualitativa. In: LACERDA, Maria Ribeiro; COSTENARO, Regina Gema Santini (Org). **Metodologias da pesquisa para Enfermagem e Saúde: da teoria à prática**. 1ª ed. Porto Alegre: Moriá, 2016.

SOUSA, Jussilene Jesus. **Circunstâncias da ocorrência de gravidez não planejada em mulheres adultas**. 2011. 119 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SOUSA, Marília de Oliveira de; SIRELLI, Paula Martins. Nem santa, nem pecadora: novas roupagens, velhas dicotomias na coisificação da mulher. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 132, p. 326-345, ago. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282018000200326&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 jan. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0101-6628144>.

SOUSA, Renata Floriano de. Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 9-29, abr. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2017000100009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/18-06-9584.2017v25n1p9>.

SOUTO, Marise Dutra; SOUZA, Ives Emília de Oliveira. O. Sexualidade da mulher após a mastectomia. **Esc Anna Nery Rev Enferm.**, v. 8, n. 3, p. 402-410, set./dez. 2004. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=127718062011>. Acesso em: 22 mar. 2020.

SOUZA, Daniel Cerdeira de. **Relacionamentos abusivos: significados atribuídos por um grupo de jovens acadêmicos da UFAM**. 2018. 81 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.

SOUZA, Tatiana Machiavelli Carmo; PASCOALETO, Tainara Evangelista; MENDONÇA, Nayra Daniane. Violência contra mulher no namoro: percepções de jovens universitários. **Rev. Psicol. Saúde**, Campo Grande, v. 10, n. 3, p. 31-43, dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2018000300004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 jan. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/pssa.v10i3.695>.

STREHLAU, Vivian Iara; CLARO, Danny Pimentel; LABAN NETO, Silvio Abrahão. A vaidade impulsiona o consumo de cosméticos e de procedimentos estéticos cirúrgicos nas mulheres? Uma investigação exploratória. **Rev. Adm. (São Paulo)**, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 73-88, mar. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-21072015000100006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 04 ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5700/rausp1185>.

STREY, Marlene Neves. Mulheres e moda: a feminilidade comunicada através das roupas. **Revista FAMECOS**, v. 7, n. 13, p. 148-154, 10 abr. 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3090>. Acesso em: 22 abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2000.13.3090>

TALAMONI, Ana Carolina Biscalquini. **Corpo, ciência e educação: representações do corpo junto a jovens estudantes e seus professores**. 2007. 194 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2007.

TEIXEIRA, Carlos Eduardo Senareli; RETONDAR, Jéferson José Moebus. O uso do salto alto por mulheres jovens: entre a biomecânica do movimento e o imaginário da elegância. **Corpus et Scientia**, v. 7, n. 1, p. 35-53, mai. 2011. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/229103235.pdf> Acesso em: 12 jan. 2020.

TEIXEIRA, Sofia Isabel Magalhães. **O papel da inibição-excitação sexual e da qualidade do relacionamento no orgasmo feminino**. 2019. 43 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Escola de Psicologia, Universidade Lusófona do Porto, Porto, 2019.

THAPA, R.; YANG, Y.; CHAN, S. Young rural women's perceptions of sexual infidelity among men in Cambodia. **Cult Health Sex.**, v. 22, n. 4. p. 474-87, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/13691058.2019.1608469>.

TONDATO Marcia Perencin; VILAÇA, Maria Giselda da Costa. Periguetes: novas visibilidades e construção de identidades na sociedade midiática do consumo. **LUMINA**, v.

11, n. 3, p. 95-116, set./dez. 2017. Disponível em:
<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21370> Acesso em: 29 jan. 2020. DOI:
<https://doi.org/10.34019/1981-4070.2017.v11.21370>.

TRAVASSOS, Lorena. A mulher brasileira: da fotografia colonial à fotografia portuguesa contemporânea. **Comunicação e Sociedade**, Braga, v. 32, p. 147-168, dez. 2017. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2183-35752017000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 jan. 2020. DOI: [http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.32\(2017\).2755](http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.32(2017).2755).

TRENCH, B. A saúde da mulher: reflexões sobre o envelhecer. In: LITVOC, J.; BRITO, F. C. (Org.). **Envelhecimento: prevenção e promoção da saúde**. São Paulo: Atheneu, 2004. p. 220-226.

TRINDADE, Wânia Ribeiro; FERREIRA, Márcia de Assunção. Sexualidade feminina: questões do cotidiano das mulheres. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 17, n. 3, p. 417-426, set. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000300002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 04 ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000300002>.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em Educação – O Positivismo, A Fenomenologia, O Marxismo**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2009. 175p.

URBIOLA, Irache et al. Dependencia emocional en el noviazgo: papel mediador entre la autoestima y la violencia psicológica en jóvenes. **Revista española de drogodependencias**, n. 44, n. 1, p. 13-27, 2019. Disponible em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6877063>. Aceso en: 12 jan. 2020.

VASQUEZ, E. A.; BALL, L.; LOUGHNAN, S.; PINA, A. et al. The object of my aggression: Sexual objectification increases physical aggression toward women. **Aggress Behav.**, v. 44, n. 1, p. 5-17, jan. 2017. Available from: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/ab.21719>. Acesso em: 13 jan. 2020. DOI: 10.1002/ab.21719

VIEGAS, T.; MOREIRA, J. M. Julgamentos de infidelidade: Um estudo exploratório dos seus determinantes. **Estudos de Psicologia**, v. 18, n. 3, p. 411-418, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v18n3/01.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2020.

VIEIRA, Kay Francis Leal et al. Representação Social das Relações Sexuais: um Estudo Transgeracional entre Mulheres. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 36, n. 2, p. 329-340, jun. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000200329&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 29 fev. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703001752013>.

WEEKS, Jeffrey. **El malestar de la sexualidade: significados, mitos y sexualidades modernas**. Madri: Talasa, 1993.

WEISERA, Dana A. et al. Hannah Swiping right: Sociosexuality, intentions to engage in infidelity, and infidelity experiences on Tinder. **Baird Personality and Individual Differences**. v. 133, p. 29-33, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2017.10.025>

WHO. WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Sexual health**. Genebra: WHO; 2017. Available from: http://www.who.int/topics/sexual_health/en/. Access on: 24 nov. 2018.

WIEDMANN, Klaus-Peter; HENNIGS, Nadine; SIEBELS, Astrid. Measuring Consumers' Luxury Value Perception: A Cross-Cultural Framework. **Academy of Marketing Science Review**. v. 7, n. 7, 2007. Available from: <http://www.amsreview.org/articles/wiedmann07-2007.pdf>. Access on: 16 mar. 2020.

WOUTERS, Cas. Sexualização e Erotização: emancipação e integração do amor e do sexo. **Educ. Real**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 1217-1237, dec. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362017000401217&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 fev. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-623664282>.

YAMADA, Lia Toyoko; GARCIA, Joana; UZIEL, Anna Paula. Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes: A Psicologia e o Estado Penal. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 20, n. 2, p. 177-188, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287143251004>. Acesso em: 23 jan. 2020. DOI: 10.4025/psicoestud.v20i2.24458

ZANCAN, Natália; WASSERMANN, Virginia; LIMA, Gabriela Quadros de. A violência doméstica a partir do discurso de mulheres agredidas. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 63-76, jul. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2013000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 fev. 2020.

ZINELDIN, M. TCS is to Blame: The Impact of Divorce on Physical and Mental Health. **Int J Prev Med**, v. 12, n. 10, p. 141, aug. 2019. DOI: 10.4103/ijpvm.IJPVM_472_18. eCollection 2019.

ZUCCO, Luciana Patrícia; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Sexualidade feminina em revista(s). **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 13, n. 28, p. 43-54, mar. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832009000100005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 jan. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832009000100005>.

APÊNDICE A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de usuárias

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO
USUÁRIA DA ESF**

**EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO TECNOLOGIA DE CUIDADO ÀS MULHERES NO
ÂMBITO DA SEXUALIDADE**

A Sr^a está sendo convidada a participar de uma pesquisa intitulada “Educação em Saúde como tecnologia de cuidado às mulheres no âmbito da sexualidade”, que tem como objetivo geral construir tecnologias para educação em saúde no âmbito da sexualidade direcionadas a práticas de cuidado às mulheres e específicos: discutir demandas de mulheres para o cuidado no âmbito da sexualidade sob as bases emancipatórias da educação em saúde e analisar o potencial da educação em saúde como tecnologia de cuidado às demandas das mulheres no campo da sexualidade.

Trata-se de um projeto de tese desenvolvido pela pesquisadora Andiarra Rodrigues Barros, discente do Curso de Doutorado da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, com orientação da Prof^a Dr.^a Edméia de Almeida Cardoso Coelho.

A Sr^a poderá participar ou não da pesquisa, bem como desistir em qualquer fase do estudo ou anular este consentimento, sem qualquer prejuízo. Caso aceite, as informações serão coletadas em ambiente privativo, em uma sala reservada, sem interrupções de pessoas estranhas, e o seu nome será omitido, de modo que não será identificado/a, garantindo o sigilo e o anonimato e assegurando a privacidade. Há risco presumível até por conta de desconforto que poderá ser gerado com a oficina. Neste caso a entrevista será interrompida e a pesquisadora oferecerá todo apoio necessário.

A coleta dos dados será realizada mediante a sua prévia autorização por escrito. As informações serão coletadas a partir de três oficinas de reflexão com tempo estimado de três horas e será utilizado um gravador. Os produtos construídos nas oficinas serão fotografados, porém você não aparecerá. Concordando em participar a Sr^a poderá ter acesso a transcrição das falas e solicitar que retire ou acrescente quaisquer informações.

As entrevistas e os termos de consentimento serão arquivados por nós pesquisadoras durante cinco anos. Nesse período, caso tenha interesse em acessar os materiais, os mesmos estarão disponibilizados. Após este período, serão desprezados. Garantimos que os registros da sua participação nesse estudo serão mantidos em sigilo e somente as pesquisadoras responsáveis terão acesso a essas informações. As participantes serão beneficiadas, sobretudo a médio e longo prazo devido aos resultados a serem apontados pelo estudo que fornecerão subsídios para a implementação de políticas públicas voltadas a educação em

saúde voltada às mulheres na Estratégia Saúde da Família. As pesquisadoras não serão remuneradas para a realização desta pesquisa, bem como as participantes não receberão benefícios financeiros para a sua participação.

Os resultados deste estudo serão publicados na tese, artigos científicos e divulgados em eventos científicos. Os aspectos acima mencionados respeitam a Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que trata dos aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos. Quando desejar maiores informações sobre o estudo, poderá entrar em contato com: Andiará Rodrigues Barros – pesquisadora responsável (71) 30355984, andiarabarros@gmail.com, Av. José de Sá Maniçoba, S/N, Centro, Petrolina-PE e com o Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da UFBA (CEPEE-UFBA), (71)3283-7615, cepee.ufba@ufba.br, Rua Augusto Viana, s/n 4º andar, sala 432-437. Canela, Salvador, Bahia CEP: 40110-060.

Diante do exposto, pedimos a sua permissão para participar desta pesquisa. Caso esteja bem informado(a) e aceite participar, favor assinar esse documento em 02 (duas) vias, sendo que uma ficará com você e a outra ficará com as pesquisadoras.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que entendi todas as informações relacionadas à minha participação nesta pesquisa intitulada “Educação em Saúde como tecnologia de cuidado às mulheres no âmbito da sexualidade”, que li ou que foram lidas por mim. Conversei com a pesquisadora Andiará Rodrigues Barros sobre a minha participação voluntária no estudo. Não tenho dúvida de que não receberei benefícios financeiros. Concordo em participar, de forma voluntária, podendo desistir em qualquer etapa e retirar meu consentimento, sem penalidades, ou prejuízo, ou perda de benefícios aos quais tenho direito conforme a resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466 de 12 de dezembro de 2012. Terei acesso aos dados registrados e reforço que não fui submetida à coação, indução ou intimidação.

Nome da Participante da Pesquisa

Assinatura da Participante da Pesquisa

Impressão Digital

_____, ____/____/____

Andiará Rodrigues Barros
Pesquisadora Responsável

APÊNDICE B- Ficha de identificação de Usuárias da ESF

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

**FICHA DE IDENTIFICAÇÃO
USUÁRIAS DA ESF****EXPERIÊNCIA DA SEXUALIDADE NO DISCURSO DE MULHERES A PARTIR DA
RELAÇÃO COM PARCEIROS**

- Pseudônimo:
- Idade:
- Escolaridade:
- Estado civil:
- Religião:
- Cor autodeclarada:
- Profissão/ocupação:
- Renda pessoal:
- Renda familiar:
- Tempo de acompanhamento na ESF:

APÊNDICE C- Roteiro da 1ª oficina de reflexão/ Usuárias da ESF

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

**EXPERIÊNCIA DA SEXUALIDADE NO DISCURSO DE MULHERES A PARTIR DA
RELAÇÃO COM PARCEIROS**

ROTEIRO 1ª OFICINA DE REFLEXÃO
USUÁRIAS DA ESF

✓ CORPO E SEXUALIDADE

Tempo estimado: 2 horas

Coordenadora/facilitadora: Andiará Rodrigues Barros

Colaboradora: (discente do curso de graduação em enfermagem e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica-PIBIC)

Objetivos:

- Proporcionar aproximação das mulheres consigo mesma a partir da representação sobre seu corpo.
- Levantar questões acerca da sexualidade e seu modo de expressão a partir do corpo.

Etapas da Oficina:**1. Apresentação e Integração**

- Dinâmica das frutas.
- Entrega dos crachás e canetas hidrográficas para registros de nomes, explicando que não aparecerá na pesquisa.

- Acordo de convivência: colocar o celular no silencioso, aguardar o momento de falar, não interferir quando outra pessoa estiver falando, respeitar as opiniões diferentes, manter sigilo sobre os conteúdos discutidos, evitar sair da sala.

2. Desenvolvimento do tema:

Representações sobre corpo

- Explicar que será feito um trabalho sobre corpo utilizando massa de modelar.
- Pedir às mulheres que se sentem em colchonetes e procurem uma posição confortável.
- Colocar música relaxante e fazer um exercício de respiração.
- Pedir às mulheres que pensem sobre seu corpo.
- Com o grupo ainda concentrado, iniciar perguntas sobre o corpo a ser representado em massa de modelar.

Imagine que você está olhando para seu corpo e responda:

- Ao pensar no meu corpo, o que posso dizer sobre ele?
- Como sinto meu corpo?
- Como posso representar meu corpo na massa de modelar?

- Pedir que fiquem um tempo de olhos fechados pensando sobre essas questões.
- Entregar massa de modelar colorida a cada participante e recortes de cartolina para apoiar a massa trabalhada.
- Solicitar que representem o corpo na massa de modelar a partir de questões ditas verbalmente e também registradas em cartolina.
- Após esse momento introspectivo e de trabalho com a massa, iniciar a fase de socialização da experiência com discussão no grupo.

3. Socialização

- Promover a discussão e troca de conhecimentos coletivo.

4. Síntese pela coordenadora/facilitadora

- Retomar os pontos principais que emergiram da fala das mulheres (temas chaves e fazer a síntese).

5. Avaliação

- Solicitar que cada participantes fale uma palavra que representa a sua experiência no desenvolvimento da oficina.

6. Descontração/relaxamento

- Tocar música relaxante e solicitar que participante abrace a pessoa ao seu lado, desejando-lhe um bom retorno para casa e um breve reencontro na próxima oficina.

7. Lanche e confraternização

- Convidar as participantes para lanche de encerramento.

APÊNDICE D- Roteiro da 2ª oficina de reflexão/ Usuárias da ESF

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

**EXPERIÊNCIA DA SEXUALIDADE NO DISCURSO DE MULHERES A PARTIR DA
RELAÇÃO COM PARCEIROS****ROTEIRO 2ª OFICINA DE REFLEXÃO
USUÁRIAS DA ESF****✓ EU E MINHA SEXUALIDADE**

Tempo estimado: 2:00 horas.

Coordenadora/facilitadora: Andiana Rodrigues Barros.

Colaboradora: (discente do curso de graduação em enfermagem e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica-PIBIC).

Objetivo:

- Problematizar a sexualidade na vivência das mulheres.

1. Apresentação e Integração

- Dinâmica da tarjeta de papel na testa das participantes.
- Entrega dos crachás e canetas hidrográficas para registros de nomes, explicando que não aparecerá na pesquisa (devolver crachás com nomes de flores).
- Retomar o acordo de convivência: colocar o celular no silencioso, aguardar o momento de falar, não interferir quando outra pessoa estiver falando, respeitar as opiniões diferentes, manter sigilo sobre os conteúdos discutidos, evitar sair da sala.

2. Desenvolvimento do tema

- Explicar às mulheres que será feita uma atividade utilizando os sinais de trânsito, representados nas cores verde, amarelo e vermelho, que serão utilizadas de acordo com respostas dadas a algumas questões.

- Pedir às mulheres que sentem confortavelmente nos colchonetes, feche os olhos e, ao som de uma música instrumental, a facilitadora fará exercícios relaxantes de respiração. Em seguida, pedir que ouçam o texto que será lido e se mantenham concentradas para responder a questões feitas.
- Leitura do texto:
A sexualidade é algo da nossa intimidade e por isso, nem sempre, nos sentimos à vontade em compartilhar e muitas questões não são discutidas por não haver oportunidade e nem facilidade. Há aspectos que nós mulheres não estamos satisfeitas e outros que gostaríamos que fossem diferentes para que tivéssemos mais prazer nas nossas experiências.
- Pedir às mulheres que respondam às questões que seguem, usando tarjetas para registrar suas respostas.

Em relação à sua sexualidade:

- O que é bom e traz bem estar? (dar tempo para responderem)-Escrever as perguntas em cartolinas
- O que não é bom (em relação a sua sexualidade), mas você consegue lidar? (dar tempo)
- O que não é bom e produz mal estar? (dar tempo para responderem)
- Disponibilizar para o grupo tarjetas de papel A4.
- Colocar ao centro da sala um semáforo feito em cartolina duplex colorida
- Solicitar que coloquem tantas tarjetas quanto necessárias nas cores do semáforo correspondentes segundo as experiências com a sexualidade.
- Solicitar que as participantes escrevam ou peçam ajuda para escrever suas respostas nas tarjetas.
- Colocar as tarjetas com respostas da questão 1 no círculo verde; nas tarjetas amarelas, respostas que representem a questão 2; e na vermelha, as que representam respostas das questão 3.

- Socializar as experiências e discutir em grupo as reflexões que fizeram a partir das questões colocadas.

3. Síntese pela coordenadora/facilitadora

- Retomar os pontos principais que emergiram da fala das mulheres direcionando ao objetivo da oficina.

4. Avaliação

- Solicitar que cada participantes fale uma palavra que representa a sua experiência no desenvolvimento da oficina

5. Descontração e relaxamento

- Dinâmica “O ursinho”.
- Tocar música relaxante e solicitar que participantes façam um gesto de carinho com o ursinho. Logo após, pedir as participantes que façam o mesmo gesto de carinho com as participantes ao lado.

6. Lanche e confraternização

- Convidar as participantes para lanche de encerramento.

APÊNDICE E- Roteiro da 3ª oficina de reflexão/ Usuárias da ESF

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

**EXPERIÊNCIA DA SEXUALIDADE NO DISCURSO DE MULHERES A PARTIR
DA RELAÇÃO COM PARCEIROS****ROTEIRO 3ª OFICINA DE REFLEXÃO
USUÁRIAS DA ESF****✓ CONSOLIDANDO AS EXPERIÊNCIAS DE MULHERES NO ÂMBITO DA SEXUALIDADE**

Tempo estimado: 2:00 horas

Coordenadora/facilitadora: Andiará Rodrigues Barros.

Colaboradoras: (discente do curso de graduação em enfermagem e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica-PIBIC).

Objetivos:

- Resgatar principais pontos discutidos nas oficinas anteriores.
- Possibilitar às participantes o acesso aos resultados empíricos do processo de educação em saúde de base emancipatória no âmbito da sexualidade.
- Possibilitar ao grupo validar ou alterar o que se apresenta como síntese do olhar das mulheres sobre a sexualidade.

1. Apresentação e Integração

- Dinâmica da mímica.
- Entrega dos crachás e canetas hidrográficas para registros de nomes, explicando que não aparecerá na pesquisa.
- Retomar o acordo de convivência: colocar o celular no silencioso, aguardar o momento de falar, não interferir quando outra pessoa estiver falando, respeitar as opiniões diferentes, manter sigilo sobre os conteúdos discutidos, evitar sair da sala.

2. Desenvolvimento do tema

2.1 Introdução ao desenvolvimento do tema

- Resgatar pontos das oficinas anteriores expondo em mural com frases
- Solicitar aos/as participantes que pensem em tudo que foi abordado nos dois encontros anteriores
- Pedir que destaquem pontos que considerem relevantes resgatar, sejam aspectos positivos ou negativos.

2.2 Desenvolvimento do tema

- Solicitar que se reúnam em pequenos grupos conversem entre si sobre os pontos que consideraram importantes
- Disponibilizar cartolinas para escrever novas palavras que representem as oficinas.
- Após momento de reunião em grupos, solicitar que colem no painel à frente do salão, as tarjetas com o que produziram.
- Socializar as experiências e discutir em grupo as reflexões que fizeram a partir da atividade desenvolvida.

3. Síntese pela coordenadora/facilitadora

- Retomar os pontos principais que emergiram da fala das mulheres direcionando ao objetivo da oficina.

4. Avaliação

- Solicitar que cada participante fale sobre a sua experiência no desenvolvimento da oficina

5. Descontração e relaxamento

- Tocar música e promover o “abraço coletivo”.

6. Lanche e confraternização

- Convidar as participantes para lanche de encerramento.

ANEXO A- Termo de Confidencialidade**TERMO DE CONFIDENCIALIDADE**

As pesquisadoras do projeto intitulado "EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO TECNOLOGIA DE CUIDADO ÀS MULHERES NO ÂMBITO DA SEXUALIDADE" se comprometem a garantir a privacidade do(a)s Participantes da pesquisa cujos dados serão coletados por meio de oficinas de reflexão e entrevista conversação na Estratégia de Saúde da Família de Ilha Amarela, Distrito Sanitário do Subúrbio Ferroviário de Salvador, Bahia concordam com a utilização dos dados única e exclusivamente para execução do presente projeto. Informam que divulgação das informações só será realizada de forma anônima e sendo os dados coletados bem como os termos de consentimento livre e esclarecido mantidas em posse das pesquisadoras, no 5º andar da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, por um período de cinco anos sob a responsabilidade da pesquisadora Andriara Rodrigues Barros. Após esse período, os dados passarão a ser guardados no banco de dados do Grupo de pesquisa Saúde da Mulher, Gênero e Integralidade do Cuidado pelo tempo que for acordado entre pesquisadoras e Participantes da pesquisa no ato da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Salvador-Bahia, 29 de Novembro de 2018.

Nome do Membro da Equipe Executora	Assinatura
Andriara Rodrigues Barros	<i>Andriara R Barros</i>
Edméia de Almeida Cardoso Coelho	<i>Edméia de A. C. Coelho</i>
Aline Anne Cavalcante de Oliveira	<i>Aline Anne Cavalcante de Oliveira</i>

ANEXO B- Termo de Compromisso da Pesquisadora**TERMO DE COMPROMISSO DA PESQUISADORA**

Eu, Andíara Rodrigues Barros, declaro estar ciente das Normas e Resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos e que o projeto intitulado "EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO TECNOLOGIA DE CUIDADO ÀS MULHERES NO ÂMBITO DA SEXUALIDADE" sob minha responsabilidade será desenvolvido em conformidade com a Resolução 446/12, do Conselho Nacional de Saúde, respeitando a autonomia do indivíduo, a beneficência, a não maleficência, a justiça e equidade. Garantindo assim o zelo das informações e o total respeito aos indivíduos pesquisados. Ainda, nestes termos, assumo o compromisso de:

- Apresentar os relatórios e/ou esclarecimentos que forem solicitados pelo Comitê de Ética (CEP) da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia;
- Tornar os resultados desta pesquisa públicos quer sejam eles favoráveis ou não;
- Comunicar ao CEPEE/UFBA qualquer alteração no projeto de pesquisa e encaminhadas via Plataforma Brasil, sob a forma de relatório ou comunicação protocolada;
- Apresentar os resultados da pesquisa na instituição proponente e co-participante, ao CEPEE/UFBA após o seu término conforme exigência da Resolução 466/12.

Salvador-Bahia, 29 de novembro de 2018.



Assinatura da responsável pelo projeto

ANEXO C- Declaração de Concordância da Orientadora**DECLARAÇÃO CONCORDÂNCIA COM O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE
PESQUISA**

Eu, Edméia de Almeida Cardoso Coelho, pesquisadora responsável pela orientação do projeto de tese intitulado "EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO TECNOLOGIA DE CUIDADO ÀS MULHERES NO ÂMBITO DA SEXUALIDADE" declaro estar ciente do compromisso firmado para a orientação de Andriara Rodrigues Barros, discente do Curso de Pós-Graduação em Enfermagem vinculado ao Colegiado do Curso de Doutorado da Escola de Enfermagem, da Universidade Federal da Bahia.

Salvador, 29 de novembro de 2018.

Andriara Rodrigues Barros.
Assinatura da pesquisadora
responsável

Edméia de A. Coelho
Assinatura da orientadora

ANEXO D- Termo de Autorização Institucional da Proponente**TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA INSTITUIÇÃO PROPONENTE**

Eu, Profa. Dra. Carolina de Souza Machado, matrícula *24.236.1*....., Diretora da da Escola de Enfermagem, da Universidade Federal da Bahia, estou ciente e autorizo a pesquisadora Andiana Rodrigues Barros a desenvolver nesta instituição o projeto de pesquisa intitulado "EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO TECNOLOGIA DE CUIDADO ÀS MULHERES NO ÂMBITO DA SEXUALIDADE", o qual será executado em consonância com as Normas e Resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos, em especial a Resolução CNS 466/12. Declaro estar ciente de que a instituição proponente é co-responsável pela atividade de pesquisa proposta e executada pelos seus pesquisadores e dispõe da infraestrutura necessária para garantir o resguardo e bem estar do(a)s participantes da pesquisa.

Salvador-Bahia, 29 de Novembro de 2018.

Carolina Machado
Diretora da EEUFBA
19.11.2018

.....
Assinatura e carimbo da responsável institucional

ANEXO E- Parecer Secretaria Municipal da Saúde/Salvador



SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE
COORDENADORIA DE GESTÃO DE PESSOAS DA SAÚDE
SUBCOORDENADORIA DE CAPACITAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE PESSOAL

Salvador, 08 de novembro de 2018.

PARECER Nº. 070/2018

PROJETO/TÍTULO: EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO TECNOLOGIA DE CUIDADO ÀS MULHERES NO ÂMBITO DA SEXUALIDADE.

OBJETIVO GERAL: Construir tecnologias para educação em saúde no âmbito da sexualidade direcionadas a práticas de cuidado às mulheres.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Discutir demandas de mulheres para o cuidado no âmbito da sexualidade sob as bases emancipatórias da educação em saúde;
- Analisar o potencial da educação em saúde como tecnologia de cuidado às demandas das mulheres no campo da sexualidade.

PESQUISADORAS RESPONSÁVEIS: Prof^a. Dr^a. Edméia de Almeida Cardoso Coelho (orientadora), e Andiará Rodrigues Barros (doutoranda), andiarabarrosgamil.com.

INSTITUIÇÃO PROPONENTE: Universidade Federal da Bahia / Escola de Enfermagem.

INSTITUIÇÃO CO-PARTICIPANTE: Secretaria Municipal da Saúde (SMS) de Salvador.

CONSIDERAÇÕES:

Considerando a Carta nº. 0244/2010, CONEP/CNS, a Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº. 466/12, Resolução do CNS Nº 510/2016, a Lei nº. 12.527, de 18 de novembro de 2011, que regula o acesso a informações.

ITENS OBSERVADOS:

ITEM	CONTEMPLADO	PARCIALMENTE CONTEMPLADO	NÃO CONTEMPLADO	NÃO SE APLICA
JUSTIFICATIVA	X			
OBJETIVOS	X			
METODOLOGIA	X			
CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	X			
INSTRUMENTOS DE COLETA	X			
LOCUS DA PESQUISA	X			
RISCOS E ENCAMINHAMENTOS	X			



**SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE
COORDENADORIA DE GESTÃO DE PESSOAS DA SAÚDE
SUBCOORDENADORIA DE CAPACITAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE PESSOAL**

ITEM	CONTEMPLADO	PARCIALMENTE CONTEMPLADO	NÃO CONTEMPLADO	NÃO SE APLICA
CASO NECESSÁRIO				
MEIOS DE DIVULGAÇÃO DE RESULTADOS	X			
TCLE OBS. A RESOLUÇÃO 466/12 LIGUAGEM CLARA E ACESSÍVEL		X (1)		
SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE ENTREVISTAS E/OU ACESSO A DOCUMENTOS	X			
CRONOGRAMA	X			
OUTROS (orçamento)	X			

RECOMENDAÇÕES:

- 1) Incluir no TCLE a quantidade e o tempo estimado da Entrevista e oficinas que serão realizadas, possibilitando aos participantes uma previsão do seu tempo disponível para a pesquisa.

Enviar o parecer do Comitê de Ética em Pesquisa do projeto (digitalizado) para o email abaixo:

Email: integracaoensinoservico.sms@gmail.com

PARECER:

- **AUTORIZADO**

Salvador, 08 de novembro de 2018.



Almir Silva Ferreira

Mat. 104.420
Técnico da Subcoordenadoria
Subcoordenadoria de Capacitação e Desenvolvimento de Pessoal
Coordenadoria de Gestão de Pessoas da Saúde
Secretaria Municipal da Saúde
www.integracaoensinoservico.sms@gmail.com

ANEXO F- Carta de Anuência Secretaria da Saúde/SalvadorSecretaria
da Saúde

**COORDENADORIA DE GESTÃO DE PESSOAS DA SAÚDE
SUBCOORDENADORIA DE CAPACITAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE PESSOAL**

Salvador, 08 de novembro de 2018.

CARTA DE ANUÊNCIA

A Secretaria Municipal da Saúde do município de Salvador, Distrito Sanitário, e Serviços de Saúde, declaram conhecer as normas e resoluções que norteiam a prática de pesquisas envolvendo seres humanos, a Resolução do CNS 466/2012, a Resolução do CNS Nº 510/2016 e estar ciente das corresponsabilidades como instituição coparticipante, bem como do compromisso de garantir a segurança e o bem estar dos sujeitos e dados selecionados em seu âmbito para a realização do projeto de pesquisa denominado: **EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO TECNOLOGIA DE CUIDADO ÀS MULHERES NO ÂMBITO DA SEXUALIDADE**. O objetivo deste estudo é construir tecnologias para educação em saúde no âmbito da sexualidade direcionadas a práticas de cuidado às mulheres.

Esta pesquisa está sendo conduzida pelas pesquisadoras responsáveis Prof^ª. Dr^ª. Edméia de Almeida Cardoso Coelho (orientadora), e Andiará Rodrigues Barros (doutoranda). As pesquisadoras apresentaram o projeto à Subcoordenadoria de Capacitação e Desenvolvimento de Pessoal desta Secretaria, obtendo autorização no Parecer Nº **070/2018** e esta Carta de Anuência, para sua condução após sua aprovação em Comitê de Ética em Pesquisa da EE/UFBa. (CEPEE-UFBa.).

Atenciosamente,


Melícia Silva Reis Góes

Subcoordenadora/Capacitação/CGPS/SMS.

OBS. Esta carta não permite acesso ao lócus de pesquisa para coleta de dados, a pesquisa só poderá ter início após envio de ofício de autorização desta Subcoordenadoria de Capacitação ao Distrito Sanitário e/ou unidade requisitada.

ANEXO G- Parecer de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa

UFBA - ESCOLA DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO TECNOLOGIA DE CUIDADO ÀS MULHERES NO ÂMBITO DA SEXUALIDADE

Pesquisador: Andiará Rodrigues Barros

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 03743318.4.0000.5531

Instituição Proponente: Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.168.276

Apresentação do Projeto:

A educação em saúde compreende a relação entre o conhecimento e os processos de saúde e doença, visando à promoção da saúde e a aproximação entre a prática profissional e a realidade da população. Em relação à saúde das mulheres, tem-se a educação em saúde, como espaço para relações dialógicas que favoreçam a problematização de experiências, entre elas as vivenciadas no corpo. Particularizando a sexualidade, essa é demandante de ações de cuidado oriundas das relações de gênero e expressam os limites do poder das mulheres sobre seu corpo. Será desenvolvido estudo no distrito sanitário do Subúrbio Ferroviário de Salvador, Bahia, cuja produção dos dados empíricos ocorrerá em uma unidade da Estratégia Saúde da Família (ESF). A pesquisa será realizada com mulheres usuárias da ESF e profissionais da saúde, em momentos distintos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Construir tecnologias para educação em saúde no âmbito da sexualidade direcionadas a práticas de cuidado às mulheres.

Objetivo Secundário:

Discutir demandas de mulheres para o cuidado no âmbito da sexualidade sob as bases

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar

Bairro: Canela

CEP: 41.110-060

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3283-7615

Fax: (71)3283-7615

E-mail: cepee.ufba@ufba.br

UFBA - ESCOLA DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA



Continuação do Parecer: 3.168.276

emancipatórias da educação em saúde.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A pesquisa não confere risco no que diz respeito à integridade física e moral, porém se algum/a participante referir desconforto de cunho psicológico, psíquico, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual, poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer tempo, sem prejuízo para sua relação futura com a ESF. Caso algum/a participante apresente algum desconforto relacionado ao resgate de vivências pessoais surgidas durante a realização da pesquisa, a pesquisadora/enfermeira oferecerá o apoio necessário, com escuta qualificada e possíveis encaminhamentos a profissionais especializados que atuam nos Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF) ou em outros serviços da rede de saúde do município.

Benefícios:

Pretende-se fortalecer o compromisso da equipe da ESF de melhorar as práticas de educação em saúde com repercussões diretas em outras práticas de cuidado à mulher, com foco em demandas oriundas da vivência da sexualidade, que se interseccionam com os direitos reprodutivos, a saúde sexual e a saúde reprodutiva. Os processos problematizadores da realidade tem repercussões também na relação profissionais-usuárias a partir da experiência da equipe vivenciada na Pesquisa Convergente Assistencial (PCA).

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de estudo de abordagem qualitativa do tipo Pesquisa Convergente Assistencial (PCA). A PCA se dá no ambiente das práticas e incorpora pesquisa e assistência, com convergência entre o saber teórico, ênfase da pesquisa, e o saber prático, ênfase da assistência. Assim, caracteriza-se pela intencionalidade de transformação de ambientes de trabalho em saúde com a força qualitativa para os cuidados na rede de serviços, em particular no SUS (PAIM; TRENTINI; SILVA, 2016). Serão utilizados gênero e integralidade como categorias analíticas. Gênero é entendido como construção social das identidades subjetivas de homens e mulheres baseada nas diferenças percebidas entre os sexos, estabelecendo-se relações hierárquicas e de poder (SCOTT, 1995). A integralidade supera a visão tecnicista da atenção à saúde com valorização do contexto em que as demandas se inserem. Reconhece as múltiplas dimensões humanas, suas interações e mobiliza profissionais de saúde para garantir

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Canela **CEP:** 41.110-060
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 **Fax:** (71)3283-7615 **E-mail:** cepee.ufba@ufba.br

UFBA - ESCOLA DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA



Continuação do Parecer: 3.168.276

acesso a serviços e a ações resolutivas. Será desenvolvido estudo no distrito sanitário do Subúrbio Ferroviário de Salvador, Bahia, cuja produção dos dados empíricos ocorrerá em uma unidade da Estratégia Saúde da Família (ESF). A pesquisa será realizada com mulheres usuárias da ESF e profissionais da saúde, em momentos distintos. O material empírico será produzido por meio da técnica oficina de reflexão e entrevista conversação. A primeira permite reflexão, discussão, troca de experiências e de saberes construindo-se conhecimento de modo coletivo. A entrevista conversação, segundo a pesquisa convergente-assistencial, será guiada por questões originadas das técnicas participativas indicadas. A análise do material empírico será realizada por meio da técnica de análise de discurso com base em Fiorin (2004) para o qual o discurso é uma posição social e as formações ideológicas são materializadas na linguagem.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos foram apresentados.

Recomendações:

Elaborar Relatórios e promover a devolutiva dos Resultados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Atendidos os princípios éticos e bioéticos, bem como as pendências anteriormente formuladas, opino pela aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Colegiado homologa parecer de aprovação emitido pelo relator.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1267113.pdf	09/02/2019 12:13:50		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_ANDIARA_RODRIGUES_BARRIOS.pdf	09/02/2019 12:11:14	Andiara Rodrigues Barros	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	30/11/2018 00:46:07	Andiara Rodrigues Barros	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	30/11/2018 00:44:54	Andiara Rodrigues Barros	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TCLE.pdf	30/11/2018 00:41:21	Andiara Rodrigues Barros	Aceito

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Canela **CEP:** 41.110-060
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 **Fax:** (71)3283-7615 **E-mail:** cepee.ufba@ufba.br

UFBA - ESCOLA DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA



Continuação do Parecer: 3.168.276

Ausência	TCLE.pdf	30/11/2018 00:41:21	Andiara Rodrigues Barros	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	INSTITUICAO_PROPONENTE.pdf	30/11/2018 00:34:33	Andiara Rodrigues Barros	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMO_DE_CONFIDENCIALIDADE.pdf	30/11/2018 00:32:44	Andiara Rodrigues Barros	Aceito
Outros	DECLARACAO_CEP.pdf	30/11/2018 00:32:00	Andiara Rodrigues Barros	Aceito
Outros	ORIENTADORA.pdf	30/11/2018 00:28:57	Andiara Rodrigues Barros	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMO_DE_COMPROMISSO.pdf	30/11/2018 00:25:24	Andiara Rodrigues Barros	Aceito
Outros	PARECER_SMS_UFBA_ENFERMAGE M.pdf	30/11/2018 00:09:37	Andiara Rodrigues Barros	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CARTA_DE_ANUENCIA.pdf	30/11/2018 00:03:42	Andiara Rodrigues Barros	Aceito
Folha de Rosto	8_FOLHA_DE_ROSTO.pdf	29/11/2018 23:50:08	Andiara Rodrigues Barros	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 25 de Fevereiro de 2019

Assinado por:

Daniela Gomes dos Santos Biscarde
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Canela CEP: 41.110-060
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 Fax: (71)3283-7615 E-mail: cepee.ufba@ufba.br